



Este trabalho está licenciado sob uma licença [Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). Fonte: <https://livros.unb.br/index.php/portal/catalog/book/305>. Acesso em: 08 dez. 2022.



Pesquisa, projeto e industrialização:

a participação da arquitetura
na UnB de Darcy Ribeiro

Maribel del Carmen Aliaga Fuentes

EDITORA
UnB 60



Universidade de Brasília

Reitora : Márcia Abrahão Moura
Vice-Reitor : Enrique Huelva

EDITORA



UnB

Diretora : Germana Henriques Pereira

Conselho editorial : Germana Henriques Pereira (Presidente)
: Ana Flávia Magalhães Pinto
: Andrey Rosenthal Schlee
: César Lignelli
: Fernando César Lima Leite
: Gabriela Neves Delgado
: Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo
: Liliane de Almeida Maia
: Mônica Celeida Rabelo Nogueira
: Roberto Brandão Cavalcanti
: Sely Maria de Souza Costa

Pesquisa, projeto e industrialização:

a participação da
arquitetura na UnB
de Darcy Ribeiro

Maribel del Carmen Aliaga Fuentes



	Equipe editorial
Coordenação de produção editorial	Marília Carolina de Moraes Florindo
Assistência editorial	Emilly Dias de Matos
Preparação e revisão	Alexandre Vasconcellos de Melo
Projeto gráfico	Cláudia Dias
Diagramação	Haroldo Brito
Foto de capa	Luiz Henrique Gomes Pessina

© 2022 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:

Editora Universidade de Brasília

Centro de Vivência, Bloco A - 2ª etapa, 1º andar

Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF

CEP: 70910-900

Site: www.editora.unb.br

E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
 (Biblioteca Central da Universidade de Brasília – BCE/UNB)
 Camila Moreira Mendes Barcelos – CRB 1/2193

A398p

Aliaga Fuentes, Maribel del Carmen.

Pesquisa, projeto e industrialização : a participação da arquitetura na UnB de Darcy Ribeiro / Maribel del Carmen Aliaga Fuentes. - Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2022.

116 p. ; 27 cm.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-5846-119-7 (impresso).

ISBN 978-65-5846-113-5 (e-book).

1. Universidade de Brasília - História. 2. Universidade de Brasília. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - História. I. Título.

CDU 378.4(817.4)(09)



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Lista de figuras

- Figura 1:** Mapa da Asa Norte nos anos 1960 13
- Figura 2:** Colagem – capas das dissertações 14
- Figura 3:** Mapa dos mestrandos e seus orientadores com datas de formação 16
- Figura 4:** Oca em construção 19
- Figura 5:** Primeira Turma 21
- Figura 6:** Bar situado na passagem da entrequadra para a faixa verde 22
- Figura 7:** Inauguração da Universidade de Brasília – Auditório Dois Candangos em construção 24
- Figura 8:** Plano da cidade 26
- Figura 9:** Contracapa do *Plano Orientador da Universidade de Brasília* 27
- Figura 10:** Primeiro vestibular UnB – resultado 28
- Figura 11:** Primeira Turma - convite ao paraninfo 29
- Figura 12:** Plano urbanístico – Lucio Costa 30
- Figura 13:** Plano urbanístico – Ceplan 31
- Figura 14:** Instituto Central de Artes em obras 31
- Figura 15:** Instituto Central de Artes em construção 32
- Figura 16:** Os arquitetos eram do Ceplan 35
- Figura 17:** Homens em pé, entre eles Darcy Ribeiro, sobre a rampa da Faculdade de Educação, antiga reitoria, na inauguração da Universidade de Brasília, com bandeiras ao fundo (1962) 38
- Figura 18:** Oca de Sérgio Rodrigues 40
- Figura 19:** Construção do edifício de Serviços Gerais 41
- Figura 20:** Construção do Protótipo Residencial 42
- Figura 21:** Construção dos primeiros edifícios residenciais da UnB (colina) 43
- Figura 22:** Construção do Instituto Central de Ciências 44
- Figura 23:** Primeiras invasões 47
- Figura 24:** Mapa dos Julgados 50
- Figura 25:** Casa da Princesa 51
- Figura 26:** Detalhes sobre o patrimônio de Goiás 52
- Figura 27:** Registro climático anual de Brasília 53

- Figura 28:** Comissão de Avaliação de Mestrado 57
- Figura 29:** O novo humanismo científico 59
- Figura 30:** Pré-fabricados na UnB - primeiro período 62
- Figura 31:** SG-1 (Instituto Central de Artes) 64
- Figura 32:** Proposta de urbanização das quadras 307/308 67
- Figura 33:** Proposta de urbanização das quadras 107/108 67
- Figura 34:** O *Campus* e o Cerrado 68
- Figura 35:** Proposta paisagística – pontos de encontro 68
- Figura 36:** Maquete de estudo 69
- Figura 37:** Fichas de estudo 72
- Figura 38:** Montagem – fotos do comércio 73
- Figura 39:** Comparativo de estudo viário Asa Sul/Asa Norte 74
- Figura 40:** Maquete das propostas habitacionais 75
- Figura 41:** Os bloquinhos construídos 76
- Figura 42:** Colagem Cronologia – Memorial da Democracia 78
- Figura 43:** Posse do Presidente Jânio Quadros, Brasília/DF 82
- Figura 44:** Membros do Conselho Diretor (da esquerda para a direita: João Moojem de Oliveira, Frei Mateus Rocha, Hermes Lima, Abgar Renault, Osvaldo Trigueiro, Alcides da Rocha Miranda, Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro) 83
- Figura 45:** De 1962 a 1965 – cronologia 84
- Figura 46:** *Curriculum* 87
- Figura 47:** Mayumi em 1985 desenvolvendo atividade com alunos da escola do Jardim Fortaleza, na periferia de São Paulo 91
- Figura 48:** Philomena e outras mestrandas na Colina, 1964 92
- Figura 49:** Márcia com o amigo Alfonso, 2006 93
- Figura 50:** Aos mestres da pós-graduação na UnB (1962-1965) 95
- Figura 51:** Foto interna do ICC na FAU-UnB 106

Sumário

Prefácio 9

A vida no “meio das coisas” 9

Capítulo 1

No meio das coisas 13

Apresentação 13

A Vila São Miguel 15

O início das atividades 18

O tempo e os olhares 19

Capítulo 2

Arquitetura, cidade – universidade 23

Plano Orientador da Universidade de Brasília 25

A Bauhaus do Cerrado 32

Os arquitetos eram do Ceplan 35

A industrialização como pesquisa na Universidade de Brasília 39

As crises e a demissão coletiva: o fim do curto período 45

Capítulo 3

As primeiras pesquisas na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília 49

A defesa da ocupação territorial 51

Notas sobre a arquitetura do século XVIII em Pilar de Goiás 51

Alguns dados sobre o clima para a edificação em Brasília 54

Os teóricos e a historiografia que estava por vir 55

Valores Arquitetônicos 56

Investigação dos trabalhos de Le Corbusier, Costa e Oscar Niemeyer 58

Algumas considerações sobre um texto de Lucio Costa 60

A pré-fabricação como pesquisa 61

Aspectos gerais da pré-fabricação 63

Os projetos e a pesquisa, ou as pesquisas e os projetos? 66

Paisagismo da área de vizinhança São Miguel-Brasília 69

- Centro de educação elementar **70**
- Escolas Primárias **71**
- Um estudo do comércio local de Brasília **73**
- Aspectos da habitação urbana **75**

Capítulo 4

Memória e história 79

- Um parto complicado **82**
- As incertezas de uma Universidade no Cerrado **85**
- A diversidade cultural, o notório saber e suas armadilhas **87**
- As mulheres mestrandas na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília dos anos 1960 **89**

Capítulo 5

Depoimentos e memórias 95

- Philomena e os múltiplos olhares **96**
- Leal, a luta pelo ensino **97**
- Geraldo Santana, o apagamento como processo **100**
- Jayme, o grupo de Brasília **102**
- Geraldo Nogueira, o notório saber **103**
- Alfonso, um colombiano no Cerrado **104**
- O rabo de foguete **105**

A vida no “meio das coisas”

Foi nos planos, programas e projetos sonhados, elaborados e desenhados ao som de Vivaldi, Beethoven, Dvořák, enunciados sob a forma de dissertações de mestrado por um grupo de jovens arquitetos recém-formados, que Maribel Del Carmen Aliaga Fuentes encontrou a fundamentação das questões teóricas, das práticas projetuais de pesquisa, das propostas formuladas e discutidas de 1960 a 1965 no Centro de Estudos e Planejamento Arquitetônico e Urbanístico (Ceplan) da Universidade de Brasília (UnB).

Na origem, a UnB fora inscrita, no tempo e no espaço, pelos pensadores da educação Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro – assessorados por Edson Nery da Fonseca, para as questões bibliológicas. Assim, traçaram de forma elaborada o alcance das linhas para a execução de dois sistemas de organização e administração, que se completavam e contribuíam para a melhoria dos cursos de graduação e de pós-graduação. O primeiro era voltado para o ensino, a pesquisa e a extensão. O segundo, para a centralização e a disseminação da pluralidade do acervo bibliográfico e documental de conhecimentos destinados à formação de pessoal.

Preservados na Biblioteca Central, os registros gerados nos primórdios dos cursos de pós-graduação ocuparam um difuso lugar de memória. Revelar novas propostas contidas nesses exemplares únicos, registrados por máquinas datilográficas e cópias em carbono, deu sentido à ordem conceitual dos textos, que deslindavam os avanços da Arquitetura e do Urbanismo, no contexto sociocultural da época.

A princípio, as dissertações pareceram a Maribel Fuentes “documentos mudos aos quais era preciso dar voz”. De pronto, o viajante Jean de Léry (*Histoire d’un voyage fait en la Terre du Brésil, autrement dite Amérique*, 1a. ed., La Rochelle, 1578) [História de uma viagem feita à Terra do Brasil, também dita América] foi lembrado, julgado feiticeiro pelos índios porque escrevia e lia em voz alta, fazendo-se entender por meio de um papel. Ora, papel e tinta falam por meios visíveis e invisíveis: traçam ou encobrem caminhos, transmitem ideias e sentimentos expressos ou ocultos, expõem, afirmam ou negam teorias ou práticas, destacam ou ignoram o sentido das palavras, ilustram ou sonorizam as sentenças.

Daí o recurso técnico das entrevistas com os autores, alguns professores, para dar significado à escrita e aprofundar as lembranças sobre o desenvolvimento dos trabalhos de pesquisa e as experiências da vida acadêmica. Um meio para entender a vivência dos que ocuparam ou circularam em áreas urbanas, conviveram em edificações moldadas por elementos construtivos pré-fabricados, vibraram com os concertos sinfônicos ocuparam e usufruíram dos espaços ambientados com o *design* moderno do mobiliário em madeira industrializada.

Os documentos produzidos na pós-graduação por arquitetos e arquitetas instauraram novas relações temporais com a cidade, em especial a universitária. Refletiram e delimitaram as temáticas, visando atender as melhores formas de ocupar e preservar os espaços, por meio dos traçados, das afinidades que a força do urbanismo de Lucio Costa e da arquitetura sinuosa de Oscar Niemeyer demonstraram no modelo da cidade capital, núcleo irradiador de poder e na própria concepção e construção da universidade.

Vigorava o pensar sobre como organizar a realidade sem esquecer o processo histórico, mas identificando e atualizando os antigos liames de origem colonial. Daí a preocupação com as questões que, de certo modo, os afetava pessoalmente, e diziam respeito à ocupação do território, ao clima, aos valores éticos, estéticos, arquitetônicos, à obra projetada na perspectiva da arte, ao desenvolvimento da industrialização e da pré-fabricação, à habitação e ao paisagismo, aos centros educacionais, às escolas primárias e ao comércio no plano piloto de Brasília.

Todavia, em curto espaço de tempo, os mestrados, que se dedicavam ao estudo e à pesquisa em tempo integral, com afinco e alegria, assistiram perplexos à invasão do *campus* em 1964 pelos soldados da Polícia Militar de Minas Gerais, que pensaram que fossem do Exército. Findas as dissertações e as apresentações em bancas de defesa até 1965, o movimento político e histórico nacional os levou junto com professores ao ato de esvaziamento dos primeiros mestrados no país.

Foi o término de uma etapa experimental e desafiadora para todos os cursos de pós-graduação em uma universidade que se almejava notável, firmada pela organicidade dos cursos, pelo quadro de renomados professores, pelas pesquisas em desenvolvimento, pela qualidade e quantidade dos recursos bibliográficos, pelos cursos de extensão ministrados fora do *campus*. Mas os mecanismos sociopolíticos cuidaram de apagar essas experiências coletivas, mais a presença e a produção escrita dos precursores. Contudo, os cursos foram redefinidos e remodelados nos anos subsequentes.

Eis agora a importância da difusão dos documentos históricos. Esses suportes, identificados, desvendados, de modo a ecoar os fatos materiais e imateriais, foram e são fundamentais para o entendimento do valor real de um tempo dedicado ao avanço metódico do conhecimento a ser difundido.

Foi o que Maribel Del Carmen Aliaga Fuentes realizou: deu destaque e significado à fala dos papéis esquecidos ao identificar e elucidar os problemas, as pesquisas, os acontecimentos e as circunstâncias que originaram os estudos específicos sobre Arquitetura e Urbanismo no início da década de 1960 na UnB.

Gilda Maria Whitaker Verri

Professora da Universidade Federal de Pernambuco

Ex-aluna do Mestrado em Biblioteconomia

da Universidade de Brasília (1964-1965)

Recife, janeiro 2022.

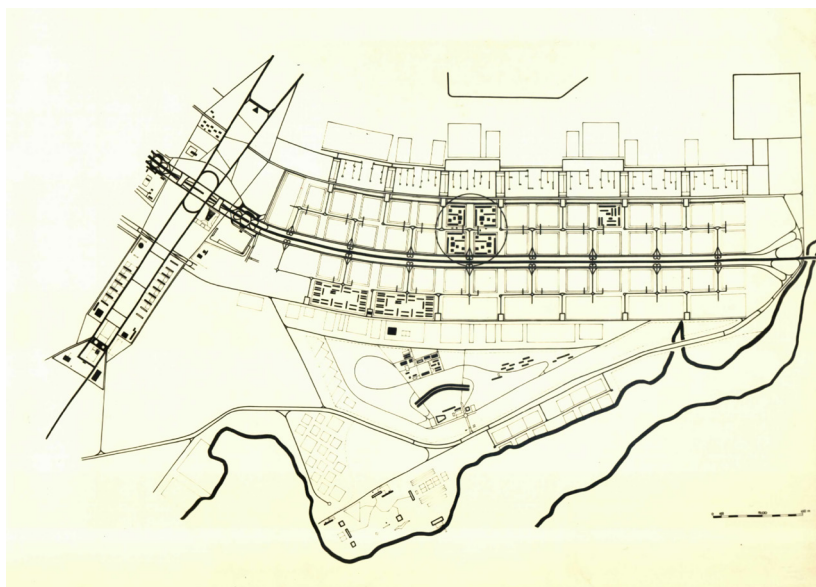


No meio das coisas

Apresentação

Em 2012, tive acesso à Biblioteca Central da Universidade de Brasília (BCE/UnB) em condições muito especiais, pois era um período de greve de docentes e funcionários da Universidade de Brasília (UnB). Como a biblioteca estava fechada, pude percorrer com tranquilidade os corredores da seção de Arquitetura. “No meio das coisas”, de todas as coisas e de muitas outras, encontrei o exemplar da dissertação de Mayumi Watanabe Souza Lima, cujo tema era um estudo teórico sobre habitação coletiva e uma proposta de edificações para as quadras 107/108/307/308 na Asa Norte de Brasília.¹ A dissertação tratava do convênio firmado entre a UnB e o Ministério das Relações Exteriores (MRE) para a construção das quadras. No começo dos anos 1960, Brasília estava em construção, e a Asa Norte do Plano Piloto era pouco ocupada, como podemos observar na Figura 1:

Figura 1: Mapa da Asa Norte nos anos 1960



Fonte: Galvis (1965).

¹ O documento serviu de base para uma publicação no Docomomo de 2013: Aliaga Fuentes (2013).

A dissertação fazia referência a outros trabalhos. Então, havia outros trabalhos! Sem muita informação, mas contando com a boa vontade das bibliotecárias, pude encontrar 11 dissertações ao todo. Esses trabalhos ora estavam na catalogação geral e, portanto, espalhados pelas prateleiras, ora em coleções restritas. E a maior parte deles, por ser muito antiga, ainda não tinha sido etiquetada e classificada pelas novas regras da biblioteca. Ou seja, ainda não existia como tal. Também não podemos esquecer o estado de conservação dos trabalhos, quase ilegíveis ou de delicado manuseio.

Figura 2: Colagem – capas das dissertações



Fonte: Elaboração própria da autora (2016).

As pesquisas dos anos 1960 apresentavam uma variedade temática que ia da teoria à prática projetual, mesmo que ainda não se soubesse muito bem como eram as pesquisas em Arquitetura, pois o Programa de Pós-Graduação (PPG) da UnB estava nascendo junto com a Universidade. No caso da Arquitetura, o Centro de Estudos e Planejamento Arquitetônico e Urbanístico (Ceplan) tinha também o papel de centro de pesquisas, porque era lá que se desenvolvia o PPG do curso.

Para contar um pouco dessa história, desse curto e intenso período, este livro é composto por cinco capítulos:

Capítulo 1: “No meio das coisas”: conta como descobri o tema da tese que inspirou esta obra de forma quase acidental. Fala também da proposta de pesquisa-projeto da maioria dos mestrandos da Arquitetura, do projeto da unidade de vizinhança São Miguel. Mas, sobretudo, de como os mestrandos, que também eram instrutores, se inseriam no projeto de Universidade pensado por Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro. Para mostrar quais são as visões do tema, diálogo com autores que em distintos momentos escreveram sobre o período.

Capítulo 2: “Arquitetura, cidade – universidade”: conta um pouco dessa imbricada relação entre a UnB e a cidade de Brasília durante o período de construção, de como a construção do *campus* era um laboratório experimental, e vice-versa. Além disso, trata também da importância da Arquitetura no próprio discurso de defesa da instalação da universidade na Capital.

Capítulo 3: “As primeiras pesquisas na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília”: mostra cada uma das dissertações encontradas, e como elas estão inseridas nos debates teóricos do seu tempo, trazendo um novo olhar para um Brasil que ainda nos anos 1960 estava para ser descoberto. Como a Arquitetura e o Urbanismo imaginavam propostas para um país grande.

Capítulo 4: “Memória e História”: é o capítulo que mostra rapidamente o turbulento tempo político e como isso afetou a vida das nossas personagens. Sob um olhar contemporâneo, conta um pouco da pioneira participação feminina na pós-graduação.

Capítulo 5: “Depoimentos e memórias”: esse capítulo foi acrescentado em 2021 por ocasião do VI Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação (ENAPARQ), no qual depois de 60 anos conseguimos reunir as personagens desse tempo para narrar um pouco mais dessa história.

Boa leitura!

A Vila São Miguel

Os detalhes do convênio² vão aparecer na literatura através do livro *O Cerrado de casaca* (1995), do jornalista Manuel Mendes, que detalha em números o conjunto São Miguel, contando que o convênio entre a Universidade e o então Ministério da Educação e Cultura previa a construção de 1.824 apartamentos funcionais, de padrões diferentes, e que a unidade de vizinhança poderia abrigar até dez mil pessoas, incluindo a construção de várias escolas. Segundo Mendes (1995, p. 48):

² Convênio firmado entre a Universidade e o MRE para a construção das superquadras 107/108/307/308, na então pouco habitada Asa Norte do Plano Piloto. As residências, escolas, comércio, o paisagismo e o projeto urbanos da Unidade de Vizinhança seriam desenvolvidos por mestrandos do curso de pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da UnB.

A responsabilidade pelos projetos ficou com uma equipe de 15 jovens arquitetos pós-graduados da Universidade de Brasília, orientados por Oscar Niemeyer, com ajuda do arquiteto Olavo Redig de Campos do Itamaraty. Os edifícios serão realizados em concreto pré-moldado e os apartamentos, que variam de 90 a 300 metros quadrados, permitirão a cada morador o conforto indispensável para se sentir bem em Brasília, segundo nota distribuída pela Novacap, que previa ainda a conclusão do Conjunto em fins de 1965, época em que estará pronto também o edifício-sede do Itamaraty.

Não há certeza quanto ao número de arquitetos³ que chegaram a participar do curso de Mestrado – a ausência de documentos comprobatórios e a ideia de que todos eram parte desse momento torna os números incongruentes. Foram chegando aos poucos, segundo os depoimentos colhidos pela pesquisa, alguns chegaram “no apagar das luzes”, motivo que justificaria a não conclusão de curso em forma de dissertação. Na memória e em textos são citados de 15 a 20 nomes de arquitetos, entre estudantes brasileiros e dois estrangeiros. Mas a investigação encontrou apenas as 11 dissertações apontadas pela publicação da instituição – o Catálogo de Dissertações de Teses (DUARTE, 1993, p. 371-375).

Figura 3: Mapa dos mestrandos e seus orientadores com datas de formação

ENBA - Escola Nacional de Belas Artes										
Adalberto Acioli Secretário Executivo ICA-FAU	Glauco Campello - 1959 - CEPLAN	Jaime Zettel - 1956 - NOVACAP	Edgar Graeff - 1947 - ICA_FAU	Alcides da Rocha Miranda - 1932 - IPHAN / ICA_FAU	João Figueiras Lima, Leilê - 1955 - CEPLAN					
Shyam Sunder Janveja - 1963	Geraldo José Santana - 1962	Geraldo Nogueira Batista - 1963	Armando de Andrade Pinto - 1962	Elvin Mackay Dubugras - 1952	Márcia Aguiar Nogueira Batista - 1962	Luiz Henrique Gomes Pessina - 1961	Alfonso Leiva Galvis - 1962	Philomena Chagas Ferreira - 1962	Mayumi Watanabe de Souza Lima - 1960	Sérgio Pereira Souza Lima 1961
ROORKE	Recife	FNA - Faculdade Nacional de Belas Artes				UFRGS	UFMG	FAU-USP		

Fonte: Elaboração própria da autora (2016).

Por isso, quanto às personagens, só foi possível armar o quebra-cabeça⁴ a partir das próprias dissertações e dos depoimentos coletados no livro por meio de entrevistas. No caso dos alunos de graduação, as fichas de filiação ao Instituto de Arquitetos do Brasil

³ A Faculdade de Arquitetura da Universidade de Brasília (FAU-UnB), assim como a cidade, já completou seus primeiros 50 anos. É uma escola muito jovem, se comparada a outras (FICHER, 2005, p. 405), como a Escola de Arquitetura de Belo Horizonte (EA-UFMG, 1944); Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil (FNA, 1945); Faculdade de Arquitetura Mackenzie, 1947; Faculdade de Arquitetura do Rio Grande do Sul (FAU-UFRGS, 1948); Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAUUSP, 1948); e, por último, temos a Escola de Belas Artes de Pernambuco, da Universidade do Recife, que se transformou em Faculdade de Arquitetura da Universidade do Recife (FAUR, 1959). Ainda assim, conta com uma história rica de personagens e eventos que transcendem as questões do ensino. Entre professores e alunos, tem na sua formação inicial parte dos arquitetos que construíram a cidade.

⁴ A Memória é, sim, um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido, contado pela cultura e pelo indivíduo. O tempo não flui uniformemente; o homem tornou o tempo humano em cada sociedade. Cada classe

(IAB), de 1966, foram muito úteis para criar uma relação de estudantes e mapear algumas informações sobre eles, mesmo que não fossem o foco deste livro.

Neste livro, também foram utilizadas como fontes o *Plano Orientador da Universidade de Brasília*, de 1962, as *Atas do Conselho Diretivo da Universidade de Brasília*, de 1962 a 1964, e documentos do Diretório Acadêmico dos Alunos da Arquitetura e Urbanismo (DACAUI), encontrados no Arquivo Central da Universidade, antigo Centro de Documentação (CEDOC).⁵

As dissertações, a princípio, mostraram-se documentos mudos, aos quais era preciso dar voz.⁶ Assim, entre fins de 2014 e meados de 2015, foram realizadas cinco entrevistas, gravadas com a permissão dos entrevistados e transcritas na íntegra. O tempo médio de cada entrevista foi de uma hora e meia. A primeira delas aconteceu em junho de 2014, uma tarde tranquila de jogo de Copa; o entrevistado foi o professor Geraldo Batista Nogueira.

No começo de 2015, entrei em contato pela Internet com Philomena Chagas Ferreira, hoje Philomena Miller, que, desde 1966, mora na França e estava naquele momento preparando a sua viagem de férias para Brasília. Por ter saído do país logo após a demissão, sua memória é a de quem partiu e foi viver uma nova vida, como ela diz – o que contribuiu muito para entender algumas relações que ainda estavam pouco claras.

A terceira entrevista aconteceu em abril do mesmo ano. O entrevistado foi Luiz Henrique Gomes Pessina, um dos primeiros a chegar ao PPG, juntamente com Fernando Burmeister e o casal Sergio e Mayumi Sousa Lima.

A quarta entrevista fugiu um pouco ao escopo da arquitetura, mas foi muito útil para entender que os mestrandos dos diversos cursos estavam em contato o tempo todo, seja pelos seminários de história, cultura e política oferecidos a todos os alunos, seja pela pouca oferta de lazer e cultura que a cidade oferecia. O entrevistado João Claudio Todorov, ex-reitor da UnB e mestrando em Psicologia à época, me recebeu em sua casa em julho de 2015 para uma conversa animada sobre o primeiro tempo da Universidade. Entre outras descobertas, pude entender por que o nome do arquiteto Oscar Kniepp, seu cunhado e autor do projeto da sua casa, aparece entre os mestrandos, mesmo sem existir uma dissertação sua. Nas palavras de Todorov (1993), “ele era do projeto”.

o vive diferentemente, assim como cada pessoa. Existe a noite serena da criança, a noite profunda e breve do trabalhador, a noite infinita do doente, a noite pontilhada do perseguido (BOSI, 1993).

⁵ Os documentos encontrados no CEDOC, por vezes, serão tratados no texto como fonte principal. Ao longo do livro terão sua referência suprimida. Mesmo que aparentemente a referência pareça esquecida, tal procedimento foi adotado para manter a leitura coesa quando um único documento citado diversas vezes, a referência é feita uma vez, e nas demais citações aparece o número da página correspondente.

⁶ O desafio da história oral, segundo o autor, é um ato premeditado que segue orientações de um projeto; acontece no tempo real e precisa de personagens vivas colocadas em situação de diálogo; manifestação contemporânea que mantém um vínculo inevitável com o imediato e com isso obriga a reconhecer o enlace da memória com o modo de narrar; ao valer-se da memória, estabelece vínculos com a identidade do grupo entrevistado e, assim, remete à construção de comunidades; o espaço e o tempo são o aqui e o agora (MEIHY, 2015, p. 14-15).

Elza Kunze foi a quinta entrevistada, em julho de 2015. Ela prestou o primeiro vestibular e foi uma das duas primeiras mulheres formadas na primeira turma de graduação em Arquitetura e Urbanismo de 1966. Ela me recebeu em sua casa, projetada e construída por ela. Mesmo que o objeto deste livro não seja os alunos de graduação, eles conviveram com os mestrandos que eram seus instrutores das disciplinas ou até mesmo trabalhando em conjunto no Ceplan.

Como não poderia deixar de lado, a sexta entrevista foi em agosto de 2015 com o arquiteto Moraes de Castro, quase uma memória viva da história da FAU-UnB. Ele também me recebeu em sua casa, mostrou seu projeto, contou sobre a obra e as influências que ali estavam presentes. Entre tantas outras coisas, narrou que um primo que vivia em Brasília o convidou a prestar o vestibular aqui na *Bauhaus do Cerrado*. Ele veio para Brasília, mas, como tinha de se sustentar, aproveitou a abundância de trabalho e se firmou como ilustrador, antes mesmo de ser aluno regular da Universidade. Nesse ínterim, frequentava os cursos de extensão que o Instituto Central de Artes (ICA) oferecia à população. Seu ingresso como aluno regular só aconteceu de fato em 1966.

O início das atividades

A aprovação do projeto da UnB aconteceu em fins de 1961, e no segundo semestre de 1962 a instituição começou a funcionar com os primeiros cursos-tronco e vários cursos de pós-graduação. O início das aulas de graduação se deu de forma precária em salas emprestadas no Ministério da Saúde. As aulas do curso de Arquitetura eram ministradas *in loco* nas construções da cidade universitária. As obras da instituição recém-aprovada, assim como a cidade, tinham um ritmo acelerado de construção. Para o arquiteto Alcides da Rocha Miranda, não havia lugar melhor para se ensinar Arquitetura do que em um canteiro de obras.

Além da construção do *campus*, para entrar em pleno funcionamento, a UnB tinha outro problema a enfrentar: a instituição precisava contar com profissionais técnicos e docentes qualificados. Darcy Ribeiro se empenhou em atrair pesquisadores reconhecidos em todo o país, que, por sua vez, criaram equipes de trabalho e pesquisa, atraindo jovens recém-formados para os cursos de Mestrado, com o objetivo de formar um quadro docente para si própria e para outras instituições.

Os mestrandos de diversas áreas, mesmo dos cursos que só entrariam em funcionamento em outra etapa, foram chegando a Brasília em fluxo contínuo. Vieram para fazer parte do conjunto de professores pesquisadores e instrutores que iriam dar continuidade ao projeto de universidade criado por Anísio Teixeira e desenvolvido por Darcy Ribeiro, e com a participação de outros intelectuais. Na entrevista concedida, Todorov (2015, [s.p.]) diz que:

Não havia cursos profissionais na entrada. O aluno entrava na universidade para um ciclo básico, onde havia várias disciplinas que ele podia fazer, montar do jeito que ele quisesse. Ele só iria escolher uma profissão depois de dois anos de básico. Aí, isso tudo se perdeu depois. Mas no começo era

assim. Por isso é que a gente diz que o curso de graduação não começou junto com a pós. Porque não tinha com o que começar. Tinha é que começar a oferecer disciplinas de Psicologia ofertadas para aluno que quisesse fazer.

Figura 4: Oca em construção



Fonte: CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO (CEDOC) UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB) (1962).

Eles vinham com a proposta de ficar por aqui dois anos e se comprometiam a participar como alunos das atividades discentes orientadas pela coordenação geral de pós-graduação. Também poderiam apoiar as atividades docentes da graduação nos seus respectivos cursos. Ao fim do período, deveriam entregar para submissão de avaliação uma dissertação de Mestrado, cujo tema fora previamente aprovado pelo seu curso de origem. Tendo obtido o título, eles poderiam optar por permanecer no quadro de professores da Universidade.

O tempo e os olhares

Recentemente, a história da fundação da UnB vem sendo resgatada por diversos autores, mas não podemos negar a importância do livro de Roberto Salmeron (2007), chamado *A universidade interrompida: Brasília 1964-1965*, que consideramos um dos mais completos relatos do período. Salmeron, assim como pouco mais de 200 professores e instrutores, fez parte do grupo que se demitiu em 1965. Apesar do título, o livro estende seu período

ao que antecede a criação e se conclui com as invasões militares de 1968. Por se tratar de uma importante contribuição, serve de referência até os dias de hoje.

Não poderíamos deixar de ler o livro *UnB: invenção e descaminho*, de Darcy Ribeiro (1978), pois trata-se de importante memória sobre os fatos e causos da criação ao fim do sonho da sua universidade.

Também outros autores envolvidos no episódio escreveram seus relatos de como foi o início daquela que Darcy Ribeiro (1978) diz se tratar da “Universidade efêmera”. Em comum, eles têm o objetivo de mostrar o papel inovador e a forma inesperada como terminou a proposta de Universidade de Darcy e Anísio.

Entre os registros recentes que resgatam um pouco do período, temos *UnB 50 anos: história contada*, de Thais de Mendonça Jorge (2012), livro comemorativo do cinquentenário da UnB com depoimentos de várias gerações de personagens.

Na mesma linha do resgate histórico, outro documento importante surgiu da *Comissão Anísio Teixeira de Memória e Verdade*, de Roberto Armando Ramos de Aguiar (2015). Um livro de leitura difícil para esta pesquisa que tem seu recorte bem definido, mas que não pode deixar de querer entender o todo, até mesmo pelo interesse pessoal. Ainda assim, paramentada de investigadora, é possível elencar elementos que compõem a história aqui contada.

Temos também a retomada do Projeto Memória da FAU-UnB, de 1982. Depois de 30 anos, o professor Jaime Almeida (2017) compila o material do projeto para um livro – *Universidade de Brasília: a ideia, diáspora e individualização*. Trata-se de uma obra de entrevistas e memórias, que também pretende discutir o ensino na instituição ao longo da sua história. Resultado de um esforço único, seu projeto em duas etapas tem um respiro de mais de 30 anos, o que é tempo suficiente para modificar o olhar. O projeto, engavetado há tanto tempo, volta a fazer sentido após as discussões sobre o Projeto Político-Pedagógico da FAU-UnB que se iniciaram em fins de 2009.

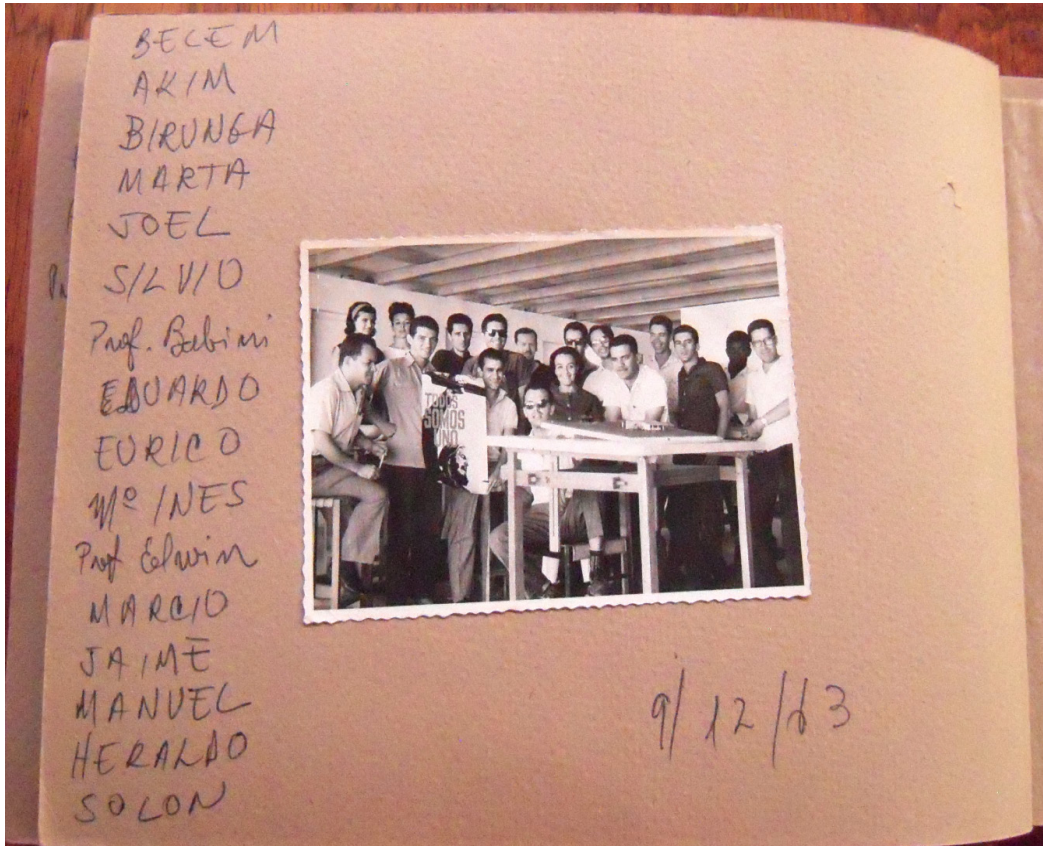
A existência e os nomes dos mestrados dos anos 1960 começam a ser observados no artigo de 2010: “O Programa de Pós-Graduação da FAU-UnB estuda Brasília”, em que Andrey Schlee e Sylvia Ficher fazem um documento sobre a pós-graduação e a produção acadêmica, enfatizando a existência da pós-graduação desde a implantação do curso.

Outro registro importante e muito atual é *Ceplan: 50 anos em 5 tempos*; tese de Neusa Cavalcante defendida em fins de 2015. Seu trabalho minucioso conta com diversas entrevistas e relatos. O primeiro capítulo – “O tempo dos pioneiros” – aborda o Ceplan no início da Universidade.

O decorrer do trabalho mostrou fatos inusitados como o livro de Manuel Mendes (1995), *Cerrado de casaca*; a obra se propõe a contar a história da transferência da diplomacia para a nova capital, talvez possa ser o relato mais completo sobre o projeto da Universidade Federal de Santa Maria (UVSM), e quiça o único com informações sobre o processo entre o convênio firmado pela Universidade e o MRE

Além das entrevistas por mim realizadas, o livro se propõe a trazer pesquisas recentes e ainda não publicadas, tais como as entrevistas gravadas para a comemoração do cinquentenário da FAU-UnB, e a transcrição de parte da Aula Magna do arquiteto Glauco Campello, proferida na UnB no primeiro semestre de 2015.

Figura 5: Primeira Turma



Fonte: Arquivo de Kunze (1963).

Nos três anos correspondentes ao período entre a inauguração da UnB e a demissão coletiva, não foi possível formar a primeira turma de graduação, o que aconteceu em fins de 1966. Todavia, foi tempo suficiente para formar uma equipe de mestres em Arquitetura. Recontar a história da criação da UnB quase não faz sentido diante dos que já o fizeram. Todavia, no meio do caminho surgiram algumas dúvidas, quase hipóteses, que pautaram este novo relato, agora sob o ponto de vista do curso de Arquitetura com ênfase na sua pós-graduação, seus mestrados e as personagens e eventos que ajudaram a compor o cenário daquele momento.

Figura 6: Bar situado na passagem da entrequadra para a faixa verde



Fonte: Batista (1965a).

Arquitetura, cidade – universidade

Entre o fim dos anos 1950 e o começo de 1960 tudo estava acontecendo ao mesmo tempo na nova capital do Brasil. É nesse contexto de construção de uma nova sociedade que a Universidade de Brasília (UnB) movimenta o cenário intelectual brasileiro.¹ Para concretizar o projeto de universidade para Brasília, dois nomes são fundamentais, o do educador Anísio Teixeira e do antropólogo Darcy Ribeiro, além de intelectuais de diversas áreas que engrossaram a defesa de uma nova universidade no Cerrado. Os arquitetos também tiveram uma participação importante nesse processo, a começar por Lucio Costa e sua proposta para a cidade, que incluía em seu desenho a área destinada ao *campus*. O arquiteto Alcides da Rocha Miranda, como bem lembra Salmeron (2007, p. 71), participou como conselheiro da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), das discussões sobre a criação da UnB. Integrou o primeiro Conselho Universitário e foi fundamental na criação do Instituto Central de Artes, o ICA, que abrigou o curso-tronco² de Arquitetura e Urbanismo. Oscar Niemeyer, apesar de não ter um envolvimento direto com o ensino, teve uma participação definitiva ao materializar a estrutura universitária em um edifício único, o Instituto Central de Ciências (ICC), que seria o ponto de partida para a definição da cidade universitária. E principalmente, graças a sua articulação e prestígio, inserir

¹ Sobre o processo de criação da UnB, algumas leituras são imprescindíveis: de Darcy Ribeiro, o livro *UnB: invenção e descaminho* (1978); e de Roberto Salmeron, o livro *A universidade interrompida: Brasília 1964-1965* (2007). Para uma leitura breve, porém abrangente, ver o artigo de Adélia Miglievich-Ribeiro “Darcy Ribeiro e UnB: intelectuais, projeto e missão” (2017). Um registro de muitos anos é o trabalho de Jaime Almeida, que reconta a história do curso e traz depoimentos em seu livro *UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA: a ideia, diáspora e individualização* (2017).

² Pela Resolução nº 2, de 6 de janeiro de 1962, o Conselho Diretor autoriza as providências necessárias à inauguração dos “Cursos Transitórios” nesse mesmo ano. Esses cursos, a serem absorvidos pelos institutos e faculdades, à medida que esses forem entrando em funcionamento, são organizados em três “Troncos Básicos de Estudos”: I - Direito - Administração – Economia, II - Letras Brasileiras, III - Arquitetura e Urbanismo. O aluno faria a opção definitiva por uma das carreiras após dois anos de estudos em um programa comum a um desses “cursos-tronco”. A escolha desses primeiros cursos foi condicionada à possibilidade de recrutamento rápido de pessoal docente devidamente qualificado e de atendimento às exigências de equipamento para o desenvolvimento das atividades de ensino e pesquisa. Para coordená-los, são nomeados, respectivamente, Victor Nunes Leal, Cyro Versiani dos Anjos e Alcides da Rocha Miranda (TODOROV, 1993, p. 9).

o curso de Arquitetura e Urbanismo num contexto universitário inovador que aliava ensino e pesquisa, fazendo da arquitetura e das inovações tecnológicas propostas um verdadeiro debate acadêmico.

Figura 7: Inauguração da Universidade de Brasília –
Auditório Dois Candangos em construção



Fonte: CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO (CEDOC) UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB) (1962).

O conceito de uma nova universidade brasileira já era tema frequente na SBPC, da qual Anísio Teixeira foi presidente de 1955 a 1959. Graças à sua participação no meio acadêmico é que se pode dar ao processo de criação da universidade o sentido de um projeto da intelectualidade brasileira. A UnB, na verdade, seria a segunda tentativa de renovação universitária brasileira empreendida por Anísio, pois a primeira fora a da Universidade do Distrito Federal (Rio de Janeiro), em 1935. A proposta dos anos 1930 foi sepultada logo no nascedouro pela reação católica, que, ao conseguir afastá-lo da direção da educação carioca, encarregou-se de dar outro rumo à jovem universidade (ROCHA, 2000).

Foi nessa época que se estabeleceu a ligação entre Alcides da Rocha Miranda e Anísio Teixeira, pois, ao concluir a Escola Nacional de Belas Artes, o arquiteto decidiu matricular-se no Instituto de Artes da Universidade do Distrito Federal, no Rio de Janeiro. Desse contato também resultou um convite para desenvolver, nos anos 1950, o projeto do Instituto de Aperfeiçoamento do Professor, um conjunto de edifícios que pertence aos prédios mais antigos construídos na Cidade Universitária Armando de Salles Oliveira, da Universidade de São Paulo (USP), e corresponde à atual Biblioteca e ao Bloco B da Faculdade de Educação. Na mesma época, Rocha Miranda foi a São Paulo trabalhar no então Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN). E é através dessa instituição que

Rocha Miranda chega a Brasília em 1960 com a missão de fundar o núcleo do órgão (PUHL, 2016). Assim como em São Paulo, em Brasília ele assume o projeto e a construção da primeira edificação da UnB, o Auditório Dois Candangos.

Plano Orientador da Universidade de Brasília

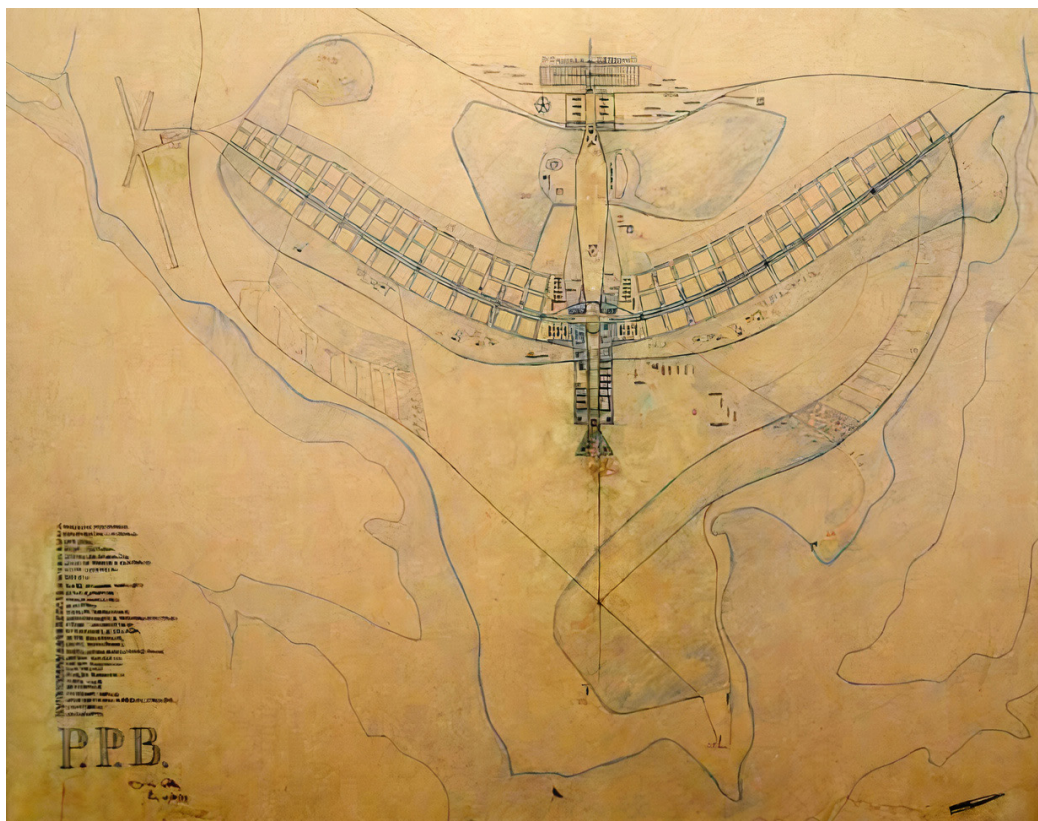
Oficializar a existência da UnB dentro do Plano Piloto não foi tarefa simples; a batalha pela definição da sua localização promoveu outras alianças. A ideia inicial era que a cidade universitária estivesse próxima ao cruzamento dos eixos, porém havia oposições, sendo que um dos mais importantes opositores era o engenheiro Israel Pinheiro, primeiro presidente da Companhia Urbanizadora da Nova Capital (Novacap). Ele acreditava que os estudantes não deveriam estar assim tão perto do poder e defendia a instalação do *campus* nos arredores da cidade (BOMENY, 2006).

Diante de uma oposição tão significativa, Darcy Ribeiro precisava contar com uma contribuição da mesma importância; por isso, chamou arquitetos, principalmente Lucio Costa, como criador da proposta vencedora para a capital. O arquiteto fazia referência clara a uma área destinada à cidade universitária, em texto e principalmente em *croquis*, no relatório que viria a se tornar o projeto para o Plano Piloto. Lucio Costa (1962b, p. 17) definiu a cidade universitária como:

Ao longo da Esplanada – o Mall dos ingleses –, extenso gramado destinado a pedestres, a paradas e a desfiles, foram dispostos os ministérios e autarquias. Os de Relações Exteriores e Justiça ocupando os cantos inferiores, contíguos ao edifício do Congresso e com enquadramento condigno, os ministérios militares constituindo uma praça autônoma, e os demais ordenados em sequência – todos com área privativa de estacionamento –, sendo o último o da Educação, a fim de ficar vizinha do setor cultural, tratado à maneira de parque para melhor ambientação dos museus, da biblioteca, do planetário, das academias, dos institutos, etc., este setor também contíguo a ampla área destinada a Cidade Universitária com o respectivo Hospital de Clínicas, e onde também se prevê a instalação do Observatório.

Mesmo que o texto apontasse a área como um parque, o desenho do *campus* era um reflexo do urbanismo da cidade, delineado por estradas curvas e rápidas que definiam os acessos e as escalas internas, correspondendo claramente à inserção da cidade dentro da cidade. Porém, a Universidade não se restringia ao seu perímetro delimitado em projeto; ela propunha também uma integração com a Asa Norte, com a implantação de escolas experimentais nas vias circundantes, servindo de transição com o Plano Piloto na sua escala residencial, como é possível ver nas figuras 8 e 9:

Figura 8: Plano da cidade



Fonte: Costa (1962b).

Figura 9: Contracapa do Plano Orientador da Universidade de Brasília



Fonte: PLANO ORIENTADOR DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (1962).

Outro item importante que constava no *Plano Orientador da Universidade de Brasília* (1962) era a previsão da construção de aproximadamente 600.000 m² em edifícios do *campus*, ao longo desses dez anos. Uma meta ousada, mas Darcy Ribeiro, assim como Juscelino Kubitschek, sabia aonde queria chegar, e para construir a Universidade previu que um programa de obras com essas ambições só poderia ser executado em etapas bem definidas. A Arquitetura então teria que se adaptar a esse ritmo acelerado para atender às demandas da Universidade, impulsionando as pesquisas de industrialização da construção.

O projeto era ambicioso e previa que, iniciando as obras em 1961, a Universidade poderia receber em três anos os primeiros 1.500 alunos e, a partir de então, receber 2.000 novos alunos a cada ano, até completar 10.000 alunos em 1970. Ou seja, a construção da UnB estaria em perfeita sintonia com a construção do país: “50 anos em 5”.

O documento discorria não apenas sobre as metas de crescimento acadêmico, mas também sobre como configurar espaços e programas arquitetônicos. Contava com ajuda governamental na construção de um hospital de especialidades para atender a população regional, projeto que já estava previsto igualmente nos planos da Novacap. Todas as despesas com urbanização e serviços públicos ficariam a cargo desta última.

As provas do primeiro vestibular foram realizadas nos dias 26 e 27 de fevereiro de 1962. Dos 830 candidatos, foram selecionados 413. As aulas começaram no dia 9 de abril e eram ministradas no 9º andar do Ministério da Saúde (MS), onde funcionavam a administração e as salas de aula. No então Ministério da Educação e Cultura (MEC) funcionava a Reitoria da Universidade. No caso do curso de Arquitetura, as aulas aconteceram nos canteiros de obra das primeiras construções do *campus*.

Antes mesmo de colocar em prática o Plano de Obras, o arquiteto Alcides da Rocha Miranda defendia que a instalação dos cursos, principalmente o de Arquitetura, deveria acontecer no *campus* em obras, aproveitando o potencial pedagógico das construções.

Figura 10: Primeiro vestibular UnB – resultado



Fonte: CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO (CEDOC) UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB) (1962).

Geraldo Batista, em entrevista concedida para a tese que deu origem e este livro, comenta que, no caso do curso de Arquitetura e Urbanismo, as primeiras turmas eram compostas de um número significativo de adultos, e entre os alunos existiam desenhistas, funcionários do Banco do Brasil, da Câmara dos Deputados; alguns já eram casados e vinham de vários estados do Brasil.

Figura 11: Primeira Turma - convite ao paraninfo



Fonte: Elza Kunze (1962).

O “Plano Orientador” seguia tratando da questão da estrutura da universidade e destacava a sua criação tripartite, constituída por Institutos Centrais, Faculdades e Órgãos Complementares que interagem entre si. Aos Institutos caberia a formação inicial, o chamado curso básico, depois conhecido pelo nome de curso-tronco; às Faculdades que receberiam os alunos que passaram pelos cursos introdutórios, caberia a formação especializada; e os Órgãos Complementares serviriam de apoio tanto à comunidade acadêmica quanto à população local (BATISTA, 1965a).

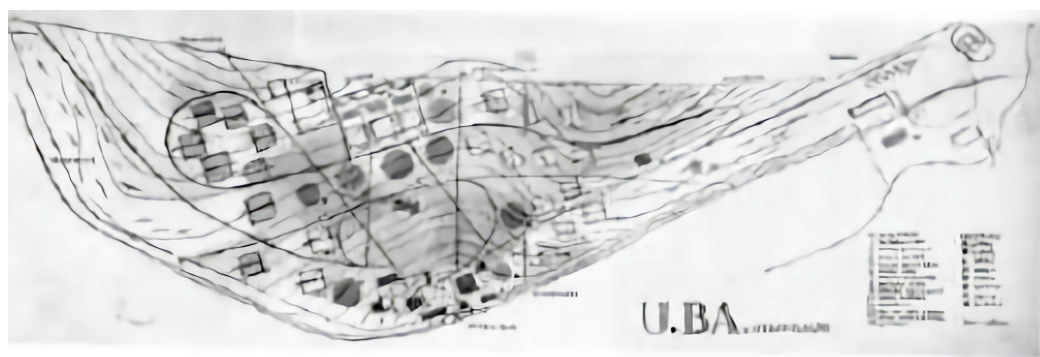
Inicialmente, seriam oito Institutos Centrais que poderiam se desdobrar mais tarde em Departamentos: “estes constituirão unidades básicas da universidade onde se reunirão os professores coletivamente responsáveis pelas atividades de ensino e de pesquisa em cada especialidade” (PLANO ORIENTADOR DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962, p. 23).

O *campus* seria o espaço da comunidade universitária; nos Institutos ocorreria o livre trânsito entre as diversas carreiras e os alojamentos, espaços esportivos e culturais complementariam essa integração.

O documento defendia como vantagens desse sistema a possibilidade de tornar a estrutura mais enxuta, diminuindo a multiplicação desnecessária de instalações, pois os cursos-tronco trariam o benefício de se optar pela carreira a seguir já dentro da Universidade. Por último, propõe uma integração entre a Universidade e os setores produtivos.

A importância de Costa como urbanista também aparece na primeira proposta de Plano Diretor para o *campus* de 1962. O *croqui* inicial “UBA – urbanização” sugere uma implantação em distintos edifícios espalhados pela gleba, uma setorização em *clusters* e uma hierarquização em torno da chamada Praça Maior.

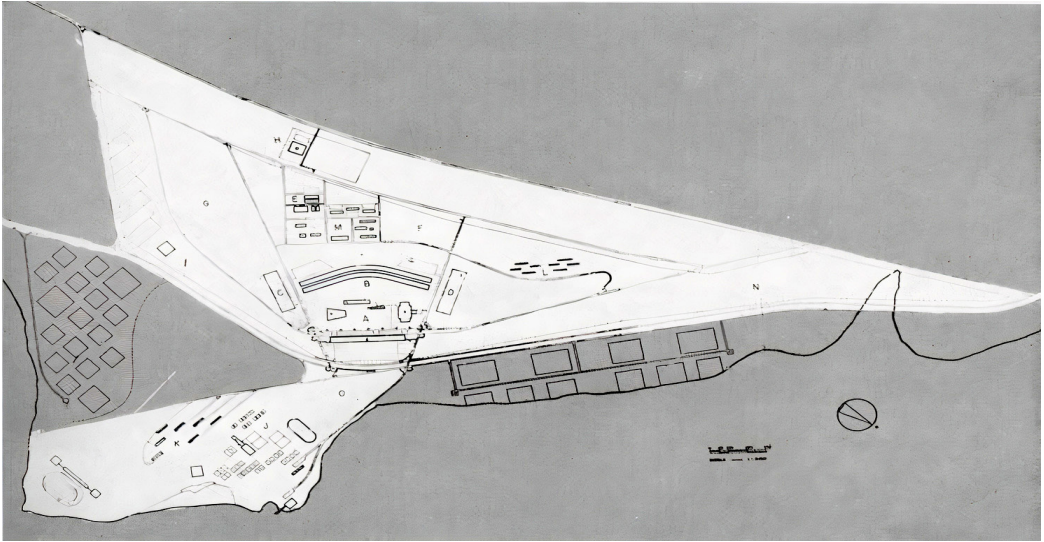
Figura 12: Plano urbanístico – Lucio Costa



Fonte: Revista *Acrópole* (1970).

Mas a proposta de Lucio Costa não estava totalmente em sintonia com o projeto de universidade e sua organização e foi substituída por outra, desenvolvida no Centro de Estudos e Planejamento Arquitetônico e Urbanístico (Ceplan) pela equipe de Oscar Niemeyer. Nesse *croqui*, o elemento definidor do partido de implantação do *campus* é um grande edifício de partido linear, o ICC, também conhecido como “Minhocão”. Como é possível observar na comparação entre as propostas, o edifício concentra funções e cria a organização espacial do *campus*, a fusão entre arquitetura e urbanismo e materializa a proposição pedagógica.

Figura 13: Plano urbanístico – Ceplan



Fonte: Revista *Acrópole* (1970).

Figura 14: Instituto Central de Artes em obras



Fonte: CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO (CEDOC) UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB) (1965).

Figura 15: Instituto Central de Artes em construção



Fonte: Revista *Acrópole* (1970).

A Bauhaus do Cerrado

Imaginei no início criar um embrião de universidade baseado em experiências antigas. Pensei num Instituto Central de Arte – não usando a palavra “arte” como é aplicada comumente, sobretudo depois da criação das Escolas de Belas Artes – mas voltando a seu significado antigo, isto é, arte como aquilo que faz bem e, por isso mesmo, emociona. Walter Gropius dizia: o bom planejamento é tanto uma Ciência como uma Arte. Como Ciência, analisa as relações; como Arte, leva as atividades culturais a uma síntese cultural. Aí já estava, portanto, a ideia de nosso ICA. Havia natural interesse pela arquitetura, por essa razão começamos criando aquele que se denominou Curso-Tronco de Arquitetura e Urbanismo, onde já se lançava o embrião do ICA [...]. Dispúnhamos do maior campo de prática do mundo: o canteiro de obras de Brasília e os exemplos de Costa e Oscar Niemeyer (ROCHA MIRANDA, 1999, p. 147).

Alcides da Rocha Miranda procurou trazer para a UnB sua experiência na Escola de Belas Arte do Rio de Janeiro e sua participação na FAUUSP nos anos 1950. Ele e sua equipe organizaram o curso-tronco do ICA-FAU, como embrião do que adiante iria se transformar no curso de Arquitetura e Urbanismo.

Mesmo que o *Plano Orientador* propusesse que o curso se dividiria em construção, paisagismo e planejamento urbano como campos possíveis do futuro arquiteto, essas definições ainda não estavam claras como formações específicas, mas como o saber do arquiteto. Por mais que a UnB fosse pioneira em muitos aspectos, o curso ainda continuava sendo Arquitetura e Urbanismo, como é possível verificar no documento sobre a sua organização.

Segundo a “primeira organização”³ do curso-tronco de Arquitetura e Urbanismo, a estrutura do curso básico teria como base a divisão em três departamentos: o Departamento de Expressão e Representação, que ofereceria um curso abrangendo conjuntamente ateliê e oficina; o Departamento de Teoria e História da Arte, com disciplinas de Introdução à História da Arte e Teoria da Arquitetura; e o Departamento de Tecnologia da Construção, que trabalhava noções gerais de clima e execução de obra. Compunham o quadro docente grandes nomes da arquitetura e das artes, muitos deles autodidatas, que desenvolviam estudos e propostas específicas para a nova capital.

A ideia era que o aluno começasse com as disciplinas introdutórias do ICA tendo escolhido a carreira que queria seguir, mas ainda não tendo sido escolhido por ela. Segundo Antônio Carlos Moraes de Castro, na entrevista concedida em 2015, esse momento era o terror dos estudantes do instituto: a seleção por parte dos Mestres para a carreira que eles iriam seguir. O termo *Bauhaus do Cerrado* foi colocado por Moraes de Castro, ao contar como veio do Rio de Janeiro para Brasília, primeiro para trabalhar como ilustrador e em seguida, para cursar Arquitetura.

A experiência inicial, proposta por Alcides da Rocha Miranda, parecia inovadora. Porém, já em 1963, surgiam as primeiras críticas dentro do próprio curso. O texto “Sobre o ‘Curso-Tronco’ de Arquitetura e Urbanismo da UnB”, escrito por Edgar Graeff (1963), faz considerações sobre os trabalhos do primeiro ano do curso-tronco em Arquitetura da UnB. O documento começa elogiando a capacidade de superação diante das dificuldades enfrentadas e, principalmente, enaltecendo o rendimento dos trabalhos dos alunos iniciais em relação aos das outras escolas. Entretanto, depois do primeiro parágrafo, o texto dedica-se a tecer críticas e a pedir uma reflexão e uma autocrítica.

O texto de Graeff (1963) lembra que o curso-tronco tinha um caráter transitório e que a implantação do ICA-FAU estava prevista para 1964, momento em que deveria ter sido feita a revisão do curso. Entre as suas críticas está a divisão dos departamentos, seguindo a tradição das escolas de Arquitetura. Para ele, tal divisão não correspondia ao curso que se pretendia para 1964. Além de diminuir as possibilidades do trabalho em equipe, tal divisão gerava dificuldades no compartilhamento dos conhecimentos. Em sua opinião, não havia uma visão clara do futuro. Admite que foi um erro aceitar a redação do estatuto da UnB que constava no “Plano Orientador”, no artigo sobre a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e as Escolas de Representação e Expressão Plástica, de Artes Gráficas, argumentando que com isso a Faculdade de Arquitetura se apresentaria como uma pequena universidade – crítica sobre o curso que permanece até os dias de hoje.

No documento, também manifesta a sua surpresa, pois a Escola de Tecnologia da Construção não estaria na Faculdade de Tecnologia. Para ele, o mesmo poderia se dizer das Escolas de Representação e Expressão Plástica e de Artes Gráficas em relação ao ICA. Tema recorrente desde então nas discussões de departamento. Segundo Graeff (1963, p. 2):

³ Texto sem identificação de autorias apresentado por Maria Goretti Viera Vulcão (2008) em sua dissertação *A construção e o discurso de criação do “Curso-Tronco” de Arquitetura e Urbanismo na Universidade de Brasília (1962-1963)*.

A tese inovadora de Alcides da Rocha Miranda, no sentido de formar, ao lado dos arquitetos, os construtores de edifícios, fica completamente anulada quando se coloca a questão em termos de Tecnologia da Construção. No bojo daquela tese, cujo extraordinário alcance precisa ser verificado – o que faremos adiante –, não há qualquer ideia de tecnologia e nem de construção. Os problemas tecnológicos devem ser pesquisados e resolvidos nos centros especializados ou quem sabe nos Departamentos da Faculdade de Tecnologia [...]. O verdadeiro conteúdo de tese inovadora revela-se no exame da questão do divórcio entre a arte e a técnica na arquitetura.

Graeff (1963) usa sua experiência como um catedrático em seu texto, dando seu aporte teórico, numa explanação que remonta à Revolução Industrial, na qual, para ele, aconteceu o divórcio entre arte e técnica, criando entre Belas Artes e Engenharia uma disputa pela Arquitetura. Dos anos 1940 ele se lembra da luta pela criação da Faculdade Nacional de Arquitetura, na qual se engajou no fim da mesma década. Ele cita o artigo de Lucio Costa, “Considerações sobre o Ensino de Arquitetura”, publicado na revista *ENBA*, do Diretório Acadêmico da Escola Nacional de Belas Artes, em 1945, para demonstrar a essência artística da arquitetura.

O mesmo autor recorre também a um texto de Walter Gropius,⁴ mostrando que as habilidades técnicas devem ser ensinadas de forma contínua e progressiva. Ele critica a falta de integração entre as disciplinas e o seu distanciamento com a realidade: “por isso que se costuma dizer que em cada turma de cinquenta diplomados, nossas escolas deixam escapar cinco arquitetos. São rebeldes” (GRAEFF, 1963, p. 5).

Seu documento termina fazendo crítica à especialização dos professores, que muitas vezes dominam a perfeição daquilo que ensinam, mas que geralmente desconhecem a arquitetura como um todo. Para ele, a formação do arquiteto deveria contar com um ensino que promovesse a integração dos conhecimentos desde o início do curso, para que o aluno pudesse desde cedo “situar cada aspecto particular dos conhecimentos que adquire no contexto geral da problemática arquitetônica” (GRAEFF, 1963, p. 7). Acredita na didática como forma de reformar os professores e que apenas o trabalho em equipe poderia conduzir a esses resultados.

⁴ O texto a que refere Graeff é de Walter Gropius. *Alcances de la arquitetura integral*, Ed. La Isla, Bueno Aires, 1957, p. 67.

Os arquitetos eram do Ceplan

Figura 16: Os arquitetos eram do Ceplan



Vários aspectos interiores do edifício do Ceplan: auditório, sala de desenho com o jardim aos fundos e jardim interno, com hall de exposições, auditório e salas da Direção



Fonte: Revista *Acrópole* (1970).

O Ceplan⁵ foi criado por resolução como uma assessoria técnica, que era antes de tudo um centro de produção, de conhecimento e de pesquisas em arquitetura. Com a demissão coletiva e o passar do tempo, tornou-se um escritório técnico para o desenvolvimento de projetos para a Universidade. Temos então uma dissociação clara entre o centro e o curso, entre a pós-graduação e a graduação, contrariando a tão sonhada universidade de Darcy Ribeiro.

⁵ Sobre o Ceplan e suas propostas de inovação, Brasilmar Nunes (2004, p. 10) relata: “Creio que todos aqueles que participaram da implantação da Universidade de Brasília se emocionam ao lembrar aquele episódio extraordinário e inusitado liderado pelo gênio Darcy Ribeiro e que certamente criou referências profundas na trajetória de cada um de nós. A grande inovação que ele proporcionou no meu campo profissional foi o da pré-fabricação em concreto armado, empregada pela primeira vez na construção de edifícios. Essa experiência foi iniciada com a construção do prédio do Centro de Planejamento da Universidade – Ceplan, em que eu exercia a função de secretário executivo sob a coordenação do arquiteto Oscar Niemeyer. No curto período de três anos, foram construídos com a aplicação dessa técnica diversos edifícios no setor de serviços gerais e de habitação (Colina), parte da estrutura do Instituto Central de Ciências (ICC). O projeto mais ousado, entre muitos outros que não foram realizados, foi o da construção de uma fábrica de pré-moldados que constituiria um laboratório de pesquisa no campo da construção civil e um importante centro de vivência e de formação profissional para os estudantes de Arquitetura e Engenharia. Infelizmente, essa experiência foi paralisada pelo golpe militar de 1964”.

Não podemos esquecer que Niemeyer e sua equipe estavam na cidade desde o fim dos anos 1950 trabalhando para a Novacap, inicialmente no apoio ao concurso do Plano Piloto para Brasília, e, posteriormente, no desenvolvimento dos projetos e construção dos edifícios públicos. Logo após deixar seu cargo na companhia, veio para a UnB exercer o papel de coordenador-geral do Ceplan em maio de 1962, conforme a Resolução XXI do Conselho Diretor da Fundação Universidade de Brasília de 1962; o documento também indica os nomes de Lucio Costa e Joaquim Cardoso como seus consultores. Inicialmente, as atribuições do coordenador eram o planejamento urbanístico e arquitetônico do *campus*, portanto ele não se envolveu diretamente no ensino de graduação e nem tampouco na orientação dos mestrados. Também não o fizeram Lucio Costa ou Joaquim Cardoso, que eram nomes importantes no ambiente profissional, além de consultores do coordenador do Ceplan.

Finalmente, vale salientar o papel importante que a Novacap desempenhará na vida da Universidade de Brasília, a princípio com os planos topográficos e os recursos de que somente ela dispunha, em seguida no seu fabuloso cabedal técnico-profissional, onde pontilham figuras do alto gabarito de Lucio Costa e Oscar Niemeyer (REVISTA DA COMPANHIA URBANIZADORA DA NOVA CAPITAL, 1962, p. 21).

Apesar de todos esses nomes de peso que compunham o Ceplan, o responsável pela pós-graduação em Arquitetura foi o Lelé, que graças a ele e a seu interesse pela industrialização da construção é que a maior parte dos trabalhos de mestrado se desenvolveu tendo a pré-fabricação como tema. A convite de Niemeyer, assumiu a coordenação da pós-graduação e conseguiu transformar o seu interesse em pré-fabricação no “projeto político-pedagógico” da pós. Bastos e Zein (2010, p. 86) lembram que “a experiência na UnB – quer como reforma de educação, quer como experimentação de tecnologias de pré-fabricação – foi, em curto prazo, abortada, com a tomada do governo pelos militares em 1964”.

Lelé foi trabalhar na Universidade a convite de Niemeyer: “devido às dificuldades criadas pela então Prefeitura para contratação, Oscar resolveu me indicar para a Secretaria Executiva do Ceplan.” (SCHLEE; PORTO, 2010, p. 151). Se por um lado Niemeyer era diretor do Centro, era Lelé quem estava à frente da coordenação dos trabalhos, inclusive dos acadêmicos. O arquiteto orientou cinco dissertações dos mais variados temas, de clima a estudos teóricos, assim como a maioria dos projetos referentes à Unidade de Vizinhança. Ele veio a Brasília, ainda muito jovem, quase recém-formado e aqui teve que aprender, na obra da superquadra 108 Sul, do que realmente era feita a arquitetura.

Essa experiência, e a vocação investigativa em técnicas e matérias, mais que o qualificavam para coordenar um programa de pós que se propunha prático. Sem dúvida, a variedade temática da pós-graduação nos anos 1960 provavelmente só foi possível pela liberdade

pedagógica e, por que não dizer, graças à pouca titulação e especialização dos orientadores e a sua própria inclinação projetual. Na entrevista concedida por Elza Kunze, em 2015, ela diz:

Eu tive chance de trabalhar um tempo no Ceplan com o Lelé, para aprender detalhamento. Porque, quando eu estava fazendo meu projeto final, um dos projetos no final do curso tinha que apresentar o detalhamento. E eu queria fazer o detalhamento de uma fase de impermeabilização de uma laje. Aí, alguém disse assim: “Vai lá perguntar para o Lelé, que ele sabe”. Eu fui e disse: “olha, será que você pode me ajudar?”; “Eu te ajudo sim. Vem para cá, fica aqui comigo um tempo, você vai aprender rapidinho como é que faz detalhamento”, ele disse. Foi muito bom, porque eu tive a oportunidade de participar, como estagiária, nas definições sobre o Minhocão, como é que fazia pré-moldados, encaixes.

“Não quero criar uma universidade qualquer, quero criar a Universidade Brasileira”: a pós-graduação na UnB de Darcy.⁶

As críticas iniciais de Graeff (1963), quanto à inovação da proposta, eram pertinentes em relação à diferença entre o ensino de graduação em Brasília e outras escolas consolidadas. Porém, o curso de Arquitetura e Urbanismo estava inserido no projeto da Universidade, e, como tal, tinha a pós-graduação ligada diretamente ao Ceplan e a Lelé e Niemeyer.

Darcy Ribeiro defendia um programa de pós-graduação dentro de um sistema integrado de formação do magistério, reconhecendo a falta de formação de um corpo docente qualificado tanto para a UnB como para outras instituições brasileiras. Para Darcy, a integração ampliaria simultaneamente “as atividades científicas e a preparação maciça do corpo docente de nível superior altamente qualificado de que necessitava não só a própria Universidade de Brasília, mas toda a rede universitária Brasileira” (RIBEIRO, 1978, p. 118-119).

Dentro da estratégia da Universidade, o mestrando iniciaria a carreira docente com o cargo de instrutor, e a ele seria concedida uma bolsa de estudos por um prazo máximo de três anos. Ao fim do prazo, o estudante perderia seu posto de instrutor, repassando-o a outro estudante. Com o grau de mestre obtido, o candidato poderia postular ao cargo de professor assistente. E o cargo de assistente seria ocupado por um candidato ao doutorado, que teria um prazo máximo de cinco anos para obter o título. Alcançando a titulação, o candidato poderia se integrar ao quadro docente como professor adjunto.

⁶ Jayme Leal em entrevista de 2021.

Figura 17: Homens em pé, entre eles Darcy Ribeiro, sobre a rampa da Faculdade de Educação, antiga reitoria, na inauguração da Universidade de Brasília, com bandeiras ao fundo (1962).



Fonte: <https://atom.unb.br/index.php/00100-23>. Acesso em: 13 fev. 2022.

Na estrutura proposta, os departamentos funcionariam em núcleos colegiados para organizar equipes de professores responsáveis, tanto pelo ensino quanto pela pesquisa. Assim, quando cada departamento estivesse em funcionamento, seria capaz de operar tanto

na graduação como na pós-graduação. E na pesquisa poderia se dedicar especialmente a um tema preferencial, que seria o seu projeto. Além das pesquisas, os mestrandos participavam ativamente da graduação como auxiliares no ensino e com a produção de materiais de apoio didático. No caso da Arquitetura e Urbanismo, a pós-graduação tinha um tema principal, que era o desenvolvimento da industrialização na Arquitetura, e o Ceplan era o espaço das pesquisas e desenvolvimentos, assim como dos projetos para o *campus* como das pesquisas de mestrado.

A industrialização como pesquisa na Universidade de Brasília

Em 2 de fevereiro de 1962, o Conselho autoriza a criação da Assessoria Técnica da Fundação subordinada diretamente ao Presidente, que contratará *ad referendum* do Conselho Diretor, assessores e consultores, para as tarefas de planejamento geral, da Universidade, estudo e elaboração do programa econômico e financeiro e elaboração do plano urbanístico e arquitetônico, do conjunto universitário (CONSELHO DIRETOR DA FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962b).

O Conselho considera o volume de obras a serem realizadas no *campus* e vê a necessidade de criar a Assessoria Técnica da Fundação. Esta teria a incumbência de colocar o plano de obras e urbanístico do conjunto universitário em prática. Lembrando que a UnB só seria inaugurada em abril e que em fevereiro ainda não existia nenhuma edificação pronta.

Não há clareza nos documentos, nem tampouco nos relatos, se a Assessoria Técnica já era considerada o centro de planejamento e pesquisa da universidade. O fato é que em 31 de maio, “o Conselho decide aprovar o nome do arquiteto Oscar Niemeyer para o cargo de coordenador geral do Ceplan” (CONSELHO DIRETOR DA FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, Resolução XXI, 1962c). O texto também aprova os nomes de Lucio Costa (Planejamento Urbanístico) e Joaquim Cardoso (Cálculo e Instalações) como consultores do Coordenador Geral.

Quanto aos integrantes do Ceplan, os relatos citam diversos nomes, mas não entram em acordo. A pesquisa que originou este livro encontrou no fim da dissertação de Luiz Henrique Gomes Pessina, de 1964, página 30, a lista de integrantes que nos pareceu a mais aproximada. Na sua nota, aponta ele:

Secção de Urbanismo: Lucio Costa, Jaime Zettel e Ítalo Campofiorito; Secção Arquitetura: Oscar Niemeyer, João da Gama Filgueiras Lima, Sabino Barroso, Glauco Campelo, Virgílio Sosa Gomes, Evandro Pinto Silva, Carlos Bitencourt, Hilton Gerson Costa, Abel Accioly, Darcy S. Pinheiro e Oscar B. Kneipp.

Outra informação importante, e até agora não muito clara, é sobre as empresas envolvidas na manufatura dos pré-fabricados dos edifícios da Universidade. A Construtora

Rabello era responsável pelo ICC, o Centro Integrado de Ensino Médio (CIEM), os SG (1-2-4-6-10 e 11), além do desenvolvimento do protótipo de residências para estudantes, cujos cálculos estruturais e respectivos cronogramas foram elaborados pelo escritório de Sérgio Marques de Souza. Já a construção dos edifícios residenciais dos professores, a Colina, ficou a cargo da Cristian-Nielsen Construtora (PESSINA, 1964, p. 30).

Entretanto, a industrialização dos edifícios da UnB é anterior ao Ceplan, e não começa com uso de elementos pré-fabricados de concreto, mas com edifícios em madeira, Oca I e Oca II. Eles foram as primeiras edificações concluídas para a inauguração, e os edifícios foram assim nomeados em função da empresa OCA pertencer ao arquiteto Sérgio Rodrigues. Os pavilhões de dois andares utilizavam uma estrutura de elementos modulados e industrializados em madeira com fechamento de empenas cegas em alvenaria. O sistema construtivo utilizado foi o Sistema de Arquitetura Industrializado em Madeira (SR2), desenvolvido pelo arquiteto e amplamente utilizado na construção de residências pelo país.

Figura 18: Oca de Sérgio Rodrigues



Fonte: CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO (CEDOC) UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB) (1962).

Logo em seguida, as primeiras construções com pré-fabricados de concreto na UnB são os pavilhões de Serviços Gerais, também conhecidos como SG, que abrigavam o Ceplan e o Instituto de Artes e Música. A construção se caracterizava pelo uso de placas pré-fabricadas de concreto armado em forma de U que se encaixam formando “pilares” onde se apoia

a cobertura. A ventilação e iluminação são feitas através de jardins internos; a obra ficou a cargo da Construtora Rabello.

Antes mesmo do término das obras da Faculdade de Educação, a Construtora Rabello iniciou a construção dos blocos de um pavimento, de autoria de Oscar Niemeyer. Tão logo concluído, o SG-10 – primeiro edifício pré-fabricado do *campus* – passou a sediar o Ceplan. O sucesso dessa experiência levou, em seguida, à construção dos pavilhões de Serviços Gerais SG1, SG2, SG4 e SG-8 (CAVALCANTE, 2015, p. 91).

Mantendo a linha de pesquisa, ainda em 1962, Niemeyer iniciou os estudos de um módulo pré-fabricado, concebido para ser totalmente produzido em usina, de habitações estudantis com aproximadamente 45m² e pesando 42 toneladas. Eles poderiam ser dispostos individualmente ou em conjunto para compor edifícios de até quatro andares. Sua proposta de arranjo contemplava também pequenos jardins.

Figura 19: Construção do edifício de Serviços Gerais



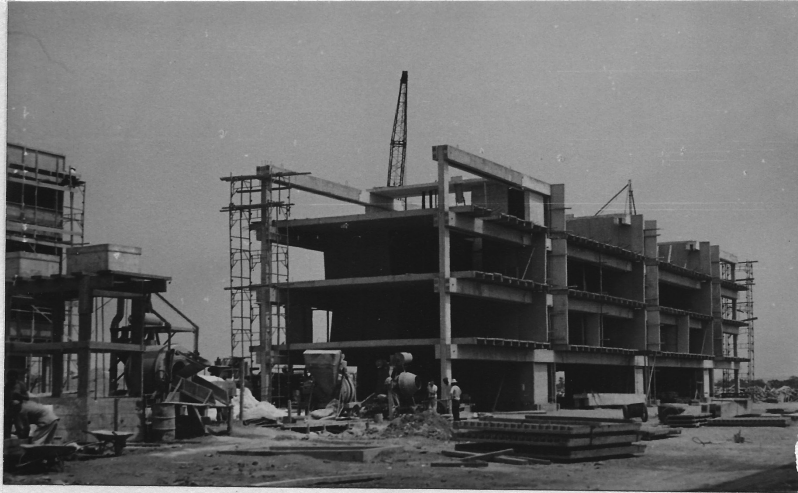
Fonte: Pessina (1964).

Figura 20: Construção do Protótipo Residencial



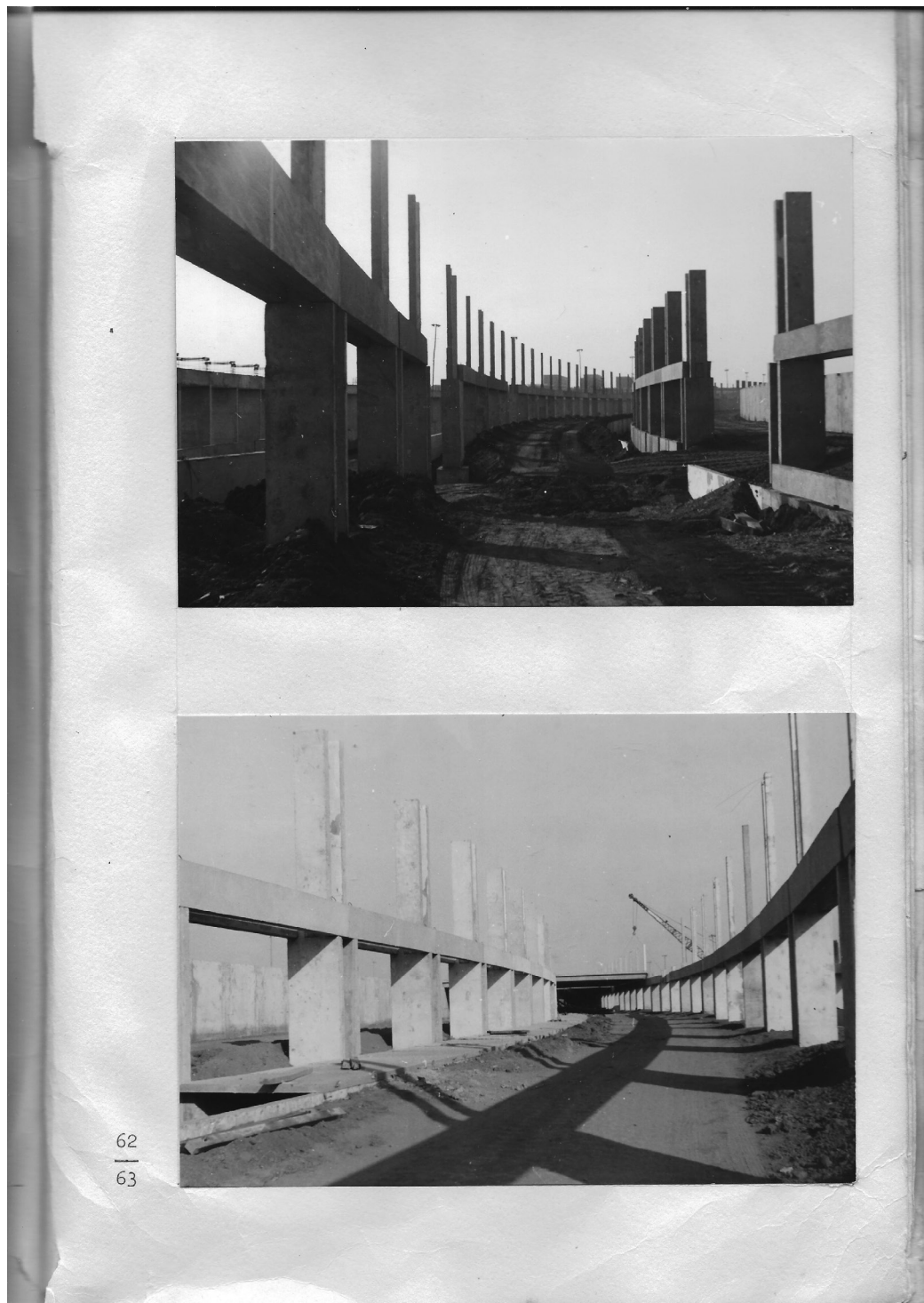
Fonte: Pessina (1964).

Figura 21: Construção dos primeiros edifícios residenciais da UnB (colina)



48
—
49

Figura 22: Construção do Instituto Central de Ciências



Fonte: Pessina (1964).

Experiências inovadoras, como define o professor José Carlos Corcova Coutinho, abriram espaço para todo tipo de experimentação. Para ele, as habitações funcionais

da Colina projetadas por Lelé foram pioneiras no uso de pré-moldados no Brasil. O sistema usa a circulação vertical de concreto armado fundido no local para dar rigidez ao conjunto; nela, se engastam as peças pré-moldadas – vigas e lajes – que constituem o piso dos apartamentos.

Dando continuidade ao conjunto inicial de edifícios da UnB, João Filgueiras Lima, Lelé, desenvolve novos galpões, os SG de 9 a 12, com estrutura pré-moldada simples de pilares e vigas, com uma sobreloja desmontável suspensa da cobertura. Tanto a Colina como os SG iniciam o uso de peças pré-fabricadas de maiores dimensões na construção dos edifícios.

A parceria de Niemeyer e Lelé no Ceplan caminha com o projeto de edifícios maiores e, agora, com uma nova estética, o concreto aparente e a exposição das estruturas na composição das fachadas. É o caso do Instituto de Teologia, uma edificação alongada de três pavimentos, caracterizada pela repetição ritmada de um mesmo elemento vertical e pela estrutura independente abobadada que cobre parte do seu volume. Em 1963, inicia-se a construção do edifício símbolo da universidade – o ICC –, não apenas pelo seu tamanho, mas por sua solução estrutural, espacial e funcional.

As crises e a demissão coletiva: o fim do curto período

Assim como outros mestrados, os da Arquitetura e Urbanismo⁷ eram egressos provenientes de vários lugares do Brasil e até mesmo de outros países; chegaram aqui com o objetivo de obter seu título de mestres em Arquitetura. Além de estudantes de pós, participam no ensino de graduação como *instrutores*, fazendo parte do plano de formação de um quadro de docentes da UnB. Pois, assim como em outras áreas, naquele momento os mestres ou doutores em Arquitetura eram raros. Eles integraram a equipe e passaram a ser orientados por outros arquitetos, tão jovens como eles, que estão no cargo de professores não por títulos, mas por seu notório saber.

Já em Brasília, vivenciaram a cidade, envoltos em um clima de “quase transe”. Respiraram a Universidade em tempo integral e se relacionaram com importantes intelectuais brasileiros de diversas áreas. Com os mestrados dos outros cursos, aprendem sobre Civilização Brasileira com Nelson Werneck Sodré, sobre Sociologia com Perseu

⁷ “Na Universidade de Brasília, dois meses depois de sua instalação, surgia o primeiro órgão de representação estudantil, o Diretório Acadêmico da Arquitetura – DACAU, e, logo em seguida, outros foram sendo organizados, e mais tarde a Federação dos Estudantes Universitários de Brasília/FEUB. Já no final de julho de 1962, foi deflagrada a primeira greve liderada pelo DACAU, solidária aos cem mil estudantes em greve em todo o País, em defesa da representação de 1/3. Pelos estatutos da UnB, naquele momento em elaboração, estava prevista uma representação maior do que aquela existente até então, inclusive com uma câmara com poderes para convocar o próprio Conselho Universitário. Entretanto, alegavam que esta representação estava dividida com os estudantes de pós-graduação e que estes exerciam uma posição privilegiada, porque podiam, inclusive, ser professores e, portanto, não poderiam ser considerados como verdadeiros estudantes” (APARECIDA, 1991, p. 43-44).

Abramo. No âmbito da Arquitetura, vivenciam o planejamento de Lucio Costa, discutem o plano e reinventam a cidade com seus trabalhos.

Se a história da construção de Brasília é uma sucessão de eventos, quase uma epopeia, a história da UnB acompanha o mesmo ritmo. Desde a proposta de sua criação por Juscelino, em 1960, à demissão coletiva, em 1965, foram tantos os eventos que parecem retratar um longo período.

Como pudemos observar, foram muitos os nomes que construíram a Universidade. Desde aqueles que aceitaram o desafio de viver em uma cidade em construção, aos que não tiveram tempo hábil de fazer a sua transferência. Pois, outros cursos, que não Administração, Direito e Arquitetura, preparavam o início das aulas de graduação para o ano de 1964 em suas instituições de origem, como relata João Claudio Todorov,⁸ professor emérito, em entrevista concedida em 2015. Na época, ele era mestrando em Psicologia, fazia parte da equipe de Carolina Bori, e com outros colegas cuidava da confecção de material e tradução de publicações, que seriam a base bibliográfica do curso de Psicologia.

Tudo precisava ser construído, dos edifícios ao material de ensino. Os arquitetos acompanharam esse processo, por um lado, com o envolvimento pedagógico de Alcides da Rocha Miranda, por outro, com as pesquisas sobre pré-fabricação desenvolvidas por Lelé e a equipe do Ceplan, e que davam apoio ao avanço dos edifícios do *campus* e de outras edificações educacionais espalhadas pela cidade, que eram desenvolvidos por Oscar Niemeyer e equipe.

O projeto inicial tentou resistir nos seis primeiros anos de sua implantação, mas terminou por ser esvaziado em seu conteúdo ao ser eliminado o primeiro grupo de professores comprometidos com suas ideias e a formulação de outras diretrizes para seu funcionamento [...]. A UnB, depois de trinta anos, já não é a única portadora de novas mensagens (APARECIDA, 1991, p. 39).

A UnB de Darcy Ribeiro e Oscar Niemeyer era diversa e inovadora, uma construção coletiva de universidade que se compôs de diversos nomes. E este mesmo sentido de coletividade entendeu que as condições de trabalho pós-1964 estavam muito longe do ideal, e entre as decisões possíveis, decidiu-se, em outubro de 1965, pela demissão coletiva⁹ de quase a totalidade do seu corpo docente, incluindo os mestrandos, que eram a base do ensino

⁸ “Nós tínhamos um sistema personalizado de ensino que foi ‘bolado’ exatamente pra Brasília. Darcy e Carolina, que haviam sido colegas na USP, eles eram muito amigos e participavam do SBPC também. Ela tinha atividade política. Quando ele convida a Carolina, convida com carta branca para inovar em tudo. Pensa numa universidade nova, onde tudo pode acontecer [...]” (Entrevista de João Cláudio Todorov concedida à autora deste livro, em 2015).

⁹ “A proclamação: os professores, assistentes e instrutores da Universidade de Brasília que acabam de se demitir das funções, dirigem-se aos estudantes e as suas famílias a fim de dar as explicações seguintes: Vimos trabalhar na Universidade de Brasília com a esperança de poder contribuir para a construção de uma Universidade moderna, cuja estrutura constitui uma experiência nova em nosso país [...]. Queremos, por fim, dizer aos estudantes da UnB e a suas famílias que estamos certos de que a nossa atitude é o melhor exemplo que poderíamos dar aos nossos alunos na defesa da autonomia da Universidade e da dignidade do trabalho intelectual” (SOUZA, 2005, p. 168-169).

de graduação. Desde esse episódio, a Universidade passou por diversas reestruturações. A experiência inicial da UnB representou uma confluência de ocasiões e oportunidades. A participação política dos arquitetos na construção da cidade e da Universidade é efetiva, desde a sua criação, e isso em grande parte foi possível pela ligação entre Darcy Ribeiro e Oscar Niemeyer, que apesar de tantos outros nomes, eles representam como ninguém o espírito da época.

A escola de Darcy Ribeiro e Oscar Niemeyer foi um sonho coletivo que aproveitou a ocasião e o momento para colocar em prática a união de ensino e pesquisa, associados a uma visão de mundo aparentemente uníssona. O corpo docente que fez parte do grupo inicial, até mesmo pelo isolamento da capital naquele momento, mantinha-se coeso e comprometido com o modelo idealizado. Porém, em tempos de crise, a coesão não foi garantia de continuidade. Em outubro de 1965, Darcy Ribeiro não era mais o reitor da Universidade, e Oscar Niemeyer estava em Paris. Mesmo assim, o cerne desse ideal é ciclicamente retomado, seja para reposicionar o curso, seja para reacender antigas diferenças.

Figura 23: Primeiras invasões



Fonte: CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO (CEDOC) UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB) (1964).



As primeiras pesquisas na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília

O trabalho histórico exige uma articulação do contínuo histórico que, ao definir unidades, permita situar objetos analisados e um contexto que possibilite sua compreensão, ao mesmo tempo que seja possível a relação desse conjunto maior com a totalidade da história. Essas unidades históricas são construções que o historiador realiza, em sua tentativa de compreender a realidade. Aparentemente, a realidade é incoerente e é apenas a construção do pensamento que organiza (ordena) e busca relações que lhe deem sentido (WAISMAN, 2013, p. 57).

A questão das relações sociais foi sendo construída com o desenvolvimento do trabalho como forma de entender o todo. Nesse caso, o recorte, como propõe Marina Waisman (2013), foi das conexões entre o tempo e as coisas. As dissertações foram analisadas, inseridas em seu contexto histórico, buscando extrair desse contexto subsídios suficientes para dar ao conjunto uma categorização, que poderia ser outra ou ter outras divisões. Elas foram tratadas como documentos novos e que precisavam ser apresentadas como são, sem o julgamento da contemporaneidade, no que se refere às formalidades que hoje constam nos trabalhos de pós-graduação. A compreensão da realidade do processo histórico, como diz Marina (2013), foi um desafio, pois o recorte histórico e o tema deste livro colocam sempre o antagonismo como fator decisivo nas falas das personagens.

Para efeito de análise, nesta obra, optou-se pela seguinte categorização: a defesa da ocupação territorial; a fabricação como pesquisa; os projetos e a pesquisa, ou as pesquisas e os projetos?

Tal divisão não segue uma lógica usual, mas uma seleção conveniente de leitura que, paralela ao contexto histórico, vai ora corroborando, ora destoando dos discursos da criação

A defesa da ocupação territorial

Ao primeiro conjunto pertencem as dissertações que abordam os temas predecessores, no sentido de tratar de assuntos que antecedem a instalação de Brasília, seja pelo seu contexto histórico ou pela ausência de dados, como é o caso dos trabalhos de Elvin Mackay Dubugras e de Philomena Chagas Ferreira. Apesar de teóricos, foram agrupados na categoria porque claramente evidenciam a defesa de ocupação do Centro-Oeste e a instalação da Capital no Cerrado. São exemplos: *Notas sobre a arquitetura do século XVIII em Pilar de Goiás* (DUBUGRAS, 1965), de Dubugras, orientada por Alcides da Rocha Miranda, e *Alguns dados sobre o clima para a edificação em Brasília* (FERREIRA, 1965), de Philomena, com Lelé como orientador e a participação do professor Eustáquio de Toledo, contribuindo com a sua visão sistemática sobre o clima de Brasília.

Figura 25: Casa da Princesa



Fonte: <http://www.ipatrimonio.org/pilar-de-goias-casa-da-princesa/#!/map=38329&loc=-14.761386999999987,-49.57879700000001,17>. Acesso em: 13 fev. 2022.

Notas sobre a arquitetura do século XVIII em Pilar de Goiás

Além de um extenso levantamento do conjunto arquitetônico e artístico, Dubugras (1965) preocupou-se em demonstrar o processo histórico de ocupação do centro do país, a exploração dos seus recursos e o estado de atraso e abandono em que se encontrava. Seu argumento reforçava a importância de ocupação do Centro-Oeste e, por conseguinte,

a defesa de Brasília como capital. A ocupação do centro do país é descrita desde o tempo da colônia e da defesa da transferência da capital para Brasília, tema recorrente também entre os outros mestrandos.

Figura 26: Detalhes sobre o patrimônio de Goiás



Fonte: <http://www.ipatrimonio.org/pilar-de-goias-casa-da-princesa/casa-da-princesa-imagem-iphan-4-2/>. Acesso em: 13 fev. 2022.

Outro ponto importante do trabalho é o reconhecimento e a catalogação do patrimônio de Pilar de Goiás como um dos últimos exemplares de ocupação urbana da época da exploração de minérios, ainda preservados em Goiás. Seu trabalho relata a constituição da capitania, a dificuldade de transpor o território do litoral para o centro do país, o difícil “controle indígena” e a exploração inadequada das riquezas minerais. Uma história que é comum a toda região do ouro. O autor descreve as arquiteturas religiosas e públicas que não sobreviveram ao descaso, e argumenta que sua pesquisa tem por objetivo catalogar e documentar, por meio de desenhos e fotos, os exemplares remanescentes de tal arquitetura.

A bibliografia de aproximadamente 110 títulos chama a atenção pela quantidade e variedade, uma vez que a Universidade estava em formação e as pesquisas aconteciam paralelamente ao início da instituição. Entre as referências, ele começa o texto com as *Cartas régias e provisões 1730-1738. Documentos interessantes para a História e costumes de São Paulo*, [s.d].

A primeira parte da dissertação apresenta a ocupação da província de Goiás e suas semelhanças e diferenças com Minas Gerais e as Bandeiras Paulistas. Também são apresentados mapas, cartas e relatos, além de livros sobre costumes e cultura da época estudada.

Em 1998, Dubugras fez um adendo à dissertação apresentando brevemente o trabalho, o seu orientador, e faz alguns esclarecimentos sobre o que aconteceu depois da demissão:

Este trabalho apresentado como tese, na Coordenação de Pós-Graduação, permaneceu junto com outros mais 10 meses sem que a Intervenção Militar na UnB permitisse o funcionamento das bancas julgadoras. Não era propósito de a ditadura admitir que o corpo docente da UnB trabalhasse e pesquisava com seriedade, pois isto contraria a acusação de que a universidade era apenas um foco de subversão. Foi o preço que cerca de 150 docentes pagaram pelo direito de pensar livremente. A anistia de 1998 permitiu nossa reintegração, mas não era possível retomar o programa (DUBUGRAS, 1998, p. 05).

Alguns dados sobre o clima para a edificação em Brasília

Philomena, arquiteta formada pela Escola de Arquitetura de Minas Gerais em 1962, tem uma orientação dupla: em relação às questões de clima, recebeu contribuições de Eustáquio de Toledo, porém, seu orientador geral de dissertação foi o arquiteto João Filgueiras Lima, Lelé. Sua pesquisa é a primeira proposta de levantamento climático da cidade e sua aplicação nas construções. Ainda hoje é referência para os estudos bioclimáticos do Cerrado. Em entrevista concedida em 2015, ela nos dá uma ideia do que fora aquela época:

[...] posso fazer uma crítica do que era, naquela época, essa ideia da relação da arquitetura no meio físico na qual ela se instala, e que ainda permanece hoje [...]. Dessa palavra horrível que se chama conforto. Como se fosse uma coisa mecânica. Você vai fazer uma arquitetura e você vai tirar proveito, para você ficar confortável. Isso vem muito de um pensamento da formação na Inglaterra. O Eustáquio Toledo era um engenheiro, uma pessoa inteligente e com uma formação forte. Ele esteve no instituto de construção de Portugal e na Inglaterra. E ele trouxe essa ideia de conforto sobre o clima [...]. A documentação dele era uma documentação essencialmente técnica. Mas eu sempre achei que alguma coisa faltava. Eu trabalhei com essa orientação, embora o meu orientador oficial fosse o Lelé, que estava muito ocupado. Havia uma resistência muito forte, por exemplo, do Ítalo Campofioritto, que achava que isso era uma besteira solene, trabalhar sobre essas questões.

Philomena divide seu trabalho em cinco partes; a primeira procura situar e estudar o clima tropical e sua arquitetura. A segunda vai estudar o clima desde a sua conceituação, com ênfase nos fatores de influência, sejam eles meteorológicos ou climáticos, e em relação à edificação, concentrando-se no clima de Brasília. Trata da questão do clima e da edificação, encerrando o capítulo relacionando clima e conforto térmico. A terceira parte entra nas noções de conforto térmico, estudando as suas propriedades físicas em relação ao conforto térmico do indivíduo. Também estuda a transmissão e as trocas de calor entre as edificações e o meio. Termina ressaltando a importância da radiação solar como fonte

principal de calor. A quarta parte faz uma análise crítica do clima de Brasília, em função da edificação, aproveitando para fazer suas ponderações ao método e finaliza o capítulo caracterizando o clima de Brasília sob o ponto de vista da construção. Na quinta e última parte, propõe-se a formular dados sobre o clima de Brasília, relacionando-os às edificações. Também trata das proteções solares e da radiação e suas proteções nas coberturas, paredes e aberturas. Outros dados levantados por sua pesquisa são vento e ventilação. Para encerrar, lembra a questão da proteção às chuvas.

A autora utiliza uma bibliografia específica sobre estudos climáticos, com aproximadamente 47 títulos que datam de 1948 a 1964. As referências são essencialmente técnicas, com diversas publicações em espanhol, francês e inglês. De Lucio Costa temos “Considerações sobre o ensino de Arquitetura” e “Razões da nova arquitetura”, ambos presentes na compilação de Xavier (1962).

Alguns dados sobre o clima para a edificação em Brasília (FERREIRA, 1965) é um dos primeiros trabalhos sobre o tema, o que seria suficiente para torná-lo inovador. Porém, desde cedo, a autora se preocupa em um olhar sistemático das questões climáticas e da arquitetura. Ela também alerta que trabalhos sobre clima e conforto térmico no Brasil ainda eram pouco desenvolvidos no país. Mesmo enfrentando a dificuldade na aceitação do tema, e na inexistência de dados para o Planalto Central, Philomena defende a importância do seu trabalho como uma base para futuros estudos sobre a capital que se desenvolve. Assim como Dubugras, também passa pela importância da ocupação do Centro-Oeste e pela afirmação de Brasília como Capital. Apesar de ser um trabalho técnico, faz críticas ao olhar tecnicista do conforto distanciado da arquitetura.

Os teóricos e a historiografia que estava por vir

Talvez, um dos primeiros exercícios necessários seria o de identificar como a própria configuração das áreas da história da arquitetura e da história do urbanismo no Brasil é ou foi vista pelos próprios atores que passaram a atuar nela. E, a partir daí, avaliar como se considera o processo que instituiu as práticas arquitetônica e urbanística do século XX, como objetos de estudos historiográficos propriamente ditos (PEREIRA, 2014, p. 203).

Mesmo que o termo da historiografia aplicada à arquitetura e urbanismo seja algo relativamente recente, podemos considerar os trabalhos pertencentes ao conjunto como trabalhos historiográficos. Todas as dissertações analisadas são sempre precedidas de alguma pesquisa teórica, seja um panorama histórico ou embasamento teórico para o desenvolvimento do projeto. Entretanto, três dos trabalhos analisados têm um caráter estritamente teórico e inovador.

Em primeiro lugar, o trabalho de Armando de Andrade Pinto, *Valores Arquitetônicos* (PINTO, 1965), parte da consideração de seu orientador, Edgar Graeff, de que a obra

arquitetônica é uma síntese entre construção e arte, e atribui a este conjunto de características o nome de valores arquitetônicos. O autor trabalha a questão dos valores entre a ética e a estética. A dissertação é quase um manifesto sobre a arquitetura como arte para servir socialmente ao homem.

O segundo trabalho é *Investigação dos trabalhos de Le Corbusier, Costa e Oscar* (JANVEJA, 1966), de Shyam Sunder Janveja, orientado por Adalberto Acioly. Talvez o mais inesperado de todos os nossos mestrados, Janveja, formado na Universidade de Roorke, trabalhou em Chandigarh antes de vir a Brasília. Ele faz um interessante trabalho de descrição e análise do projeto de Le Corbusier, o que, no início dos anos 1960, era uma novidade.

Para finalizar o bloco, temos o trabalho de Sérgio de Souza Lima, *Algumas considerações sobre um texto de Lucio Costa* (LIMA, 1965b). Orientado por Lelé, o trabalho de Souza Lima parte do texto de Lucio Costa como tema principal e dele tece suas especulações.

Valores Arquitetônicos

Armando nasceu em Porto Alegre, em 1936, cursou a Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil, de 1958 a 1962. Desenvolveu seu trabalho de pesquisa para o mestrado sob a orientação do professor Edgar A. Graeff, com um tema teórico, dissertando sobre a questão dos “Valores Arquitetônicos”.

Sua dissertação está dividida em seis partes: inicia discutindo as necessidades humanas, que podem ser de ordem imediata ou não. Quanto aos “Valores Arquitetônicos”, propõe uma subdivisão entre técnicos e práticos. Em relação aos “Valores Espirituais”, atribui a eles um componente de subjetividade e emoção, quase um diálogo entre a obra e os seres humanos. No que tange ao “Emprego dos Valores”, o autor argumenta que “assume uma tônica humanística, bem acentuada, por ter como princípios básicos a satisfação das necessidades humanas” (PINTO, 1965, p. 63).

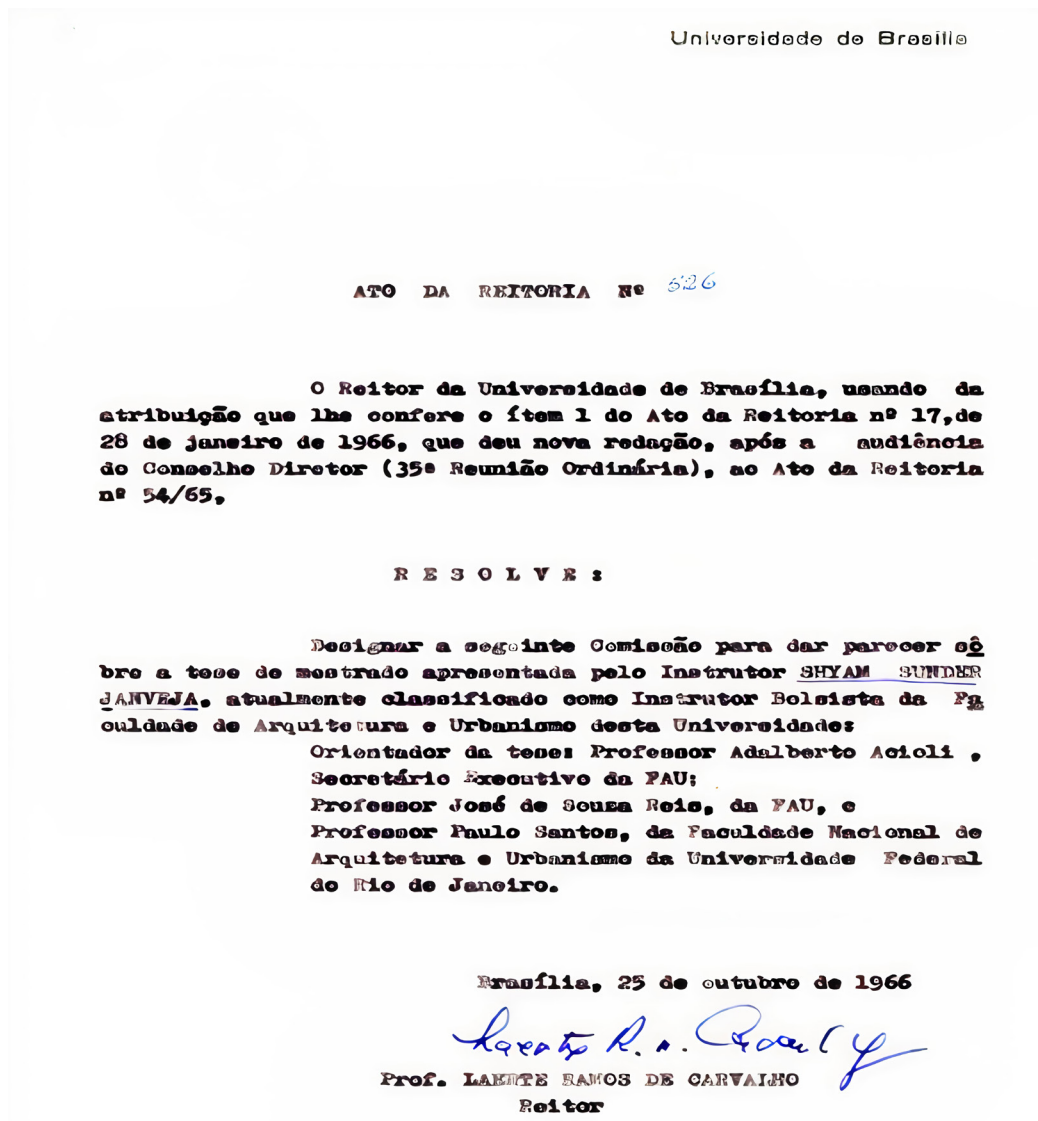
Logo na epígrafe, o autor dá a entender a distinção entre arquitetura, construção e arte a que foi desenvolvida como reflexão na pesquisa do seu orientador. Para Pinto (1965, p. 1),

a obra arquitetônica é um produto de síntese em que utilidade, técnica construtiva e arte se integram, dando origem a uma coisa de qualidades novas, específica, diferentes da pintura e da escultura. A essas qualidades específicas dá-se o nome de VALORES ARQUITETÔNICOS.

Armando apresenta uma bibliografia com aproximadamente 40 itens, publicadas de 1942 a 1954. Entre os itens, temos dez publicações em espanhol, oito em francês, três em inglês e nove em português. Fazem parte da sua bibliografia Giancarlo de Carlo, Ortega y Gasset, Ernest Fischer, Henri Focillon, Henri Francastel, Walter Gropius, Luís Khan, Le Corbusier, Henri Lefreuve, André Lurçat, Willima Morris, Richard Neutra, Nicolau Pesner, Gio Ponti e John Ruskin, bem como Marx e Engels, *Sur la littérature et l'art*, de 1954.

Também encontramos Sylvio Vasconcellos e sua *Arquitetura, dois estudos*, de 1960, e Paulo Santos, com *A arquitetura da sociedade industrial*, de 1961, título que vai aparecer em outras dissertações e que continua até hoje sendo o título de uma das disciplinas da cadeia de teoria e história. Niemeyer aparece com dois artigos da revista *Módulo*: “A cidade contemporânea”, de 1958, e “A imaginação na arquitetura”, de 1959. Do seu orientador, Edgar Graeff, os textos: *Condições históricas do aparecimento da Arquitetura*, de 1956, *Três categorias artísticas na Arquitetura*, de 1961, e *Uma sistemática para o ensino de arquitetura*, de 1959. E, de Caio Prado, a *Dialética do conhecimento*, de 1960.

Figura 28: Comissão de Avaliação de Mestrado



Fonte: <https://atom.unb.br/index.php/ato-da-reitoria-1966-0526>. Acesso em: 13 fev. 2022.

Investigação dos trabalhos de Le Corbusier, Costa e Oscar Niemeyer

Janveja nasceu em Multan, no Paquistão, em 1939, cursou a Faculdade de Arquitetura da Universidade de Roorkee, formando-se em 1963. De seu currículo, podemos destacar a participação como assistente de planejamento no escritório de Pierre Jeanneret, o arquiteto-chefe e consultor urbanista do Governo do Punjab para Chandigarh. Ainda em Chandigarh, trabalhou na Escola de Arquitetura, como professor assistente, de 12 de junho de 1963 a 6 de junho de 1964.

Sua dissertação, *Investigação dos trabalhos de Le Corbusier, Lucio Costa e Oscar Niemeyer*, foi orientada pelo professor Adalberto Acioli. Dividida em três capítulos e uma conclusão, sendo que o primeiro é dedicado a Le Corbusier e apresenta o projeto de Chandigarh. O segundo é sobre Lucio Costa e procura inserir o arquiteto num panorama da arquitetura moderna, com os edifícios dos anos 1930 até a sua proposta para Brasília. O capítulo sobre Oscar Niemeyer concentrará seu olhar na plástica de suas obras e comentará seus edifícios para a Universidade de Brasília (UnB) e seus projetos internacionais.

Sua bibliografia conta com aproximadamente 15 títulos, em que aparecem nomes como Giedion, Le Corbusier, Stano Papadaki, Oscar Niemeyer e Lucio Costa. Das publicações em periódicos, a mais interessante é uma publicação indiana de 1961 com um número especial para Chandigarh. Sua pesquisa é tão pioneira nesse sentido que mesmo na Fundação Le Corbusier os trabalhos sobre Chandigarh são posteriores. Outro título que aparece em todos os trabalhos é Lucio Costa e seu livro *Lucio Costa: sobre Arquitetura*, presente na organização de Xavier (1962).

No capítulo sobre Lucio Costa, fala da importância do arquiteto e um pouco do projeto do edifício do então Ministério da Educação e Cultura (MEC), porém sua análise tem foco principal no Plano Piloto. Em relação a Niemeyer, o seu texto deixa claro o encantamento com a plástica da obra do arquiteto. Utiliza o livro *Minha experiência em Brasília*, de 1961, e alguns números da revista *Módulo* de Niemeyer. Também traz entre seus títulos um livro de Hélio Ferreira Pinto,¹ *Arquitetura e expressão social*, de 1962.

¹ O engenheiro, além de projetar o Banco Central, participou e teve seu projeto vencedor no concurso da sede do clube militar. Após a demissão coletiva da Universidade, o engenheiro assumiu a encomenda de desenvolver os edifícios laminares da SQN 107.

Figura 29: O novo humanismo científico

" O NOVO HUMANISMO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO " - Contribuição escrita por Lúcio Costa, e solicitada pelo Instituto Tecnológico de Massachusetts, por ocasião da Conferência Comemorativa do primeiro centenário deste Instituto. Abril de 1961. (36)

Pergunta-se como os especialistas de toda sorte, que são os membros qualificados da nova sociedade, se poderão entender (C) .

E pergunta-se, em seguida, como o impacto do desenvolvimento científico e tecnológico na evolução das sociedades e a sua influência nas relações internacionais, devem repercutir na educação (D) .

Perguntas oportunas, pois estamos, efetivamente, no alvorecer de uma era em que o desenvolvimento científico e tecnológico tende a humanizar-se; humanização operada, paradoxalmente, não por ação lúcida e racional da nossa consciência ética, individual ou coletiva, mas como decorrência lógica, ou melhor, por in-posição, de seu próprio processo normal de evolução. Assim, por exemplo, não é por efeito de princípios de ordem moral ou religiosa que a guerra se torna agora impraticável, mas tão-só devido ao impacto que o apuro científico e tecnológico dos meios de destruição nos conduziu; como também não será por generosidade ou espírito de solidariedade humana que a miséria será um dia abolida e a justiça social finalmente alcançada, mas por simples imposição das técnicas de produção em massa, que forçarão - por bem ou por "mal" -, como contrapartida, distribuição na mesma escala, e não há de ser por sua ideologia política, mas por sua habilidade em tornar rapidamente praticável essa distribuição maciça dos bens de consumo e de conforto que os regimes econômico-sociais deverão sobreviver ou perecer.

Os homens de ciência e, de um modo geral, os donos da tecnologia, presos cada qual ao campo restrito do respectivo domínio, subestimam o seu valor conjunto. Serão eles, no entanto, que levarão afinal a humanidade de volta ao "paraíso perdido". A especulação filosófica, religiosa e agnóstica, desta primeira metade do século, tanto menosprezou o cándido otimismo dos enciclopedistas do século XVIII e o "cienticismo" do século XIX, que acabou vítima da própria suficiência. Aqueles que tradicionalmente ocuparam o topo da hierarquia intelectual já não são mais únicos detentores das chaves do ser ou não ser e do bem e do mal, e a frustração deles faz lembrar o desencanto do "Chantecler" de Rostand ao constatar que o Sol levantara sem que o seu canto o despertasse.

O desenvolvimento científico e tecnológico tem, de fato, uma coerência imanente fundamental. O seu rápido desenvolvimento ocorre sempre de fatores acidentais, alheios portanto à sua lógica intrínseca e fatal que, levada às últimas consequências, é sempre a favor e não "contra" o homem, porquanto somos parte integrante do processo. Se a televisão, por exemplo, pode revelar-se a borrechada e nociva, não é que o deve ser necessariamente, mas porque o critério comercial do seu emprego a torna assim. Mas esse critério deformador decorre do nosso atual sistema econômico-social, fenômeno portanto passageiro, ao passo que o desenvolvimento científico e tecnológico prosseguirá na medida em que perdurar a força viva que o impela.

Fonte: Centro Sérgio Buarque de Holanda/Fundação Perseu Abramo (CSBH/FPA, [s.d.]).

Algumas considerações sobre um texto de Lucio Costa

Sérgio nasceu em São Paulo, em 1933, e se formou em 1961 pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP). Foi um dos primeiros mes-trandos a chegar à UnB, veio acompanhado de sua esposa, a arquiteta Mayumi Watanabe Souza Lima. Diferentemente de outros mes-trandos, Sérgio já tinha alguma experiência docente, com uma breve passagem pela Escola de Artes, da Fundação Armando Álvares Penteado, no 1º semestre 1962, como professor de História da Arte.

Algumas considerações sobre um texto de Lucio Costa, de Sérgio Souza Lima (1965b), orientado por Lelé, toma um discurso de Lucio Costa de 1961 (COSTA, 1962a) sobre o novo humanismo tecnológico e, a partir dele, vai construindo uma história da arquitetura, editado pelo Centro dos Estudantes Universitários de Arquitetura, organizado por Alberto Xavier, em 1962.

A dissertação foi dividida em duas partes: na primeira, pretende estudar os fundamentos do novo humanismo proposto por Lucio Costa em seu texto, buscando responder o que representa, nessa perspectiva, o processo de industrialização; na segunda parte, considerando a industrialização uma nova técnica, procura quais as implicações para a arquitetura. Seus comentários sobre a industrialização trazem um olhar político sobre o texto, sem esquecer a industrialização na arquitetura e da relação entre a arquitetura e o homem.

A divisão de capítulos da sua dissertação é reflexo da sua escolha bibliográfica, ou resultado dela. Apesar de seu trabalho ter como foco a análise do já citado discurso de Lucio Costa, ele utiliza ao todo aproximadamente 30 títulos.

Destes, dois são em espanhol e tratam de filosofia e estética: Adolfo Sánchez Vásquez, *Ideas estéticas en los manuscritos economico-filosoficos de Marx*, de 1962, e Ernest Cassirer, com *Antropología Filosófica*, de 1963.

Dos títulos em francês temos Sartre, Lefebvre, Karl Marx, Francastel e Igor Strawinski, com *Poétique musicale*, de 1952. Também o livro *Pour une théologie du travail*, de Marie Dominique Chenu (1955).

Das publicações em inglês, constam em sua bibliografia Ernest Fischer, com *The necessary of art – a Marxist approach*, de 1963, Jaques Maritain, com *Creative intuition in art and poetry*, de 1955, e Paul Klee, com *On modern art*, de 1954.

Nos títulos em português há uma publicação de Vilanova Artigas – trata-se da aula inaugural que o arquiteto paulista deu na Faculdade de Arquitetura da Universidade do Rio Grande do Sul, em 1960. De Niemeyer, o autor traz *Minha experiência em Brasília*, de 1961; além destes, também aparece Flavio Motta com um texto na revista *Zodiac*.

No campo da cultura, história e economia, Drummond de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda com depoimentos prestados ao Suplemento Literário do jornal *O Estado de S. Paulo*, em 1962; Celso Furtado, com a *Formação econômica do Brasil*, [s.d.]; Octavio Ianni, com *Industrialização e desenvolvimento Social no Brasil*, de 1963; e Nelson Werneck Sodré com quatro títulos: *Formação histórica do Brasil*, de 1962; *História da*

burguesia brasileira, de 1964; *História da literatura brasileira*, de 1964; e *História da literatura brasileira*, de 1958.




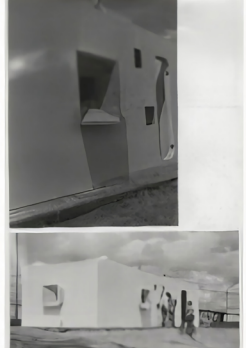


A pré-fabricação como pesquisa

Nos anos 1960, o tema da industrialização e da pré-fabricação era uma das discussões da arquitetura, tanto no Brasil como no resto do mundo. Nada mais natural que na cidade moderna fosse aplicada essa tecnologia. Mas era preciso conhecer melhor a técnica, desenvolvê-la e contar com a parceria da indústria em tal desenvolvimento. Era com isso que contavam os nossos mestrandos. Na Capital, só existia uma construtora que estava interessada em desenvolver tecnologia e com capacidade para tal empreitada, porém, a falta de concorrência inviabilizou as licitações e, com isso, o sonho de uma usina de pré-fabricados para a industrialização² na construção do *campus* e da cidade foi abortado.

A questão da pré-fabricação não se restringe à Universidade, como a equipe que formou o Centro de Estudos e Planejamento Arquitetônico e Urbanístico (Ceplan) era, em boa medida, proveniente da Companhia Urbanizadora da Nova Capital (Novacap); havia outros exemplos de pré-fabricação na cidade: a Plataforma Rodoviária, na estação de passageiros, e a pré-fabricação parcial do Teatro Nacional, ambos projetos de Niemeyer, além da Igreja Episcopal, de Glauco Campelo. O tema também aparece na OCA de Sérgio Rodrigues, desenvolvido com a utilização de peças e elementos de madeira industrializados.

² A importância da industrialização na UnB talvez não possa ser medida pelo seu pioneirismo. Em 1961, temos o projeto de Eduardo Kneese de Melo para o Conjunto Residencial da USP, o CRUSP: “O projeto do conjunto residencial para os estudantes da USP é de 1961, mas começou a ser implantado no ano seguinte. Também assinado por Joel Ramalho Jr. e Sidney de Oliveira, tinha uma série de inovações técnicas para a época. Kneese havia trabalhado na realização de Brasília, em 1960, e antes participara do projeto do Parque Ibirapuera, em 1954, com Oscar Niemeyer, Hélio Uchoa e Zenon Lotufo. A utilização de elementos pré-fabricados foi apenas uma das novidades apresentadas por Kneese. Foi a primeira vez em que se usou em larga escala o pré-fabricado para os custos diminuírem” (GOIA, 2005, [s.p.]).

Figura 30: Pré-fabricados na UnB - primeiro período

 <p>Fonte: CEDOC</p>	 <p>Fonte: Pessina</p>	 <p>Fonte: Pessina</p>
<p>OCA - Estrutura de elementos modulados e industrializados em madeira com fechamento de empenas cegas em alvenaria. O sistema construtivo utilizado foi o SR2</p>	<p>SG - Foram construídos com dois tipos de elementos estruturais: placas de parede (produzidas em usina, com sistema de cura a vapor) e vigas protendidas de cobertura.</p>	<p>CIEM - Paredes e cobogós de concreto armado, sob a forma de painéis pré-fabricados de grandes dimensões, que formam a estrutura portante do prédio.</p>
 <p>Fonte: Pessina</p>	 <p>Fonte: Pessina</p>	 <p>Fonte: Pessina</p>
<p>Protótipo - a célula compreende uma habitação inteira, foram previstas para produção em série e podem ser inteiramente acabadas em usinas.</p>	<p>Colina - Apoios verticais moldados in loco. Vigas duplas longitudinais suportam lajes nervuradas. Cobogós, esquadrias e paredes de instalações hidráulicas em painéis de concreto.</p>	<p>ICC - A exceção da fundação e alguns elementos de contraventamento, o prédio é todo pré-fabricado. Pilares e vigas de concreto protendido. Elementos de grande tamanho e peso.</p>

Fonte: Pessina (1964).

Depois da demissão coletiva de 1965, houve uma paralisação dos projetos com elementos pré-fabricados. Eles foram retomados no fim da década pelo projeto do Centro Olímpico, de Márcio Vilas Boas e Ricardo Libanes Farret. Os grandes edifícios construídos a partir da década de 1970, que fazem parte da chamada “segunda fase”, são em sua maioria obras de concreto armado moldadas *in loco*. Mudam a técnica e, principalmente, mudam a linguagem.

Aspectos gerais da pré-fabricação

Entre a teoria, a tecnologia e o projeto, a dissertação de Luiz Henrique Gomes Pessina, *Aspectos gerais da pré-fabricação: estudo de cronograma de obra com pré-fabricados* (PESSINA, 1964), orientada por Lelé, é a transição entre os teóricos e os projetuais. Seu trabalho nasce como uma proposta de apoio técnico às dissertações projetuais para a Unidade de Vizinhança. Sua pesquisa deveria servir para o detalhamento dos elementos pré-fabricados das unidades habitacionais. Porém, em virtude dos atrasos burocráticos que envolveram o convênio da UnB com o Ministério das Relações Exteriores (MRE), Pessina e Lelé acharam por bem direcionar a pesquisa para um trabalho teórico sobre a técnica e suas soluções.

A pesquisa, precursora, teve como mérito apresentar no início dos anos 1960 um histórico das diversas técnicas de industrialização na arquitetura mundial; os livros sobre o assunto eram todos importados. Ele preocupou-se em descrever com textos e ilustrações cada uma das técnicas de pré-fabricação. E com ajuda do arquiteto Fernando Lopes Burmeister fez um extenso levantamento fotográfico das obras do *campus* da UnB. Parte desse material foi apreendida nas invasões, e outra se perdeu no tempo, como relatou em entrevista (2015) concedida à pesquisa que deu origem a este livro.

A leitura de Pessina nos faz perceber que os estudos de pré-fabricação na UnB seguem uma lógica, explorando as possibilidades do concreto e o tamanho das peças, numa sequência que aparece claramente em sua dissertação, desde a simplicidade dos SG, com a sua evolução no projeto do Centro Integrado de Ensino Médio (CIEM),³ passando pelo planejamento global dos edifícios residenciais da Colina, com peças que incluíam as instalações. Temos também o protótipo de pequenas células habitacionais, que avança na questão da industrialização e poderia ser totalmente desenvolvido em usinas. Por fim, temos o exemplo mais emblemático, a pré-fabricação pesada do Instituto Central de Ciências (ICC), que se compõe da repetição de poucos elementos estruturais de grande dimensão. Ao todo, o edifício levou quase dez anos para ser construído, e muitos dos nossos personagens já não estavam mais na Universidade para lá vê-lo terminar.

³ “Paredes e cobogós de concreto armado, sob a forma de painéis pré-fabricados de grandes dimensões, que formam a estrutura portante do prédio. A cobertura, de vigas e telhas de alumínio, semelhante às empregadas nos edifícios da área de serviços gerais da Universidade, apoia-se diretamente sobre estes painéis. Os painéis de parede foram produzidos horizontalmente pelo sistema pacote; cobogós, sobre plataforma de concreto; as vigas de cobertura em formas de madeira, parcialmente desmontáveis, em canteiro apropriado” (PESSINA, 1964, p. 31).

Figura 31: SG-1 (Instituto Central de Artes)



Fonte: Pessina (1964).

Pessina formou-se em 1961 pela Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil (FNA) e logo em julho de 1962 veio a Brasília. O arquiteto foi um dos primeiros mestrandos a receber o título de Mestre em Arquitetura.

Apesar de ser um trabalho teórico-tecnológico, aparece neste livro em separado, e na transição entre os teóricos e os projetuais. Seu trabalho nasce como uma proposta de apoio técnico às propostas de projeto para a Unidade de Vizinhança São Miguel. Sua pesquisa deveria servir para o detalhamento dos elementos pré-fabricados das unidades habitacionais. Todavia, em virtude dos atrasos burocráticos que envolveram o convênio da UnB com o MRE, o mestrando, em conjunto com seu orientador, achou por bem direcionar a pesquisa para um trabalho teórico sobre a técnica e suas soluções.

Sua pesquisa tem como mérito apresentar no início dos anos 1960 um histórico das diversas técnicas de industrialização na arquitetura mundial. Também se debruça em descrever as técnicas acompanhadas de ilustrações. Aliás, junto com o arquiteto Fernando Lopes Burmeister, fez um extenso levantamento fotográfico das obras do *campus* da UnB.

Além dos poucos livros estrangeiros que serviram de fonte para a pesquisa, Pessina também utilizou o material trazido por suas colegas Philomena e Mayumi do VII Congresso da União Internacional de Arquitetos,⁴ UIA, em Havana/Cuba, em 1963. Eram os Anais do Congresso, pois o tema do encontro era arquitetura nos países em desenvolvimento e a pré-fabricação. Assim como as fotos, os documentos de Havana foram apreendidos, apesar dos argumentos de Pessina, como foi possível verificar na entrevista concedida em 2015:

Tudo foi embora, levado pela polícia. E todo o material que já tinha sido fichado, também. E eu dizia, “– escuta; mas, esse troço eu anotei aqui”. “– Não, minha ordem é a seguinte: olha aqui está escrito, olha aqui: Havana-Cuba, isso aqui é para ser apreendido, é a ordem que eu tenho”, [teria dito o policial]. Eu cheguei a dialogar com o policial. E isso atrasou o trabalho, e eu tive que me ater então aos livros todos, aos poucos livros que eu tinha acesso aqui na universidade, em francês e em espanhol talvez não tivesse nada. Era francês e inglês, acho que era isso. Não tinha nada em espanhol. E foi com isso que eu fiz a tese, fotografando a construção da UnB. Me parece mais interessante essa parte onde descrevo os diversos sistemas pré-fabricados, que eu gostaria de ter aprofundado aquilo e ter deixado de lado aquela parte do tal cronograma de obra pré-fabricada que é uma segunda parte do trabalho.

Mesmo com todos esses percalços, o trabalho de Pessina é documento importante, tanto no contexto do seu tempo como na descrição das obras pré-fabricadas da Universidade; consegue nos mostrar cada um dos edifícios, desde os Serviços Gerais – SG – até o ICC.

Logo na apresentação, o autor comenta a mudança de rumo da sua pesquisa, que tinha como objetivo inicial elaborar o planejamento da obra da Área de Vizinhança São Miguel, porém, com o atraso no desenvolvimento dos projetos e devido às incertezas do convênio, foi necessário mudar o objeto. Por sugestão do seu orientador, escolheu uma das obras dos SG; a escolha se daria pelo pequeno volume do edifício, mas serviria para exemplificar os problemas decorrentes da utilização do pré-fabricado na construção.

Seu trabalho foi, provavelmente, um dos primeiros a ser aprovado no mestrado da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília (FAU-UnB). Como estava previsto em regimento, ele foi contratado como professor. Sobre a banca avaliadora, Pessina comenta:

Eles receberam o trabalho pronto escrito. Os meus examinadores foram: o Bruno Pontarini, que era um engenheiro calculista que trabalhou na construção de Brasília e projetou obras importantes como a Rodoviária e o Teatro Nacional, por exemplo. Possivelmente, lá na Argélia, ele trabalhou com Oscar Niemeyer, resolvendo problemas de cálculo que os franceses não estavam dispostos a resolver. Também participou como banca o professor Paulo Santos, que era um estudioso da arquitetura no Brasil, nossa arquitetura

⁴ Pessina, ao ser questionado se ele foi ao encontro, disse que as colegas foram, mas que ele e o Burmeister ficaram, pois eram mais velhos e teriam que dar o exemplo, teria dito o professor Graeff.

histórica. Era um nome importante dessa área, era nosso professor lá do Rio de Janeiro, catedrático da cadeira de Arquitetura no Brasil.

Os projetos e a pesquisa, ou as pesquisas e os projetos?

A arquitetura é uma atividade concreta e prática e qualquer tipo de reflexão que a ela se refira conservará uma relação mais ou menos direta com a práxis. Daí que a teoria, definida como sistema de pensamento, pode assumir a forma de uma normativa, isto é, um sistema de leis ou normas que determinam como a arquitetura deve ser [...]. Refiro-me, certamente, à arquitetura destinada a ser construída, executada ou não, e não à arquitetura desenhada, à arquitetura concebida como um fato puramente artístico (WAISMAN, 2013, p. 23-30).

O momento histórico, local e cultural foi chave para a compreensão das dissertações, as escolhas dos temas e as reflexões nos trabalhos contidas. Partindo do princípio, como diz Marina Waisman (2013), de que arquitetura quando destinada a ser construída é uma atividade concreta e prática, e que as reflexões aliadas a ela estão normalmente ligadas à práxis, podemos arriscar alguma resposta em relação ao conjunto de propostas projetuais.

A Unidade de Vizinhança São Miguel é o projeto que cai como uma luva, tanto para a exploração técnica da pré-fabricação como para o desenvolvimento crítico de projetos arquitetônicos por parte da equipe de alunos do mestrado. Assim, as dissertações projetuais poderiam explorar as diversas tipologias que comporiam a Unidade de Vizinhança São Miguel.

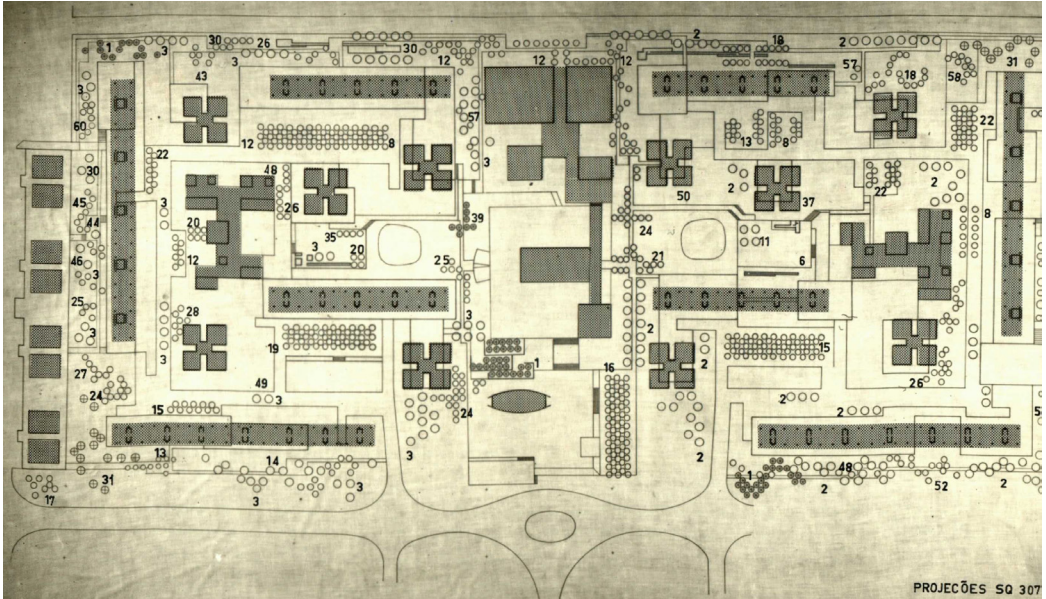
O planejamento urbano das quatro superquadras foi desenvolvido por Fernando Lopes Burmeister, mas infelizmente seu trabalho não foi encontrado durante a pesquisa. Sua dissertação incorporava todos os outros projetos desenvolvidos para a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como comenta Galvis em sua dissertação; seu projeto paisagístico adequou-se ao projeto urbano proposto por Burmeister.

É possível perceber nas dissertações que os questionamentos e ajustes das propostas de Lucio Costa estão acontecendo em tempo real. Desde a proposta de habitações em formato diferentes da lâmina,⁵ à preocupação paisagística, à disposição dos equipamentos urbanos e à solução comercial. Todos os projetos são fruto de reflexão teórica e projetual.

Podemos observar que os trabalhos desenvolvidos para a Unidade têm a aplicação da teoria na construção e reafirmação de um pensamento – a pré-fabricação. Deixam claro que apesar de todos os tropeços enfrentados tanto na criação da UnB como no próprio fim trágico de um sonho, havia naquela época uma definição de “Escola de Arquitetura”, com norteadores que ultrapassam as personagens, e tomam para si um tema, a pré-fabricação, como linha de pesquisa e desenvolvimento da prática.

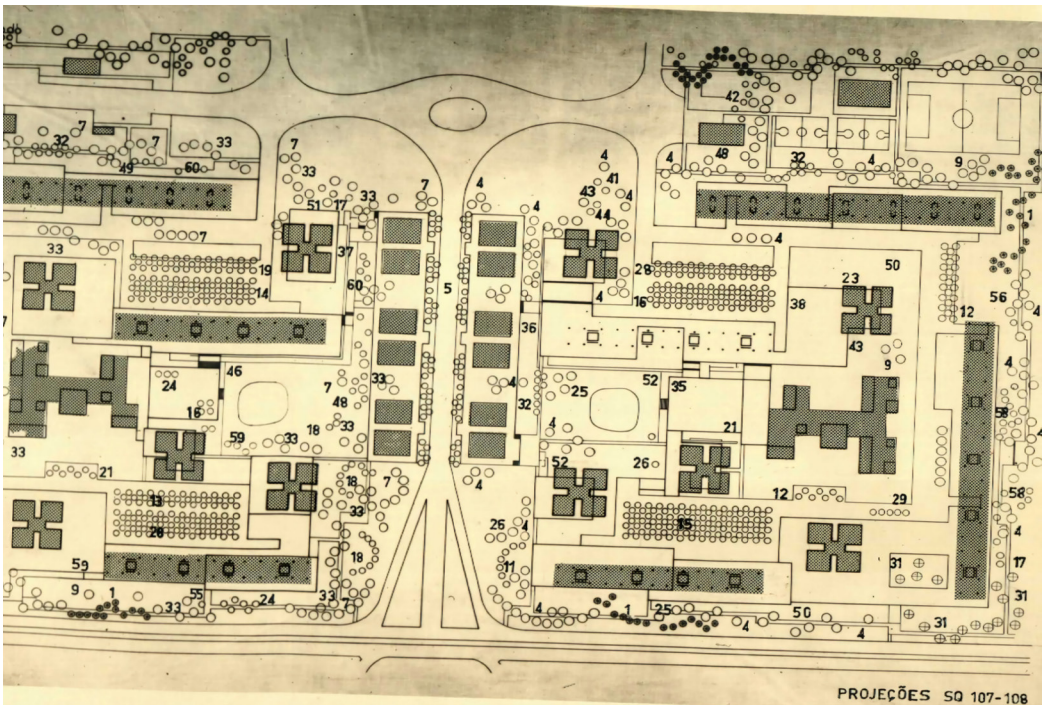
⁵ Posteriormente, apareceram outras propostas de formatos diferentes na ocupação da quadra. Para saber mais, ver Leitão (2003).

Figura 32: Proposta de urbanização das quadras 307/308



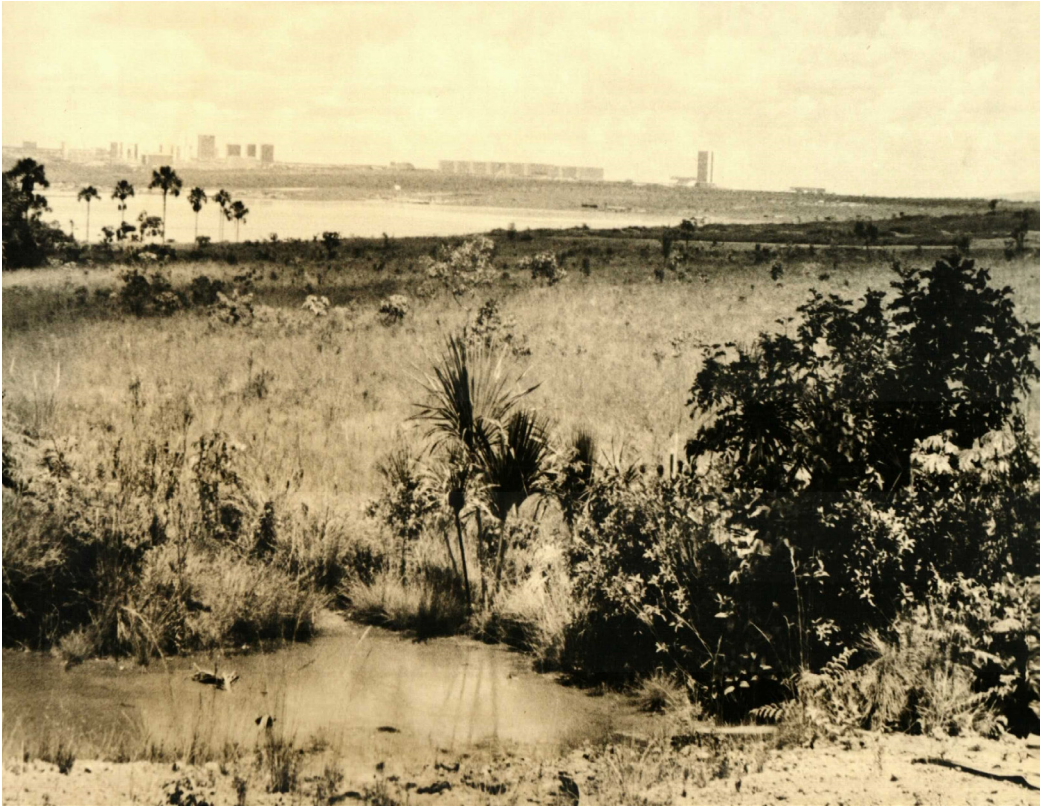
Fonte: Galvis (1965).

Figura 33: Proposta de urbanização das quadras 107/108



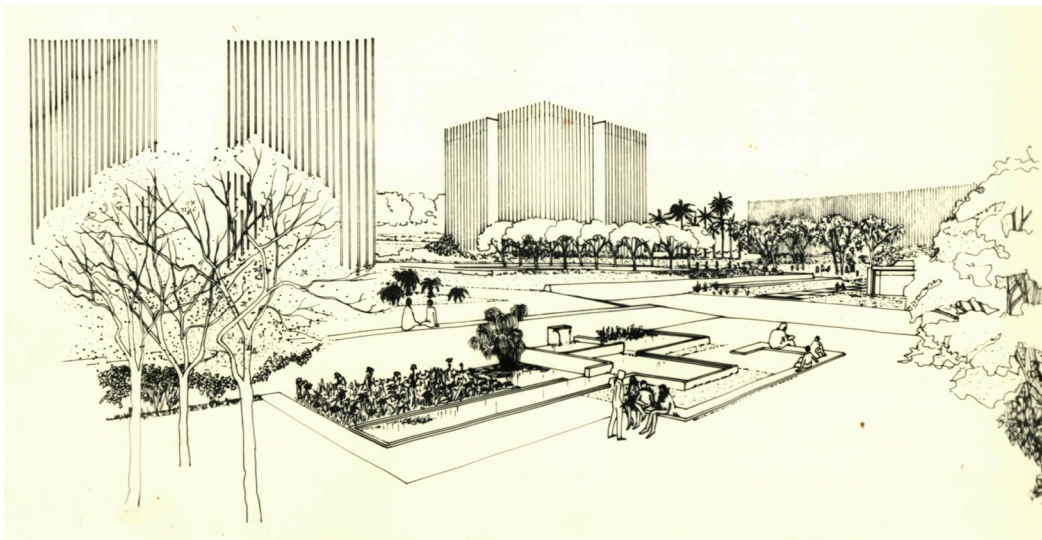
Fonte: Galvis (1965).

Figura 34: O Campus e o Cerrado



Fonte: Galvis (1965).

Figura 35: Proposta paisagística – pontos de encontro

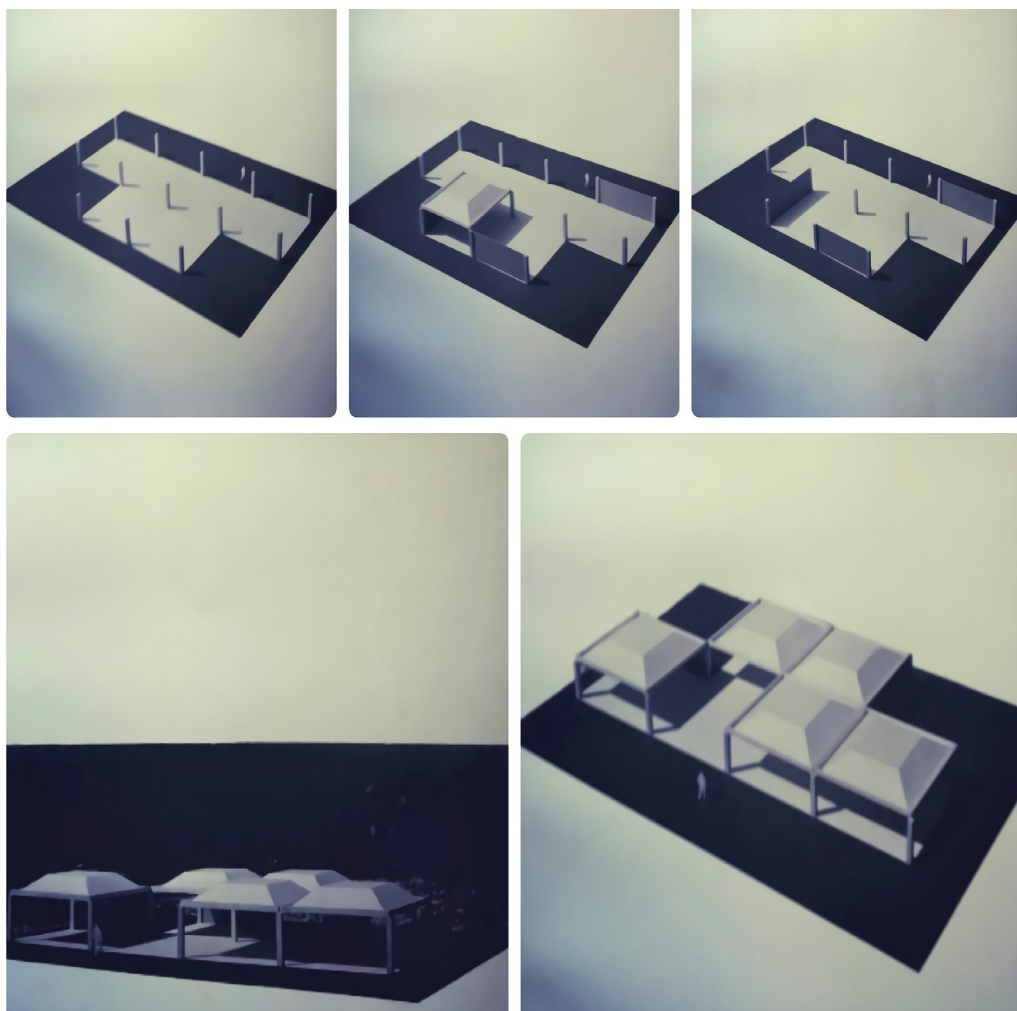


Fonte: Galvis (1965).

Paisagismo da área de vizinhança São Miguel-Brasília

Alfonso Leiva Galvis nasceu em 1936, na Colômbia, e iniciou seus estudos em Bogotá, em 1957, concluindo em 1962 na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FAU-UFRGS). Compunha a equipe que trabalhou na Área de Vizinhança São Miguel. Sua dissertação tem o título *Paisagismo da Área de Vizinhança São Miguel-Brasília* (GALVIS, 1965), orientada por Lelé, com a participação de Burle Marx.

Figura 36: Maquete de estudo



Fonte: Santana (1965).

Preocupou-se em fazer uma leitura apurada do Plano Piloto como contexto histórico e local; dedicou um esforço grande em entender e propor adequação do projeto à topografia, bem como de verificar as necessidades de usos dos espaços. Sua proposta, além da intervenção espacial, tem também uma extensa catalogação da flora do Cerrado para a composição do projeto.

Sua bibliografia, bem específica, conta com 18 títulos sobre plantas e paisagismo, e cinco destas publicações tratando especificamente do Cerrado, trabalhos apresentados no Simpósio sobre o Cerrado na Universidade de São Paulo, em 1963.

Dentre os aproximadamente 25 volumes dedicados à pesquisa, constam do Guia de Visitantes do Jardim Botânico do Rio de Janeiro de 1942 a Pietro Maria Bardi com seu *The tropical gardens of Burle Marx*, de 1964.

No campo das Humanidades e das Artes, ele apresenta Goethe no *Ensaio sobre a literatura*, de 1965, e Kandinsky, com *Punto y línea frente al plano* [s.d]. Um título interessante nas suas escolhas para o contexto da UnB é Skinner, com *Science and human behavior*, de 1959.

Para desenvolver sua dissertação, fez várias visitas de campo ao Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Em uma delas, aproveitou para entrevistar Burle Marx, em 1964. Do livro *Lucio Costa: sobre Arquitetura*, organizado por Xavier (1962), ele procura a parte que trata do “Relatório do Plano Piloto”.

Centro de educação elementar

Geraldo José de Santana nasceu em Pernambuco no ano de 1938, concluiu seus estudos pela Universidade do Recife, em 1962. No mesmo ano, foi convidado para o Curso de Pós-Graduação em Arquitetura da UnB pela professora Lygia Martins Costa e por indicação dos professores José Maria de Albuquerque Mello e Delfim F. Amorim, da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Recife.

Centro de educação elementar: anteprojeto das escolas de uma área de vizinhança de Brasília (SANTANA, 1965), pesquisa de Geraldo Santana, foi orientada por Glauco Campello; a investigação teórica da dissertação está fortemente atrelada ao Plano de Ensino de Anísio Teixeira. Seu trabalho é muito objetivo, com pouco texto, mas com uma especulação projetual e formal muito interessante. Tanto ele como Galvis, e também Geraldo Batista Nogueira, fazem uma leitura respeitosa, mas muito crítica do Plano Piloto.

Na sua bibliografia, constam 37 títulos que variam de 1948 a 1964. Dessas publicações, temos duas em alemão, sete em francês, sete em inglês, uma em italiano e 18 em português. Richard Neutra é um autor que aparece em várias dissertações com distintos títulos, aqui aparece com *Arquitetura social em países de clima quente*, de 1948.

De Lucio Costa, vários textos aparecem na Bibliografia, tais como: “Relatório do Plano Piloto de Brasília”, “Monumentalidade e gente”, “Sobre a construção de Brasília” e “Sobre o problema de habitações em Brasília”, publicados no livro *Lucio Costa: sobre Arquitetura*, do Centro dos Estudantes Universitários de Arquitetura em 1962.

Geraldo apresenta também os educadores Anísio Teixeira, com o *Discurso pronunciado por ocasião da inauguração parcial do Centro Educacional Carneiro Ribeiro*, em Salvador, de 1950, e *Uma experiência de educação primária integral no Brasil*, de 1962. Paul Foulque aparece em *As escolas novas*, de 1952, e em *A educação e a crise*

brasileira, de 1956. E José Reis com *Construções escolares em Brasília e Plano de Construções Escolares de Brasília*. Do arquiteto Nauro Jorge Esteves apresenta um texto da revista *Módulo* de 1959, “Jardins de infância”, da cidade que ainda está sendo construída.

Outra confirmação sobre uma possível existência do trabalho de Burmeister é provavelmente o documento do avaliador Edgar Graeff, o “Relatório sobre a tese: uma área de vizinhança em Brasília” (Apresentada à Escola de Arquitetura da Universidade de Brasília, por Fernando Lopes Burmeister), de 1964. Geraldo Santana também cita o trabalho de Pessina, que recentemente havia sido publicado.





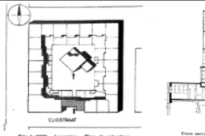

Dentre os examinadores na conclusão de seu mestrado estava Joaquim Cardozo, que tinha sido paraninfo da sua turma e sobre o qual escreve o ensaio *Presença de Joaquim Cardozo na arquitetura brasileira*, em 1997.

Escolas Primárias

Márcia Aguiar Nogueira Batista nasceu em 1939, no Rio de Janeiro, estudou na Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil (FNA) e se formou em 1962. Como estudante no Rio de Janeiro, trabalhou no escritório dos irmãos M. M. Roberto. Sua dissertação, *Escolas Primárias* (BATISTA, 1965b), assim como a de Geraldo Santana, foi orientada por Glauco Campello. Enquanto Santana concentra seu olhar no Plano Educacional de Anísio Teixeira, Márcia Batista embasa seu projeto nos estudos das propostas pedagógicas. Podemos perceber na sua pesquisa a importância dada às novas pedagogias de ensino infantil e à inserção urbana do seu projeto.

Seu trabalho divide-se em cinco partes, mais introdução e proposta de solução. Na Introdução, a autora defende a educação como forma de superação de desigualdade entre os países. O primeiro capítulo é o dos princípios básicos da Nova Pedagogia, no qual a autora discute várias metodologias modernas de educação com foco naquelas que transformam a criança de aluno passivo a atuante. No segundo capítulo, apresenta um panorama da arquitetura contemporânea situando suas origens na Revolução Industrial e conduzindo até a sua contemporaneidade. No capítulo sobre a escola no meio urbano, fala das transformações do espaço escolar desde a Idade Média, abordando seus aspectos sociais e de integração. Ainda como teoria, o capítulo sobre a escola primária e suas principais características discute a relação entre os prédios escolares, os métodos pedagógicos e a arquitetura contemporânea. No capítulo sobre análise dos partidos adotados em escolas primárias, faz um levantamento sobre edifícios escolares em vários países, enfocando principalmente o uso do módulo construtivo. Encerra com a proposta de solução e retoma toda a sua pesquisa teórica no desenvolvimento do projeto das escolas primárias das quatro superquadras. A pesquisa conta com uma bibliografia de aproximadamente 55 títulos, que variam desde um texto de Édouard Claparède, *A psicologia da escola ativa*, de 1940, a Anísio Teixeira, *Uma experiência de educação primária integral no Brasil*, de 1962.

Figura 37: Fichas de estudo

<p>Escola primária em West Bridgewater. EE.UU. The Architects' Collaborative: B. Thompon, C. Nagel, W. Gropius, J. B. Fletcher, J. C. Harkness, L. A. MoMillan</p>	<p>rápida e econômica e que pudesse pelo uso e repetição de um elemento modular, ser usada em todo país.</p>		
<p>"Munkegaard School" - Gentofte, Dinamarca. Arquiteto Arne Jacobsen</p>	<p>a concentração das salas de aula, que se comunicam duas a duas, por meio das áreas de aula ao ar livre e que ao mesmo tempo, estão separadas umas das outras pelos corredores de circulação, permite a diferenciação da sala das aulas, conforme vários graus.</p>		
<p>"Open-air Scholl" - Amsterdam, Holanda. Arquiteto: J. Duiker</p>	<p>solução em altura; contém duas salas de aula e uma sala para aulas ao ar livre.</p>		

Fonte: Elaboração própria da autora (2016).

Há também títulos em diversos idiomas, destes, aproximadamente 29 são sobre arquitetura escolar, 11 sobre educação, um específico sobre clima da região, quatro livros de estrutura em concreto armado, cinco de teoria da arquitetura, com Bruno Zevi, e a *História de la arquitectura moderna*, de 1957. Sigfried Giedion, com *Space, time and architecture; the grown of a new tradition*, de 1954; novamente Richard Neutra, com *Arquitetura social em países de clima quente*, de 1948. Lewis Mumford com *A cultura das cidades*, de 1961, e Paulo Santos, com *A arquitetura da sociedade industrial*, de 1961.

Para o desenvolvimento da parte teórica, Márcia usa como base uma expressão de Richard Neutra, que quando consultado como faria para projetar uma escola, o arquiteto explica que seu “enfoque seria” sempre no sentido de pesquisar o que se passa no interior do edifício, as relações que nele se estabeleceriam, os métodos de educação que aí seriam aplicados, e que procuraria, então, organizar os espaços em função desses métodos e daqueles a quem se destinariam.

Figura 38: Montagem – fotos do comércio



Fonte: Batista (1965a).

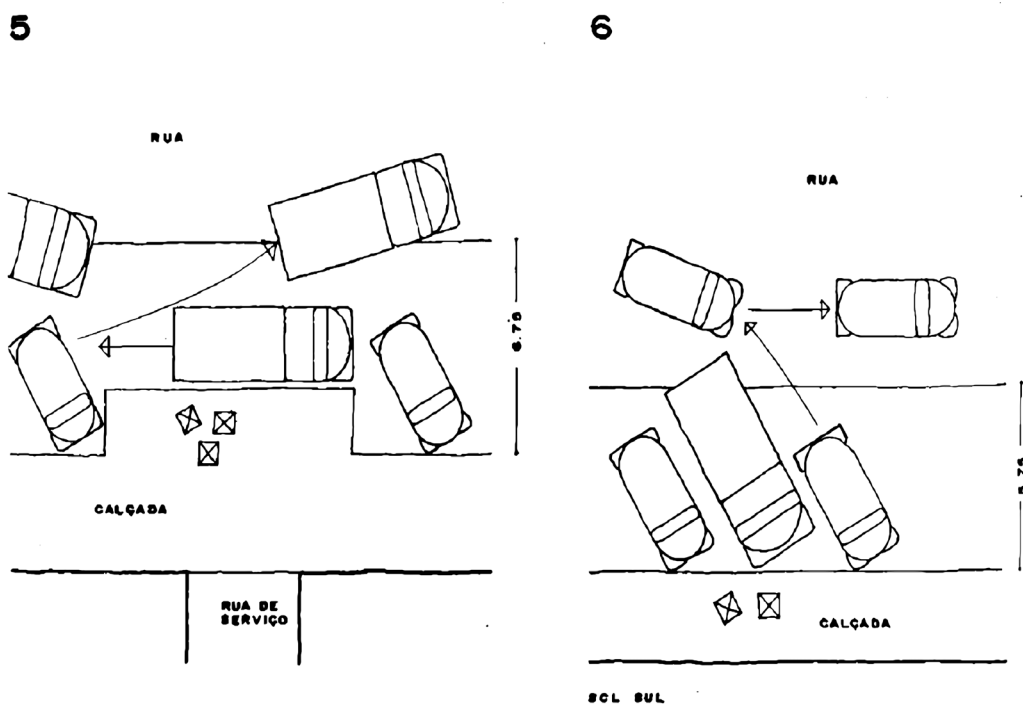
Um estudo do comércio local de Brasília

Geraldo Sá Nogueira Batista nasceu em Palmeira dos Índios, Alagoas, em 1938. Estudou na Faculdade Nacional de Arquitetura e se formou em 1962. Ainda estudante no Rio de Janeiro, teve intensa participação estudantil, participando de eventos desde 1960, como delegado do Diretório Acadêmico Atílio Correa Lima.

Sua dissertação, *Um estudo do comércio local de Brasília* (BATISTA, 1965a), orientado por Lelé, é o reflexo de uma característica que melhor define o arquiteto, ou seja, é um projeto com proposições críticas ao que estava construído. A partir de um extenso levantamento de campo e também fotográfico, propõe uma revisão e adequação do Plano Piloto para as áreas comerciais das entrequadras.

Segundo o autor, o trabalho foi sistematizado da seguinte forma: primeiro, as considerações sobre a arquitetura local, o levantamento e a documentação fotográfica dos Setores Comerciais Sul (SCS), fazendo a crítica e propondo soluções. A primeira parte procura situar alguns aspectos da arquitetura comercial, através de consulta bibliográfica. O segundo caderno traz o resultado do seu trabalho de campo, com o levantamento dos comércios existentes nas quadras construídas à época, separado por ramos, lojas nas entrequadras, número de lojas e frequência com que determinados ramos aparecem. Conta também com levantamento fotográfico. Na segunda e terceira partes, o levantamento e a análise sobre as dificuldades e problemas de implantação dos SCS, mesmo que parcialmente construídos. A quarta parte do trabalho apresenta a proposta de solução das três entrequadras comerciais. Conclui o caderno apresentando a sua documentação fotográfica.

Figura 39: Comparativo de estudo viário Asa Sul/Asa Norte



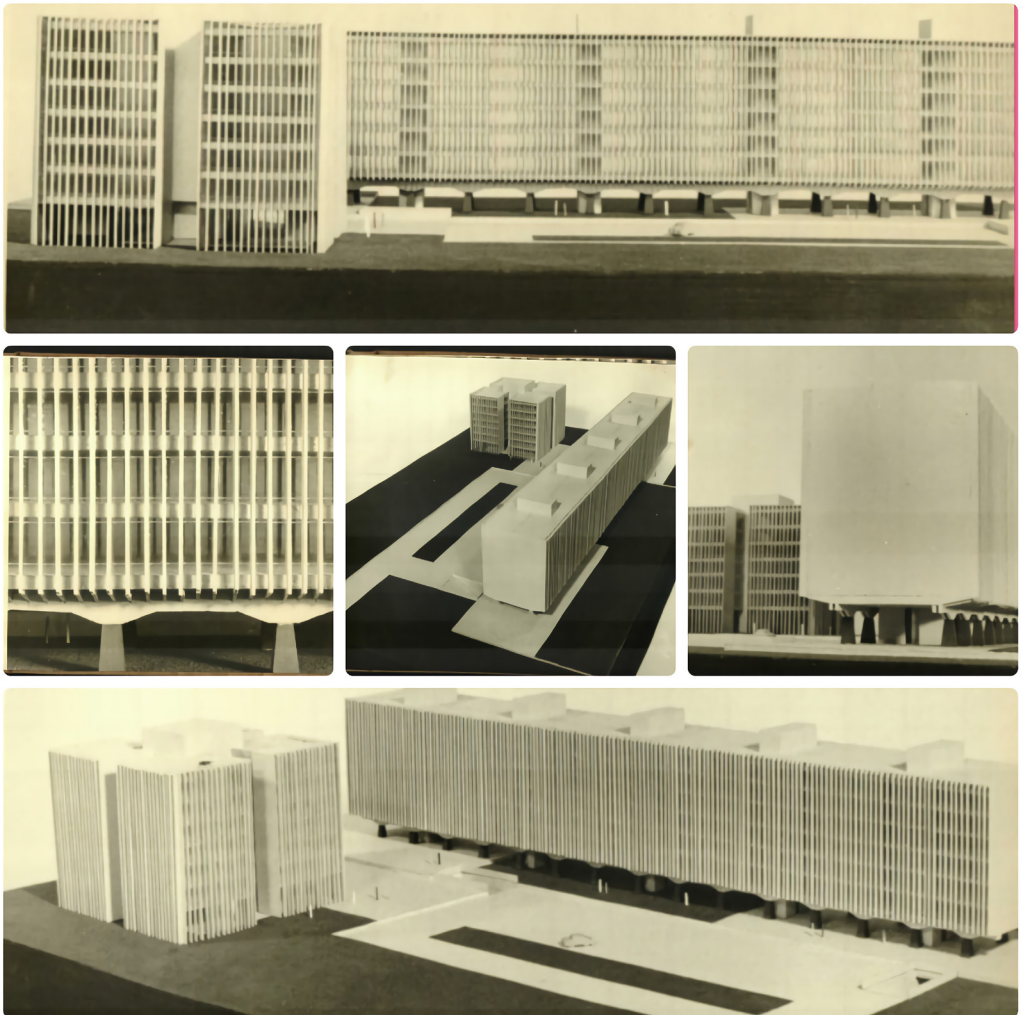
Fonte: Batista (1965a).

Ele se debruça na pesquisa de campo, como é possível observar no volume dois, com um levantamento minucioso sobre algumas quadras comerciais da época. Sua bibliografia é composta de aproximadamente 23 títulos, a maioria em francês ou inglês, sendo apenas Lewis Mumford e Lucio Costa títulos em português.

Dos títulos de arquitetura, todos em inglês, sobre shoppings e estacionamento, também aparecem títulos sobre o concreto e sua pré-fabricação. Nos títulos de teoria e história da arquitetura, nomes como Giedion, Pevsner Mumford e Paulo Santos. No conjunto, chama a atenção o título a *História da riqueza do homem*, de Leo Huberman, de 1962.

O autor explica que o trabalho tinha cunho prático, e que ele fazia parte do convênio firmado em 1964 entre a Universidade e o MRE, para a construção de quatro superquadras residenciais (SQN 107, 108, 307 e 308).

Figura 40: Maquete das propostas habitacionais



Fonte: Fundação Perseu Abramo - Fundo MSL.

Aspectos da habitação urbana

Mayumi Watanabe Souza Lima nasceu em 1934, na cidade de Tóquio, e se tornou brasileira em 1956, no mesmo ano ingressou na FAUUSP, concluindo seu curso em 1960. Como estudante de Arquitetura, foi premiada e participou de exposições coletivas em diversas ocasiões. Trabalhou como estagiária no escritório de J. B. Vilanova Artigas de 1958 a 1959.

Seu trabalho – *Aspectos da habitação urbana: projeto da habitação coletiva para a Unidade de Vizinhança São Miguel* (LIMA, 1965a) – era um projeto da habitação coletiva para a Unidade de Vizinhança São Miguel, e fora orientando por João Filgueiras Lima. A autora traça um panorama da situação da habitação mundial naquele momento, com viés claro de olhar a sociedade através de uma crítica ao crescimento desordenado e ao capitalismo.

O trabalho divide-se em três partes, a primeira aborda a habitação popular desde a Revolução Industrial, que ela chama de “capitalismo industrial”, até a dissolução dos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna (CIAM). Na segunda, mantém a mesma lógica para o Brasil. A terceira traz o assunto para defesa da ocupação do Centro-Oeste e consequentemente a criação de Brasília, discutindo seu planejamento e ocupação. Termina com sua proposta de habitação para a Unidade de Vizinhança São Miguel.

Em meados dos anos 1950, com a dissolução dos congressos, lembra a autora, o urbanismo europeu se vê no impasse: se por um lado o problema do urbanismo passa a ser entendido como um dos aspectos do planejamento regional, por outro, a industrialização da construção, a pré-fabricação surge como instrumento técnico capaz de resolver os termos do planejamento e a questão do déficit habitacional. Termina a primeira parte citando o Ciclo de Estudos das Nações Unidas sobre Planejamento Regional (Tóquio, 1958), concluindo com a necessidade de integrar o planejamento físico das regiões ao planejamento econômico e social. Cita também o 1º Congresso Internacional para a Pesquisa da Construção (CIB) e a aplicação de métodos racionais de industrialização da construção como uma tendência para resolver os problemas de habitação.

Figura 41: Os bloquinhos construídos



Fonte: Elaboração própria da autora (2013).

Seu panorama histórico é claro ao demonstrar que a passagem massiva da população do campo para o meio urbano não foi acompanhada por estudos urbanos de habitação coletiva, priorizando as habitações individuais. Mostra a transformação das cidades com

a verticalização, comentando como essa passagem está inicialmente ao empilhamento de casas, e não a uma verdadeira concepção coletiva e vertical de moradias.

Entende a ocupação do Plano Piloto como uma possibilidade real de habitação coletiva, porém faz uma crítica ao reconhecer o descaso com as cidades-satélites, relegando o problema à má condução do planejamento e ao desequilíbrio regional que provoca essas desigualdades.

Em seu trabalho consta uma bibliografia de aproximadamente 44 títulos, que se dividem em estudos de estrutura em concreto, livros de teoria da arquitetura e urbanismo, várias publicações sobre seminários e congressos de habitação e um razoável número de títulos de história, sociedade e política.

Também aparecem autores como Nestor Goulart Filho e Villanova Artigas, este apenas nos trabalhos dela e de Sérgio, que são formados na Universidade de São Paulo (USP). Da sua viagem com Philomena para Havana, ela traz os documentos do “VII Congresso Internacional de Arquitetos” e a “Tese Brasileira ao VII Congresso da UIA”, ambas de 1963.

Com base na proposta de urbanismo de Burmeister, Mayumi projeta a ocupação das quadras com uma composição que alterna edifícios laminares e blocos. Imaginados inicialmente em elementos pré-moldados estruturais, que funcionam ao mesmo tempo como estrutura, elementos de fechamento e proteção de fachadas.

De todos os projetos para a Unidade de Vizinhança São Miguel, o de Mayumi é o único que foi parcialmente construído, graças ao empenho e negociação de Sérgio Pereira Souza Lima, coautor do projeto arquitetônico. A técnica construtiva foi substituída por elementos moldados *in loco* nos edifícios torre. No entanto, o projeto da lâmina foi substancialmente modificado.

Memória e história

A criação da Universidade de Brasília (UnB) foi um longo processo; um sonho acentado por intelectuais desde os anos 1940, com as tentativas de criação da Universidade do Brasil no Rio de Janeiro. Assim como a criação não se fez em sete dias, o desfecho dessa história tampouco aconteceu de uma hora para outra. A história é cíclica, e assim como a efervescência política tem nos acompanhado nos dias de hoje, os anos 1960 foram os anos da revolução, das contestações e de grandes questionamentos. Todo o engajamento político da intelectualidade, tanto na música como no teatro e nas artes em geral (RIDENTI, 2007, p. 138), transferiu-se junto com a intelectualidade para Brasília. Mesmo que um tanto isolada no centro do país, ou até por isso mesmo, começa a gestar uma nova cultura, criando assim uma identidade cultural. Segundo Aparecida, ainda em 1963, essa efervescência política era pauta na Câmara dos Deputados, especialmente na bancada de Minas, que chegou a pedir a abertura de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI). O deputado Abel Rafael questionou a capacidade didática e docente como forma de desmerecer a UnB, “comentava-se que havia uma tendência marxista na UnB, liderada pelos professores jovens, os instrutores”, como lembra Geralda (1991, p. 44).

A Federação de Estudantes Universitários de Brasília e Entorno (FEUBE) se mobilizou exigindo a readmissão dos professores e denunciando o clima de terror. Mas em 1965 a instabilidade seguia, e a ameaça de novas demissões desencadeou o enfrentamento dos docentes com a reitoria. Geralda conta que alguns alunos foram expulsos por serem considerados agitadores; por sua vez, os coordenadores procuravam mediar o conflito, para que ele se mantivesse nas fronteiras do *campus*. Para Aparecida (1991, p. 45), “o clima era de radicalização, já que a comunidade acadêmica, por motivos ideológicos, entendia que a origem da crise se encontrava fora do meio universitário”.

Das inquietações de 1963 às primeiras invasões de 1964, pouco a pouco, perceberam que a construção coletiva da UnB foi se desfazendo e, diante da sucessão de fatos, não encontram saída consensual que não a demissão coletiva de outubro de 1965. Geraldo Batista (1965a) lembra que o posicionamento político predominante no corpo docente era mais à esquerda e muito crítico. Pessina,¹ por sua vez, relatou que foram feitas várias

¹ Na entrevista concedida em 2015 para a pesquisa que deu origem a este livro, Pessina conta: “Tinha uma condição que foi colocada pela comissão de coordenadores dos cursos, que se juntaram para tentar segurar a Universidade de Brasília. Eram nomes de peso. Pompeu de Souza, professor da área de jornalismo, Roberto Salmeron, físico... A condição era 'se demitir mais algum, nós vamos pedir demissão'. E ele demitiu. Aí, a gente saiu. A gente não aguentava mais.”

assembleias para decidir os rumos da Universidade, mas que não havia consenso. Enquanto alguns sugeriam o entrincheiramento e a ocupação do *campus*, outros queriam deixar tudo para lá. A saída consensual, assim, foi a demissão coletiva.²

Diante da pressão, em agosto de 1963, Zeferino Vaz anuncia sua renúncia, e, diante da renúncia do reitor, os instrutores se somaram aos alunos, que estavam em greve denunciando a falta de condições de trabalho e o não cumprimento do estatuto da Universidade. Em fins de agosto de 1965, os docentes assinaram um manifesto reivindicando a convocação do Conselho Diretor para tomar providências imediatas no sentido de colocar em prática a estrutura definitiva da Universidade. Conseguiram que o Conselho se reunisse e empossaram um novo reitor, o professor Laerte Carvalho, da Universidade de São Paulo (USP). Porém, diante da eminência de novas demissões, os coordenadores apresentaram um pedido de demissão coletiva. Como demonstra Aparecida (1991, p. 46):

As manifestações dos alunos e professores aumentaram em apoio aos primeiros. Em outubro, houve o desfecho da crise. Os alunos mantinham a greve, e os professores declararam-se em assembleia permanente. Em meio à mobilização, o reitor suspendeu as atividades acadêmicas e solicitou ao Departamento Federal de Segurança Pública o envio de tropas policiais para a manutenção da ordem de preservação do patrimônio. Os policiais ocuparam a Universidade durante uma semana.

As coisas foram acontecendo, nada era planejado. Na época da demissão coletiva, Pessina (1964) lembra que José de Anchieta Leal estava na França, para passar seis meses, e ao saber da demissão, mandou a sua própria carta de demissão. Por aqui eles preferiram guardar a carta e assim proteger o amigo no seu regresso. Muitos anos depois, na abertura política e nas reintegrações, este fato provocou dúvidas.

Niemeyer já estava licenciado da UnB havia alguns meses, desenvolvendo seus projetos no exterior. Os professores da Arquitetura, principalmente os do Ceplan, mais ligados a

² “A proclamação: os professores, assistentes e instrutores da Universidade de Brasília que acabam de se demitir das funções, dirigem-se aos estudantes e as suas famílias a fim de dar as explicações seguintes: Vimos trabalhar na Universidade de Brasília com a esperança de poder contribuir para a construção de uma Universidade moderna, cuja estrutura constitui uma experiência nova em nosso país. Todos os estudantes da UnB são testemunhas do entusiasmo e devoção com que tentamos realizar nossa tarefa, enfrentando as maiores dificuldades, sem recursos, sem bibliotecas, sem laboratórios, até sem salas de aula. Todas essas dificuldades, estávamos dispostos a continuar enfrentando, com a condição de que a dignidade da instituição universitária e de professor fosse respeitada. Contudo, as condições na Universidade nos últimos meses têm-se deteriorado a tal ponto que não há mais tranquilidade para o ensino, pesquisa ou qualquer outro trabalho intelectual. A situação culmina agora com a demissão de nossos colegas, sem a menor justificativa, sem qualquer forma de processo e, por conseguinte, sem qualquer possibilidade de defesa. Não podemos assistir impassíveis a tais arbitrariedades e injustiças e concluímos que a única atitude de protesto compatível com nossa dignidade é a de nos demitirmos da Universidade de Brasília. Queremos, por fim, dizer aos estudantes da UnB e suas famílias que estamos certos de que a nossa atitude é o melhor exemplo que poderíamos dar aos nossos alunos na defesa da autonomia da Universidade e da dignidade do trabalho intelectual” (SOUZA, 2005, p. 168-169).

ele, consultaram seu posicionamento em relação à demissão coletiva. Foram em bloco para a Assembleia com a carta de demissão de Niemeyer, que já estava fora do país, mas tinha deixado a carta assinada. Apesar de nunca ter se envolvido diretamente com o ensino de graduação, é uma das personagens mais importantes, como referência política e profissional. Por isso, quando a escola quis reiniciar suas atividades logo após demissão coletiva, Niemeyer foi consultado pelo arquiteto Sérgio Bernardes. Este não apenas lhe deu a sua permissão, como também questiona a reintegração de todos.

A carta do professor Oscar Niemeyer: “Paris, 30.10.65. Sérgio: Recebi o telegrama em que você comunica ter sido convidado para o cargo de coordenador que exercia na UnB, pedindo a minha aquiescência e explicando que continuaria a obra por nós iniciada naquela universidade com tanto entusiasmo e correção. Vou lhe responder com a franqueza que uma velha amizade permite. Aceite o convite, mas exija a reintegração dos professores demitidos, inclusive os que foram afastados anteriormente, numa medida arbitrária e injusta que provocou a demissão coletiva. De outra forma, você estará contra professores e alunos, prestigiando o terror cultural instituído na UnB, prestigiando, principalmente, um reitor irresponsável que desmerece o ensino, desmoralizando-o no campo internacional, como provam os protestos veementes das instituições e personalidades mais importantes dos Estados Unidos e da Europa. Quanto ao meu caso particular, não se preocupe. Estava licenciado da Universidade há muitos meses, conforme a carta que enviei ao ex-reitor Zeferino Vaz, para ela só voltaria juntamente com os colegas afastados naquela ocasião; o que sabemos impossível diante da campanha insistente que é desvirtuar o espírito da universidade. Eis, meu amigo, o que lhe devia dizer, desejoso de vê-lo assumir uma posição correta. E se faço público é para esclarecer antecipadamente a outros colegas que se virem – como você – envolvidos no assunto. Um abraço de (As.:) Oscar Niemeyer” (Jornal *Última Hora e Correio da Manhã* de 09 e 10/11/1965, *apud* SOUZA, 2005, p. 127-128).

Um parto complicado

Figura 43: Posse do Presidente Jânio Quadros, Brasília/DF



Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra25632/posse-do-presidente-janio-quadros-brasilia-df>. Acesso em: 09 jul. 2022.

Em 1960,³ o presidente Juscelino Kubitschek (JK) inaugurou a Capital, e um dos seus primeiros atos foi enviar uma mensagem ao Congresso Ministerial propondo a criação da UnB; para levar a cabo sua proposta, criou a comissão citada na nota 22 deste livro. Darcy Ribeiro, mesmo antes da inauguração da Capital e da transferência do Congresso, viajava constantemente ao Rio de Janeiro no intuito de convencer os deputados a votarem o Projeto de Lei. Na mesma época, ele contava com o apoio de Cyro dos Anjos e Alcides da Rocha Miranda, que já moravam em Brasília. Anísio Teixeira, por sua vez, estava trabalhando no desenvolvimento do Plano Educacional para Brasília.

³ Foi publicado no *Diário Oficial* decreto do Presidente da República designando o professor Darcy Ribeiro, o arquiteto Oscar Niemeyer e o subchefe da Casa Civil, Sr. Cyro dos Anjos, para levarem a efeito os estudos complementares destinados à aprovação do projeto que institui a UnB. Formaram a comissão Darcy Ribeiro, por sua participação junto a Anísio Teixeira na elaboração do projeto, Cyro dos Anjos, por ser a ligação com o Executivo, e Oscar Niemeyer, por sua participação junto à Novacap (Universidade de Brasília, 1960).

Figura 44: Membros do Conselho Diretor (da esquerda para a direita: João Moojem de Oliveira, Frei Mateus Rocha, Hermes Lima, Abgar Renault, Osvaldo Trigueiro, Alcides da Rocha Miranda, Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro)



Fonte: CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO (CEDOC) UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB) (1962).

Em janeiro de 1961, JK deixa a Presidência sem ter conseguido que a lei fosse aprovada pelo Congresso, e Jânio Quadros assume a Presidência e mantém a comissão. Em agosto do mesmo ano, com a renúncia de Jânio Quadros, os deputados fazem um esforço concentrado para aprovar projetos de lei que estavam engavetados, e incluem o projeto de aprovação da UnB: “Assim, o projeto de lei que autorizou a criação da UnB foi aprovado na Câmara dos Deputados no atropelo de uma confusão política e parlamentar” (SALMERON, 2007, p. 65).

Em fins de 1961, o presidente João Goulart sancionou a lei que instituiu a UnB. No seu discurso, defendeu que a missão da UnB seria a de promover a integração nacional e dar oportunidade de educação “à mocidade de todos os estados”, também de se constituir como o centro cultural de Brasília “com o mesmo espírito inovador e o mesmo padrão de excelência que presidiram ao seu planejamento” (PLANO ORIENTADOR DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962, p. 3).

Figura 45: De 1962 a 1965 – cronologia

1960	<p>Inauguração de Brasília</p> <p>Mensagem ao Congresso propondo a criação da Universidade (Juscelino Kubitschek)</p> <p>Designação da Comissão: Darcy Ribeiro, Oscar Niemeyer e Cyro dos Anjos (Juscelino Kubitschek)</p>
1961	<p>Eleição de Jânio Quadros</p> <p>Renúncia de Jânio Quadro</p> <p>Presidente João Goulart assina autorização de funcionamento da UnB (Lei nº 3.998)</p>
1962	<p>Autorização para inauguração dos Cursos Transitórios da Universidade</p> <p>Coordenadores Gerais dos Cursos Transitórios: Victor Nunes Leal – Direito-Administração e Economia; Cyro Versiani dos Anjos – Letras Brasileiras; e Alcides da Rocha Miranda – Arquitetura e Urbanismo</p> <p>Alcides da Rocha Miranda é nomeado Coordenador do Instituto Central de Artes (Conselho Diretor – Darcy Ribeiro)</p> <p>Autoriza a contratação do Corpo Docente, dos cursos Transitórios da Universidade (Conselho Diretor – Darcy Ribeiro)</p> <p>Primeiro vestibular da Universidade, nas dependências do Colégio Elefante Branco e do Ginásio Caseb</p> <p>Início das aulas</p> <p>Inauguração com cerimônia no auditório Dois Candangos.</p> <p>A Editora UnB começa a funcionar e lança a primeira publicação: Plano Orientador da Universidade (Conselho Diretor – Darcy Ribeiro).</p> <p>Cria, como órgão da Assessoria Técnica da Reitoria, o Centro de Estudos e Planejamento Arquitetônico e Urbanístico (CEPLAN); com Oscar Niemeyer como coordenador geral do centro</p> <p>Aprova as indicações dos Professores Lucio Costa (Planejamento Urbanístico) e Joaquim Cardoso (Cálculo e Instalações), como consultores do Coordenado Geral</p> <p>Criação do Diretório Acadêmico de Arquitetura (DACAU)</p> <p>DACAU deflagra a primeira greve, em solidariedade aos estudantes em greve do país.</p> <p>Darcy Ribeiro deixa a reitoria da UnB para assumir o cargo de Ministro da Educação. O vice, frei Mateus Rocha, assume a Reitoria.</p> <p>Autoriza o Reitor da Universidade de Brasília a fixar padrões de salários de pessoal Administrativo, Docente e Técnico da Fundação (Conselho Diretor – Frei Mateus Rocha)</p>
1963	<p>O deputado Abel Rafael propõe uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) questionando a capacidade didática e docente dos professores da UnB.</p> <p>Os edifícios da Colina são concluídos. Iniciam as obras do ICC. Projeto do Ambulatório de Glauco Campello.</p> <p>Frei Mateus Rocha, então Reitor, deixa o cargo para que Darcy Ribeiro reassuma a função.</p> <p>Anísio Spindola Teixeira toma posse como Reitor.</p>

1964	<p>Previsão para Implantação do ICA-FAU</p> <p>Que o prazo estatutário para o cumprimento das obrigações do grau de mestre seja contado a partir de 21 de abril de 1962, para os bolsistas instrutores, inscritos no primeiro semestre de 1962.</p> <p>Tropas militares invadem a UnB. Biblioteca, salas de trabalho e prédios ocupados por soldados.</p> <p>O regime militar extingue o mandato do Reitor Anísio Teixeira e dos membros do Conselho Diretor da FUB. O médico Zeferino Vaz é nomeado reitor pro tempore pelo Ministro da Educação</p> <p>Reitor Zeferino Vaz afasta 16 professores e 1 (um) aluno, e anuncia a reestruturação da UnB, afastando-a do seu projeto inicial. Iniciam uma série de afastamentos e demissões.</p> <p>Por meio de Instrução da Reitoria 09/1964, são aprovadas novas normas para o regulamento e funcionamento dos cursos da UnB.</p> <p>Os cursos-tronco deixam de existir, e a partir de 1965 as aulas passam a ser ministradas em tempo integral.</p>
1965	<p>Diretório Central dos Estudantes e diretórios acadêmicos passam a ser regulados por normas do governo.</p> <p>Zeferino Vaz anuncia renúncia.</p> <p>Demissão coletiva</p>

Fonte: Elaboração própria da autora (2015).

As incertezas de uma Universidade no Cerrado

A criação da Universidade, como pudemos ver, foi um processo vertiginoso não só politicamente, mas intelectualmente. Talvez por isso os atores envolvidos não aderiam tão facilmente à ideia. E discutir a paternidade no processo de criação da UnB, ainda nos dias de hoje, é quase um esporte olímpico. Se por um lado temos a torcida intelectual por Anísio Teixeira, por outro, temos a torcida política por Darcy Ribeiro. No âmbito da arquitetura não foi muito diferente, tivemos a turma do arquiteto Alcides da Rocha Miranda, ligado ao Instituto de Artes, e a turma do Oscar Niemeyer, ligado à Novacap – Companhia Urbanizadora da Nova Capital e, posteriormente, ao Ceplan – Centro de Estudos e Planejamento Arquitetônico e Urbanístico.

Mesmo que todos sejam figuras importantes na criação da UnB, houve muitas dívidas, e isso começa com o próprio JK,⁴ que em seu livro *Por que construí Brasília*, apresentando certo jogo político de não querer para si nada além da construção da capital, pois acreditava que a UnB não poderia ser concebida antes que a cidade atingisse certo estágio de construção.

⁴ Sobre a criação da UnB, Helena Bomeny (2006, p. 170) lembra que “[...] embora associada ao governo JK pelo vínculo indiscutível entre a nova cidade capital e a criação da universidade, a Universidade de Brasília, instalada em 21 de abril de 1962, teve no governo João Goulart (1961-1964) sua base de implantação e seu funcionamento. Contribuiu decisivamente para isso o fato de Darcy Ribeiro ter estado em posição estratégica no governo Jango em dois momentos: como ministro da Educação (1962/63) e como chefe de Gabinete Civil da Presidência (1963/64). A universidade esteve sempre associada à liderança de Darcy e à parceria de vida inteira entre ele e o educador Anísio Teixeira”.

Quanto a Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira, podemos observar algumas contradições em relação à Capital e a uma nova universidade. Em seu texto “Duas paixões meteóricas: UnB e Jango, primeiras notas”, Bomeny (2006, p. 16) lembra uma fala de Ribeiro, que em suas memórias argumenta que a princípio foi contrário à construção de Brasília, pois para ele “uma cidade moderna, plantada nos descampados de Goiás, só interioriza a si mesma”. O antropólogo, apesar de inicialmente contrário à instalação de Brasília no interior de Goiás, tem um papel político fundamental na criação da Universidade. Por outro lado, Anísio Teixeira,⁵ apesar de não ter acreditado no início, sempre foi uma personagem importante nessa trama. “Aderi à ideia de Darcy”, diz Teixeira; mas, para ele, a Universidade fazia parte de um projeto maior de educação que incluía do básico ao universitário e que provavelmente só poderia ser implantado em Brasília, uma cidade em criação.

Sob a pecha de ser “polítiqueiro”, Darcy Ribeiro é visto por alguns como alguém que com seu carisma de “socialista-moreno” usurpou a ideia original da criação; todavia, por essas ironias do destino, é Anísio Teixeira⁶ quem vai sofrer as consequências mais duras da Ditadura Militar.

No âmbito da Arquitetura não foi diferente. Como pudemos perceber neste livro, Alcides da Rocha Miranda⁷ tinha uma trajetória longa de colaboração com Anísio Teixeira que inicia no Rio de Janeiro, passando pela USP. A parceria é retomada nas discussões dos intelectuais nos anos que antecedem à criação da Universidade. A participação de Rocha Miranda é tão clara e evidente que às vezes passa despercebida. É dele o edifício inaugural, e, assim como em São Paulo, ele projetou o complexo destinado à Educação. Um pouco menos conhecida é sua participação no primeiro conselho administrativo da Universidade. Coube a ele a direção do Instituto Central de Artes (ICA), que englobava as diferentes vertentes das artes.

⁵ Geralda Aparecida retoma o depoimento de Anísio: “Não fui, de início, entusiasta de uma universidade em Brasília. Fundamentalmente contrário à ideia de Metrópole, nunca achei que a Capital de uma República devesse necessariamente possuir uma Universidade. Brasília deveria ser apenas a sede do governo. Vi, porém, transformada em lei, durante o último ano, o projeto de criação de nada menos de onze universidades! Diante disto, logo percebi que, mais dia menos dia, Brasília teria a sua Universidade e, a tê-la, que a tivesse certa: aderi, então, à ideia de Darcy Ribeiro e, não só à ideia, ao plano Darcy Ribeiro. Esse plano é uma exata correção dos defeitos mais graves de que sofrem as universidades brasileiras em sua mistura de anacronismo e deformações congênitas” (APARECIDA, 1991, p. 96-97).

⁶ Anísio morreu em 1971, em condições ainda não explicadas, como conta seu biógrafo João Rocha (2000, p. 167): “Tudo indica que o governo militar, ou uma facção a ele vinculada, levou Anísio Teixeira para depor em instalação da Aeronáutica no Rio de Janeiro, em 11 de março de 1971, dia de seu desaparecimento. O corpo do educador foi encontrado, dois dias depois, no final da tarde de 13 de março, no fundo do fosso de um dos elevadores sociais do Edifício Duque de Caxias, na Rua Praia de Botafogo, 48, local de residência do dicionarista Aurélio Buarque de Holanda, para onde Anísio teria se dirigido, a pé, próximo do meio-dia, após pronunciar conferência na Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro”.

⁷ Sobre as movimentações de Darcy Ribeiro e sua proximidade com o grupo de Niemeyer, a autora comenta: “O ritmo de Brasília ia aos tropeços, atropelando outros ritmos, os das lealdades ou suscetibilidades. No epicentro das interações, Darcy Ribeiro. Conhecido por não pecar pela inércia, ponderação ou placidez, Darcy movimentava-se apressado, sofregamente, buscando apoios internacionais, deslocando pessoas sem consulta, definindo outras para o centro do palco, entre indiferente e inconsciente das feridas que pudessem estar sendo abertas. Nesse início, no conjunto da arquitetura, uma primeira ferida atingira Alcides da Rocha Miranda, e o estilete veio da direção do grupo de Niemeyer” (BOMENY, 2006, p. 163-164).

A Arquitetura estava incluída no ICA no período inicial de formação do aluno, o do curso-tronco, quando ainda não sabia se iria ou não para o profissionalizante de Arquitetura.

Naquele momento, a arquitetura de Brasília estava intimamente associada à imagem de Niemeyer; nada mais justo que coubesse a ele dirigir a Faculdade de Arquitetura da UnB (FAU-UnB). Mesmo que claramente não tivesse interesse algum em tomar essa briga para si, Niemeyer não se envolveu diretamente na aprovação da Universidade, e também foram raras as vezes que deu aula. Seu interesse na Universidade foi com a criação do Ceplan e o desenvolvimento dos projetos do *campus*, onde importantes caminhos na sua trajetória foram traçados.

Mesmo que Alcides da Rocha Miranda sempre estivesse envolvido com as questões de ensino, era Oscar Niemeyer, com todo o peso do seu nome, que dava visibilidade ao curso e à própria Universidade. Mesmo sem efetivamente fazer da docência uma constante, proferiu algumas palestras, que foram concorridíssimas, como lembram os alunos e mestrandos em seus depoimentos.

A diversidade cultural, o notório saber e suas armadilhas

Mas a pós-graduação da Arquitetura, assim como em toda a Universidade, era parte de um projeto universitário que aliava ensino, pesquisa e extensão. Não é possível dissociar esse primeiro período da UnB do contexto político e da sua localização. As agruras e as distâncias de outros centros possibilitaram muitas coisas: “nós vivíamos a Universidade em tempo integral” é uma frase repetida por eles nas entrevistas.

Na época, a Universidade era pequena e, portanto, a circulação dos alunos entre os cursos era natural e parte da proposta universitária. Todos os mestrandos de diversas áreas participavam de seminários comuns e outros específicos para os instrutores de arquitetura e artes.

Figura 46: *Curriculum*

Curso de Pós-graduação.
 1º semestre de 1963
 - Estágio docente: Teoria da Arquitetura II, Orientação do Prof. Edgar^{da} Albuquerque Graeff.
 - Atividades discentes
 Seminário de "Teoria da Arquitetura", orientado pelo Prof. Edgar de Albuquerque Graeff.
 Seminário de "Sociologia", orientado pelo prof. Perseu Abramo, organizado pelo Depto. de Ciências Humanas.
 "Aspectos da civilização clássica", ministrado pelo prof. Eudoro de Sousa, organizado pelo Depto. de Extensão Cultural.
 "Civilização Brasileira", ministrado pelo Prof. Nelson Werneck Sodré, organizado pela Coordenação dos Cursos de pós-graduação.

Fonte: GALVIS (1965).

A solução parecia muito adequada, e era a forma de pôr a instituição em funcionamento. Darcy Ribeiro, ao constatar que seria muito difícil atrair profissionais qualificados e titulados, propôs que a pós-graduação acontecesse mesmo antes de os cursos de graduação começarem suas atividades. Dentre seus argumentos estava o de que a UnB formaria quadros de pesquisa e docência não apenas para a UnB, mas para todo o país. Em alguns casos foram convidados professores e pesquisadores renomados, com doutorados concluídos ou em conclusão no exterior, em outros defendeu-se a tese do notório saber.

Entretanto, mesmo que as intenções tenham sido as mais nobres, o *notório saber* foi utilizado pelo interventor Laerte Ramos como argumento para demissões de professores. Criticando as ações de Darcy Ribeiro, argumentou que após análise dos currículos de vários professores, muitos foram considerados “incompetentes”.

O interventor não desmentiu as informações e anunciou que dispensaria vários professores, sem nomeá-los, por incompetência e agitação subversiva. Alguns coordenadores pediram então que, pelo menos, essas dispensas se distanciassem no tempo, uma vez que julgavam preferirem os dispensados “não serem confundidos, uns, com os incompetentes, outros, com os subversivos”. O interventor prometeu que faria a dispensa em dois momentos. Essa reunião se realizou numa sexta-feira à tarde, dia 8 de maio (RAMOS DE AGUIAR, 2015, p. 67).

Retrocedendo um pouco na história, os arquitetos que eram professores na FAU-UnB eram os que de algum modo estavam por aqui e faziam parte da equipe de Oscar Niemeyer, outros, como o próprio Zanine Caldas, reconhecido pelo seu notório saber, estava aqui desenvolvendo peças de mobiliário para os palácios e para a Universidade. Era uma grande equipe multidisciplinar de trabalho, mas era sobretudo equipe de amigos dos amigos.

No caso dos mestrados, não há documentos ou fotos sobre o processo de seleção, pois as memórias nos depoimentos são difusas – “eu fiquei sabendo”, “eu vim com a minha família”, “eu vim a Brasília e fiquei encantado com o ritmo das obras”, etc. Conversando com eles e pesquisando um pouco sobre o movimento estudantil, percebemos que os anos que antecederam à criação da Universidade foram de intensa movimentação, com muitos congressos e eventos de arquitetura. Neles uma figura sempre presente, o professor Edgar Graeff, o único da Arquitetura com título na época que percorreu o país a convite dos Grêmios Estudantis fazendo seminários sobre o seu trabalho. Um detalhe, nossos mestrados tinham ativa participação nas entidades estudantis nos seus cursos de origem. Como não poderia deixar de ser, os mestrados também estavam incluídos nas questões políticas e na discussão sobre a competência, pois eles exerciam dupla função de estudantes e de instrutores, e muitas das acusações sobre a subversão na UnB também recaíam sobre eles.

Não se tratava só de competência, os recursos financeiros tinham sido reduzidos drasticamente, e, além da repressão política, a Universidade também passou por uma crise econômica que inviabilizou o sonho de Darcy Ribeiro. Este argumento foi utilizado outras vezes por todos os lados. Em 1967, a incompetência sob o rótulo de “picaretagem” foi,

agora por parte dos alunos, usada como justificativa para o fechamento da FAU-UnB. Esse discurso se repetiu por parte dos professores de projeto em relação à competência dos professores de teoria em projetar, e dos teóricos em relação aos arquitetos e a produção teórica. Creio que aprendemos muito pouco nesse meio século.

As mulheres mestrandas na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília dos anos 1960

Ainda que a realidade do Cerrado fosse tão dura, muitas mulheres vieram para a Capital com suas famílias, outras, desbravadoras, aventuraram-se no pó vermelho do Cerrado e vieram trabalhar e estudar na criação da UnB. Entre os registros da passagem feminina pela UnB, temos também os relatos orais, as listas de filiação ao IAB e as listas dos encontros comemorativos, os quais indicam que em torno de 30 arquitetas estiveram pela Capital nos anos 1960/1970 – período de maior impulso na construção local.

As atividades da Universidade se iniciaram com três cursos-tronco: Arquitetura e Urbanismo – nos primeiros dois anos do curso, os alunos estudavam ICA; Letras Brasileiras, que geraria o Instituto Central de Letras (ICL); Direito, Administração e Economia, que geraria o Instituto Central de Ciências Humanas (ICH). O primeiro coordenador do ICA, o arquiteto Alcides da Rocha Miranda, citado por Nobre (1999, p. 147), assim o define:

Pensei num Instituto Central de Arte – não usando a palavra “arte” como e aplicada comumente, sobretudo depois da criação das Escolas de Belas Artes – mas voltando seu significado antigo, isto é, arte como aquilo que faz bem e, por isso mesmo, emociona. Walter Gropius dizia: O bom planejamento e tanto uma Ciência como uma Arte. Como Ciência, analisa as relações; como arte levam as atividades culturais a uma síntese cultural. Ai já estava, portanto, a ideia de nosso ICA.

Na sua primeira organização (GRAEFF, 1963), o ICA-FAU também se assemelhava à *Bauhaus* no que tange ao espaço que as arquitetas ocupavam. O curso-tronco tinha professoras, artistas e historiadoras importantes, como, por exemplo, Amélia Toledo no desenvolvimento da percepção visual e Myriam Cunha no desenho à mão livre. Nas oficinas temos Esther Joffily na gravura, e na introdução à História da Arte, Lygia Martins Costa. Mas o ateliê de projetos e o Ceplan eram espaços masculinos. Não podemos esquecer que nesse momento as mulheres arquitetas no Brasil representavam um percentual ínfimo dos profissionais habilitados.

Entre as professoras e instrutoras do ICA, a exceção da regra que se tem conhecimento foi Mayumi Watanabe Souza Lima, que exerceu a atividade de instrutora como corresponsável nos cursos de Física Aplicada às Construções (FAC), 1º semestre de 1963; Técnica de Edificação I e II, 1º e 2º semestres de 1964; e Iluminação e Instalação Elétrica, 1º semestre de 1965. Além de cumprir estágio docente com Teoria da Arquitetura (TA II), 2º semestre de 1963.

Ela foi a primeira a chegar ao curso, formada na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP) em 1960, ainda como estudante estagiou no escritório de Vilanova Artigas e Joaquim Guedes Sobrinho. Também participou de diversas viagens de estudo pelo interior de São Paulo, a Córdoba na Argentina e a tradicional viagem Ouro Preto e Brasília em 1960. Como profissional, desenvolveu projetos de residências, bem como grupos escolares para a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. Ao lado de Sérgio Pereira de Souza Lima, seu marido, participou em 1962 do detalhamento e coordenação das obras do Museu de Arte de São Paulo (MASP).

Desde 1956, participou de diversos congressos de estudantes de Arquitetura e Ensino. Como mestranda na UnB, participou de: I Jornada Nacional de Habitação, São Paulo, 1962; II Mesa-Redonda Pan-americana de Arquitetos, São Paulo, 1962; 1º Seminário de Habitação e Reforma Urbana, São Paulo e Rio de Janeiro, 1963; VII Congresso Internacional de Arquitetos, UIA, Havana, 1963; e I Encontro Internacional de Estudantes, Professores e Arquitetos, Havana, 1963.

E é a partir dessa experiência que vai desenvolver seu trabalho de mestrado, que tece um interessante panorama teórico sobre habitação, arquitetura moderna e revolução. Seu panorama histórico é claro ao demonstrar que a passagem massiva da população do campo para o meio urbano não foi acompanhada por estudos urbanos de habitação coletiva, priorizando as habitações individuais. Mostra a transformação das cidades com a verticalização, comentando como essa passagem está inicialmente ao empilhamento de casas, e não a uma verdadeira concepção coletiva e vertical de moradias.

Com base na proposta de urbanismo de Fernando Lopes Burmeister, Mayumi projeta a ocupação das quadras com uma composição que alterna edifícios laminares e blocos. Imaginados inicialmente em elementos pré-moldados estruturais, que funcionam ao mesmo tempo como estrutura, elementos de fechamento e proteção de fachadas. Faz uma autocrítica ao reconhecer o descaso com as cidades-satélites, relegando o problema à má condução do planejamento e ao desequilíbrio regional que provoca essas desigualdades. Entende a ocupação do Plano Piloto como uma possibilidade real de habitação coletiva.

De todos os projetos para a Unidade de Vizinhança São Miguel, o de Mayumi é o único que foi parcialmente construído graças ao empenho e negociação de Sérgio Pereira Souza Lima, coautor do projeto arquitetônico. A técnica construtiva foi substituída por elementos moldados *in loco* nos edifícios torre. O projeto da lâmina foi substancialmente modificado.

Figura 47: Mayumi em 1985 desenvolvendo atividade com alunos da escola do Jardim Fortaleza, na periferia de São Paulo



Fonte: Fundo MSL/Acervo CSBH [s.d.].

Philomena Chagas Ferreira se formou pela Escola de Arquitetura de Minas Gerais em 1962, e logo em seguida veio a Brasília. Como mestranda, desenvolveu sua pesquisa, chamada *Alguns dados sobre o clima para a edificação em Brasília* (1965), que teve orientação dupla, quanto às questões de clima, recebeu contribuições do professor Eustáquio de Toledo, e como orientador geral de dissertação, o arquiteto João Filgueiras Lima, Lelé. Seu trabalho

resultou ser a primeira proposta de levantamento climático da cidade e sua aplicação nas construções de Brasília. Ainda hoje é referência para os estudos bioclimáticos do Cerrado.

Depois da demissão, ela foi para o Rio de Janeiro e trabalhou no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM). Logo em seguida, embarcou para a França e chegou a tempo de participar das manifestações de Maio de 1968. Também pôde contribuir com as reformas educacionais provocadas pelo movimento. Ainda hoje é professora em Estrasburgo.

Figura 48: Philomena e outras mestrandas na Colina, 1964



Fonte: Philomena Miller, arquivo pessoal.

Fui direto para França, pois eu tinha uma bolsa da ASTEF, que era uma associação para estrangeiros. Mas a coisa é mais complexa do que isso. Eu tinha que sair do Brasil. Tinha papai, mamãe, tinha meus irmãos, todo mundo aqui, eu queria sair do Brasil de uma maneira legal. Porque eu queria, pensava que se acontecesse alguma coisa, eu queria poder voltar.⁸ (MILLER, 2015, entrevista).

⁸ “E eu saí com essa bolsa. E naquela época, a Embaixada da França era no Rio de Janeiro. Naquela época, o Rio de Janeiro era importante e havia pessoas que faziam tudo para ajudar quem tinha dificuldade política no Brasil, para sair do país. Fui primeiro para Paris e trabalhei num escritório de arquitetura com uma equipe francesa. E, em seguida, por uma coincidência incrível, conheci o diretor de um grande laboratório de Estrasburgo. Mostrei a ele meu trabalho e essa coisa de clima e conforto. Ele achou isso curioso, interessante porque eles nunca tinham pensado nisso [...]. Ele propôs de ir a Estrasburgo passar um mês. Quando eu cheguei lá, comecei a trabalhar dentro do laboratório, que não era uma coisa só de arquitetura, tinha fisiologia aplicada e outras coisas. Tinha gente que trabalhava com sono aplicado ao ambiente, o ambiente

Outra arquiteta e mestranda desses primeiros tempos foi Márcia Aguiar Nogueira Batista, que nasceu em 1939, no Rio de Janeiro, estudou na Faculdade Nacional de Arquitetura e Urbanismo da Universidade do Brasil (FNA) e se formou em 1962. Como estudante no Rio de Janeiro, trabalhou no escritório dos irmãos M. M. Roberto. Veio para Brasília recém-formada com seu então marido Geraldo Nogueira Batista. No Ceplan, juntou-se à equipe de Glauco Campello, que orientou sua dissertação de título *Escolas Primárias*. Sua pesquisa concentra o olhar no Plano Educacional de Anísio Teixeira. Márcia também embasa seu projeto nos estudos das propostas pedagógicas, sendo possível perceber a importância dada às novas pedagogias de ensino infantil e à inserção urbana do seu projeto.

Figura 49: Márcia com o amigo Alfonso, 2006



Fonte: Alfonso, arquivo pessoal.

Várias circunstâncias contribuíram para ajudar o desenvolvimento da poesia lírica em Lesbos. Os costumes dos eólios permitiam maior liberdade social e doméstica do que o usual na Grécia. As mulheres eólias não ficavam confinadas ao harém como as jônias, nem submetidas à disciplina rigorosa dos espartanos. Misturando-se livremente com a sociedade masculina, eram altamente educadas e acostumadas a expressar seus sentimentos a um grau desconhecido em qualquer outro momento da história – e na verdade até hoje (WOOLF, 2016, p. 47).

Philomena e Mayumi foram um bom exemplo de liberdade social e doméstica, sorteadas para participar de delegação da UnB que iria no Encontro Internacional de Professores

climático e o barulho. Muita experimentação. Tinha um *son climatique*, um espaço onde se media tudo, era um negócio muito simples”, conta Philomena em entrevista concedida a esta autora em 2015.

e Estudantes e no VII Congresso da União Internacional de Arquitetos de Havana,⁹ que aconteceu na capital cubana em 1963. Partiram em direção a Santos, onde embarcaram em um navio russo que foi disponibilizado para a delegação brasileira. Entre muitas histórias, trouxeram na mala material importante sobre pré-fabricação para o trabalho de Luiz Henrique Gomes Pessina (1964).

Certamente, Brasília não era a Grécia, e os candangos no início da Capital, como pudemos ver anteriormente, estavam mais para espartanos do que para eólios. Entretanto, havia um espaço claro de criação e criatividade. A cidade, ainda em formação, tinha que inventar suas próprias tradições culturais. E os jovens da Universidade aproveitavam a proximidade do início em transformar a cultura da cidade a partir dela. Geraldo Nogueira Batista, em entrevista concedida em 2014, conta que “o departamento de música todo sábado fazia concertos. A vida cultural da cidade era praticamente inexistente. A universidade acabava concentrando tudo.”

Sabe-se que outras arquitetas passaram por aqui, mas apenas Mayumi, Márcia e Philomena conseguiram terminar suas dissertações a tempo, pois em 1965, em conjunto com aproximadamente 220 outros professores e instrutores, assinaram a demissão coletiva da UnB. As três pioneiras seguiram suas trajetórias profissionais e acadêmicas muito ativas e levaram consigo parte da prática e das experimentações de Brasília.

⁹ Para saber mais sobre a viagem da delegação brasileira, recomenda-se a leitura de Dorfman (2013).

Depoimentos e memórias

Figura 50: Aos mestres da pós-graduação na UnB (1962-1965)



Fonte: Elaboração própria da autora (2021).

Em janeiro de 2021, quase 60 anos depois, conseguimos reunir parte do grupo em uma entrevista virtual e coletiva, de todos os mestrands vivos; só não participaram o Pessina, por questões da saúde, e o Shyam Janveja, que seguiu outros caminhos. Agregaram-se ao grupo de mestrands Jayme Zettel, orientador do Geraldo Nogueira Batista, e José Leal, professor auxiliar.

Dessa reunião resultou um vídeo documentário, com a duração aproximada de 27 minutos. Foi apresentado no VI Encontro Nacional de Pesquisas e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (ENANAPARQ) com o título: “Aos mestres da pós-graduação na UnB 1962-1965”.¹

A entrevista total durou cerca de uma hora e meia e será aqui transcrita como depoimentos. Poucos documentos sobre o período foram encontrados pela pesquisa, como dito anteriormente. Os relatos trazem informações importantes sobre o processo de escolha,

¹ “Aos mestres da pós-graduação na UnB 1962-1965.” Disponível em: <https://youtu.be/GYuzMZbZ7AM>. Acesso em: ago. 2021

o método de trabalho e, principalmente, sobre o silêncio e apagamento que mesmo depois de tanto tempo insiste em permanecer. Os depoimentos estão transcritos em primeira pessoa, preservando as características orais do gênero entrevista, mas com alguns ajustes pertinentes de forma.

Philomena e os múltiplos olhares

Não foi fácil conseguir que aceitassem o que eu queria fazer, porque eu achava que daquela época se tinha muito pouco dado sobre o lugar físico de Brasília para propor uma arquitetura para a cidade. Daquela época, eu me lembro que o pessoal achava que eu tinha escolhido esse tema para poder criticar o que já tinha sido feito como arquitetura em Brasília, o que absolutamente não era minha ideia. Foi assim que eu comecei a tentar trabalhar o grupo. Era muito bom, eu acho que nós tivemos muita sorte de ter um grupo muito interessante de gente que chegou naquela época. Eu cheguei logo no começo, e comecei a pós-graduação logo no início de 1963. Na época, também tive sorte, pois havia o primeiro encontro internacional de estudante de Arquitetura em Havana,² e foi feito um sorteio para ver quem ia poder ir, e as escolhidas fomos eu e Mayumi. Nós fomos a esse encontro que foi uma coisa interessantíssima. Gente do mundo inteiro foi para essa reunião. Eu acho que havia dentro da Universidade de Brasília um clima extraordinário, porque eu tive ocasião de trabalhar ao mesmo tempo com gente de ciências e pessoal do setor de artes, isso para mim foi interessante. Além disso, também guardo uma lembrança muito boa daquela ideia que existia sobre a Aula Maior. Graeff nos propunha um tema, todo mundo trabalhava sobre esse tema e depois a gente fazia um encontro de nós todos. Em seguida, ele aproveitava nosso debate e fazia referência ao que foi discutido antes na apresentação da Aula Maior que dava. Depois, os grupos dos alunos se dividiam, e a gente saía com eles no meio do Cerrado para trabalhar sobre esse tema. Para mim foi uma experiência interessantíssima.

Minha família morava na W3 e nós morávamos naquele conjunto de casas geminadas, havia uma coisa que eu realmente vivi, que era a uma inadaptação muito grande com relação ao clima local. A gente morria por calor quando fazia calor, morria de frio quando fazia frio, era uma coisa realmente incontestável. Então me interessei muito em tentar primeiro obter os dados climáticos locais. Onde havia dados de meteorologia local era muito distante, e os dados não tinham sido tratados, eles eram medidos e não tratados. Então eu fiz um trabalho de tratar esses dados primeiro para entender o que acontecia. Como eu vim de Belo Horizonte, o clima não era o mesmo, tentei fazer esse trabalho para compreender. No Brasil, era uma ideia normal, isto é, que trabalhar com o clima deveria ser traduzido pela

² Em 1963, ela e Mayumi foram sorteadas para participar de delegação da UnB que iria ao “Encontro Internacional de Professores e Estudantes” e ao “VII Congresso da União Internacional de Arquitetos de Havana”, que aconteceram na capital cubana em 1963. Entre muitas histórias, trouxeram na mala material importante sobre pré-fabricação para o trabalho de Pessina.

arquitetura e não por meios tecnológicos. Todo mundo no Brasil que fazia Arquitetura na minha época pensava que era isso que ia ser feito. Quando eu cheguei na Europa, o pessoal me dizia com muita superioridade, “nós não precisamos disso, nós temos climatização... Nós temos tudo isso”, olhando com ar extremamente superior, enquanto eu tentava explicar para eles que a ideia era responder, pela arquitetura, o que para nós era evidente, para os meus colegas pós-graduação, para a arquitetura moderna brasileira... A ideia era essa. Na França, isso não existia, por incrível que pareça, e, graças à experiência que eu tive em Brasília, fui extremamente útil aqui, porque eu fiz concurso para trabalhar na abertura de escolas de Arquitetura de Estrasburgo, que naquela época estava sendo refundada como escola independente, e fui eu que introduzi esse tipo de ensino aqui em Estrasburgo, e em seguida foi transmitido em outras escolas de Arquitetura. Quando eu cheguei à França, havia duas escolas de Arquitetura, e as duas em Paris, uma era a Escola de Belas Artes, na qual havia um curso de Arquitetura, e havia uma escola técnica que era escola especial de Arquitetura, uma escola privada, e que, em geral, quem ia nessa escola era quem tinha papai riquíssimo e que podia pagar, porque era muito caro. Voltando à experiência de Brasília, foi muito interessante a possibilidade que a gente teve de poder assistir à aula ao mesmo tempo com pessoal da Física, assistir à aula com o pessoal do Cinema que estava em Brasília, nós todos íamos ver o filme, a turma da Arquitetura era boa.

Eu fiz um estágio também no escritório do Oscar, que era obrigatório naquela época, relativamente curto, e o estágio também no Urbanismo, que a gente fez. Eu tive a sorte de poder apresentar meu trabalho antes de sair do Brasil, praticamente todo mundo saiu, nós saímos em 65. Pude apresentar meu trabalho de mestrado nessa época e no júri eu tive Vilanova Artigas. Para mim foi uma coisa muito, muito boa porque eu tive um relatório dele, que infelizmente se perdeu.

Meu diretor de tese foi o Lelé, que teve coragem de topar e, na época, para mim, foi ótimo ter o apoio do Lelé.

Leal, a luta pelo ensino

Essa história do meu pedido de demissão, eu estava na França porque eu tinha conseguido uma bolsa, de forma pessoal, com ajuda da nossa professora de francês, ela conhecia esses ditames de bolsas na Europa. Eu cheguei a pedir registro numa tese minha de doutorado, porque eu não entrei na UnB como instrutor, graças ao Edgar Graeff, que me conhecia do tempo em que eu era do Diretório Acadêmico no Rio de Janeiro, e tinha participação na luta pela reforma do ensino aqui no Brasil. Foi aí que eu conheci Mayumi Watanabe, Sérgio Souza Lima e os arquitetos que participavam do encontro que havia entre professores, estudantes e arquitetos, organizado pelo Bureau Nacional dos Estudantes de Arquitetura. Havia uma luta muito forte pela reforma do ensino da Arquitetura, bem antes da Universidade de Brasília, do tempo que éramos estudantes ainda e tínhamos consciência dessa reformulação do ensino da Arquitetura, como dirigentes, estudantes,

presidentes de diretório, e alguns professores, como Sílvio de Vasconcellos, principalmente Vilanova Artigas e Paulo Mendes da Rocha em São Paulo. Me lembro que fui companheiro da Mayumi e Sérgio nessa luta, eles eram estudantes também. E, principalmente do Edgar Graeff, que era professor no Rio Grande do Sul. Inclusive, organizamos em Nova Friburgo um congresso internacional sul-americano com a participação de estudantes chilenos, argentinos, etc. Havia um movimento muito forte pela reforma do ensino nesses encontros. Isso foi lembrado inclusive na escolha de alguns instrutores que tinham sido estudantes ativos pela reforma do ensino. Veio gente de Minas Gerais, de Pernambuco, uma turma enorme de estudantes de vários lugares do país, todos instrutores da Universidade de Brasília.

Era como se a gente tivesse Darcy e Edgar Graeff. Darcy Ribeiro, reitor, chamando a classe jovem de estudantes de Arquitetura que tinham lutado pela reforma do ensino, para participar da experiência da Universidade de Brasília.

Então eu entrei como auxiliar de ensino, que era um cargo criado para alguns profissionais, ou com alguma experiência profissional adiantada, nós não éramos ainda como professores, mesmo. De auxiliar, eu passei a professor assistente e participei desses primeiros anos junto com os instrutores. Quanto ao Pessina, eu fui ao Rio de Janeiro convidá-lo em nome do Graeff. Ele tinha sido presidente do Diretório da faculdade no Rio. Havia todo esse ânimo nosso de estudantes para professores, instrutores.

Doutorado não existia no Brasil, não existia nada disso. Era uma experiência que estava sendo posta. Essa perda da universidade foi isso. Nós passamos uma experiência que não foi completada. A nossa experiência foi truncada pela ditadura militar. A universidade foi atacada terrivelmente, principalmente todos que estavam querendo modificar o ensino da Arquitetura. A universidade era novidade, era o grande sonho de Darcy Ribeiro, o grande sonho nosso era a Universidade de Brasília. Eu me lembro que nesse tempo, no comecinho – e eu me lembro com muito orgulho disso –, eu era arquiteto da equipe de Lucio Costa do urbanismo de Brasília que ainda funcionava no Rio de Janeiro. Lembro que eu fui encarregado pelo nosso chefe da equipe, o engenheiro Guimarães, que me indicou para demarcar a área da UnB na planta de Brasília, eles já tinham escolhido o local. Existiram tentativas de fazer o campus longe da cidade, mas a insistência do Dr. Lucio e de todo mundo era de que a universidade deveria estar dentro da cidade de Brasília; dentro, não tão à margem. Não era um campus, mas um setor muito ligado ao setor cultural da cidade. Fui eu que demarquei topograficamente com coordenadas a área da universidade, essa demarcação foi feita de uma maneira coordenada. Me lembro do Darcy insistindo com a gente para mandar logo, cobrando essa data para poder criar a Fundação da Universidade de Brasília, com a doação inclusive desse terreno à FUB. Eu tenho essa coisa de ter participado muito dessa experiência da universidade. Era meu sonho desde os tempos de estudante.

Eu nunca estudei tanto como quando fui da Universidade de Brasília, muito mais que o meu tempo da faculdade. Porque fui encarregado pelo Edgar Graeff e pelo departamento de organizar uma disciplina dentro do âmbito do Instituto Central de Artes, chamada

Introdução ao Estudo das Cidades. Com isso, eu tive que estudar a parte histórica do urbanismo, não havia literatura sobre isso. Era como se fosse uma introdução ao urbanismo. Porque a Faculdade de Arquitetura só iria ser criada depois de dois anos do curso dos institutos centrais.

Eu era da Novacap, depois fui da prefeitura de Brasília, e trabalhava no urbanismo. Agradeço muito ao professor Edgar Graeff que me chamou, ele e Alcides da Rocha Miranda, que eu conhecia do Rio, na época ligada ao patrimônio.

Eu posso afirmar que a maioria dos instrutores da universidade era originária do movimento estudantil, não somente bons alunos do ponto de vista acadêmico, mas aqueles que tinham participado politicamente, como estudantes, da luta por uma nova universidade brasileira.

Quanto a esse episódio da minha ida para a França, eu fui indicado para fazer o doutorado direto, sem fazer o mestrado. Embora eu acompanhasse todo o curso de mestrado dos meus colegas, dos meus amigos. Eu já era formado um pouco antes deles.

Era uma comunidade muito interessante que englobava todos os setores. Eu me lembro que o Bodansky, cineasta, foi nosso aluno também, antes de fazer cinema. Era muita gente, era o nosso sonho estudantil, uma universidade que tinha essa participação fantástica. Um quadro de professores sempre muito interessado na reforma do ensino, mas também dos instrutores que eram convidados a participar. Isso marcou todos nós e a nossa participação na Universidade de Brasília, inclusive os que vieram um pouco depois de nós.

Quando eu cheguei, chamei o Fernando Burmeister e o Oscar Kneipp, que tinham sido alunos do Edgar Graeff no Rio Grande do Sul, para fazer um estágio na Novacap, e depois levá-los para a universidade. A gente ia juntando essa turma toda, esses “malucos” que queriam mexer no ensino da Arquitetura. Mas para mexer no ensino tinha que ter uma figura feito Darcy Ribeiro, que foi mexer no ensino brasileiro, foi juntar professores, gente muito importante no Brasil, em todas as atividades acadêmicas. A Universidade de Brasília era formada por essa “elite” do conhecimento.

As primeiras aulas que a gente dava eram na antiga biblioteca, que ainda estava em construção, no campo aberto quase, no Cerrado. Nem a Oca, que foi a residência de alguns professores, projetada por Sérgio Rodrigues, que fazia umas casas pré-moldadas em madeira e foi chamado para fazer a Oca, estava pronta. Foi todo um sonho.

Eu consegui a bolsa de estudos na França e um estágio de Urbanismo, e fui para lá. Foi um estágio rápido, no Instituto de Urbanismo da região parisiense, porque a tese que eu pretendia desenvolver era sobre a expansão das áreas urbanas, das áreas habitacionais das cidades. Um estudo sobre o desenvolvimento das cidades. Esse era o estudo preliminar, o objetivo era estudar a expansão da Barra da Tijuca no Rio de Janeiro, ainda não existia projeto do Dr. Lucio. Era a expansão da cidade e como ela se desenvolvia.

Muitas coisas das nossas aulas de urbanismo tinham como exemplo a própria cidade de Brasília, que estava em construção, estava em implantação. Muita coisa a ser feita, ela foi inaugurada ainda faltando muita coisa. O desenvolvimento disso era objeto de estudo

nosso. Eu me lembro que as aulas eram divididas semanalmente em assuntos. No caso do urbanismo, tinha a rede urbana brasileira, a formação das cidades brasileiras.

Na França, eu vi no Le Monde que havia a demissão coletiva dos professores. Lembro que o Oscar estava em Paris nessa ocasião, e eu, que andava sempre com ele, procurei o Oscar para saber o que estava acontecendo. Então, eu mandei essa carta de demissão, essa carta era muito corajosa, talvez porque eu estava tão longe. Mas os colegas não entregaram a carta, porque não tinham mais a quem entregar. Não tinha mais diretor, não tinha mais reitor, não tinha mais nada. A universidade tinha sido destruída totalmente.

Quando voltei, fiz um pedido mais comportado de demissão. Não fazia sentido, eu seria o único professor da Arquitetura a não pedir demissão.

Felizmente, depois de algum tempo, a universidade conseguiu chamar arquitetos importantes do Brasil e conseguiram devagarinho colocar o ensino de arquitetura nos eixos. Não como a gente queria, mas foi avançando e está lá a universidade.

Eu fui o último professor a ser anistiado, pois não me colocaram na lista porque eu não tinha pedido demissão junto com os outros. Tive que conseguir cartas de colegas que tinham testemunhado, e finalmente eu fui anistiado. A minha história é essa.

Geraldo Santana, o apagamento como processo

Eu fico surpreso que numa faculdade de Arquitetura com professor tão brilhante como Miguel Pereira, Frederico Hollanda e tantos outros, esse assunto tenha ficado tanto tempo em total silêncio. Então esse é o ponto, esse trabalho que apresenta os 12 mestrados, se não me engano, é de 2017, muito tempo em silêncio, parece que estava articulado com alguma coisa estranha esse silêncio com relação à Universidade de Brasília. Mas eu tive sorte, tive sorte para ir, porque o Graeff veio ao Recife recrutar candidatos para fazer mestrado, em dezembro de 1962, quando eu estava me formando. Ele esteve em várias cidades e, do Recife, meus professores me indicaram a pós-graduação quase como uma tarefa obrigatória, então eu aceitei e em janeiro de 1963 eu cheguei a Brasília. Deu para fazer o mestrado antes dos problemas políticos com a universidade, antes do fechamento e da ocupação do campus no dia 8 ou 9 de março de 1964, quando as forças do Exército Brasileiro ocuparam o campus. Nós tínhamos ido em 1963 a Cuba, e levamos para a UnB muito material impresso, que foi todo destruído antes do dia 9 de março de 1964. O material foi destruído pelos próprios alunos, chorando, muitas pessoas se abraçando e chorando porque estavam destruindo o material e fotos. De minha parte, não sobrou quase nada. Na época, eu era locatário da granja do Zanine, eu e um grupo de arquitetos morando na Oca éramos locatários da granja de Zanine, e eu botei o material subversivo, supostamente subversivo, em duas ou três malas e deixamos na granja. Zanine chegou com medo e queimou tudo, eu não fiquei com absolutamente nada. Isso em 1964. Mas deu para fazer o mestrado sobre as escolas da São Miguel, do conjunto Habitação do Itamaraty, convênio com a universidade, porque essas superquadras pertencem à universidade, são imóveis urbanos de propriedade

do patrimônio da UnB. Foi dado para nós fazermos os projetos todos, participamos de todos os projetos, e, sobretudo, um concurso que houve para os edifícios e a disposição dos edifícios, e o vencedor foi Pessina, Mayumi e Sérgio Souza Lima. Mas todos nós participamos, eu fiquei com as escolas, Marcia também ficou com as escolas; Geraldo Nogueira com o comércio, e Leiva e Alfonso com paisagismo da superquadra São Miguel, das quatro superquadras.

Isso não se viabilizou como obra, se viabilizou como mestrado de alguns. No meu caso, foi ótimo ter feito esse projeto das escolas, tudo em elementos pré-fabricados, com assistência próxima direta e apaixonada de Lelé, mas meu orientador foi Glauco Campelo. Virgílio Souza foi membro da Banca. Terminado o mestrado, houve a revolução, foi uma dinâmica impressionante, todos esses acontecimentos foram de uma dinâmica impressionante. Com a revolução, primeiro nós resistimos e o Exército entrou no campus no dia 9 e levou 15 professores presos, e pediu que o reitor trouxesse os professores. Já era Anísio Teixeira porque Darcy já era ministro de Jango, na Casa Civil, no governo de João Goulart. Darcy não era mais reitor, e sim Anísio Teixeira, que tinha feito coisas de escolas parque na Bahia e Salvador bem antes, e com que eu tive o privilégio de entrevistar e conversar bastante sobre ensino primário e as tipologias das escolas. Depois disso tudo, com essa demissão coletiva, eu comprei um carro novo e vim com dois professores do Nordeste, duas colegas; uma, a Nazaré, ficou em Maceió, e a outra, Gilda, veio comigo para o Recife, e um tempo depois eu me casei com Gilda Verri, mas nós saímos solteiros de Brasília, pelas estradas de terra, não existia Belém-Brasília, eram umas estradas de terra, inclusive cortando a Bahia pelo interior, coisa muito difícil. Totalmente contrário às intenções de Juscelino, não tinha essa malha rodoviária pavimentada, não existia isso em 1965.

Nós fomos num navio russo, fomos e voltamos com escala no Recife; o embarque foi em Santos. Inclusive Artigas e Paulo Mendes da Rocha, não sei se eles foram do navio, mas tinha professores e arquitetos mais idosos de São Paulo, porque os brasileiros embarcaram em Santos, e também os argentinos e uruguaios vieram para do navio, que começou em outro porto. Na volta, nós descemos no Recife e estávamos no Brasil, então eu levei todos para conhecer o Recife,³ fomos no mercado de São José comer carne de sol, comer frutas regionais.

Essa história do esquecimento tem a ver também com meu curso que era a Biblioteconomia. A Fernanda Luzia e eu fomos as pioneiras, e isso foi apagado da memória e da história do curso. Ninguém sabia disso, ninguém sabia que eu tinha feito o primeiro mestrado em Biblioteconomia do Brasil. É muito engraçado esse apagamento, da famosa

³ “E eu fiquei na sua casa para aquele café da manhã monumental, foi Frank Svensson que foi nos esperar, porque o Mendonça tinha dito que a gente não aguentava comer as comidas do navio, parecia que a gente estava comendo marinho velho. Orelha de marinho, era uma carne impossível de mastigar. Outra coisa, a gente comeu muito pêssego, eu nunca mais agüentei comer pêssego em lata, que era a única coisa que a gente tinha”, conta Philomena na mesma entrevista (2015).

memória. Existe uma publicação que conta essa história na *Biblioteconomia*, eu estava sentindo falta que alguém fizesse isso na *Arquitetura* (Gilda Verri).

Tem um catálogo de teses no CNPq, que nossos trabalhos estão neste catálogo, é a única referência bibliográfica que eu encontrei, e poucas vezes vi referências.

Jayme, o grupo de Brasília

É uma história curiosa. O Darcy Ribeiro inventou que nós todos que estávamos trabalhando em Brasília deveríamos ser absorvidos pela UnB, como nós fomos, Zé [José Leal], eu, Glauco e Ítalo, e teríamos o grau de Mestre, mas isso ficou numa portaria da universidade e nunca apareceu. Então não foi reconhecido, o certo era que, com esse grau de Mestrado, nós deveríamos fazer o doutorado em seguida. Teve o golpe, essa coisa toda, e aí acabou. Nós não éramos mestres na verdade. O Darcy fez do seu jeito, nos fez mestres numa portaria, por isso que não é reconhecido. Nós não estávamos capacitados, nós não tínhamos o mestrado, foi essa coisa esquisita.

Em 1962, quando o Darcy organizou a UnB, nós que estávamos trabalhando em Brasília, nós todos das equipes do Oscar e do Lucio, fomos convocados para a universidade, e foi assim que foi. Na verdade, houve uma adaptação, eu, por exemplo, era o diretor de Urbanismo da prefeitura e também fui convocado para fazer o urbanismo na universidade.

O campus da universidade era um projeto do Lucio, que era baseado um pouco nas universidades inglesas, se vocês olharem no primeiro projeto. Esse foi um momento de até certa tensão, que se passou entre o Oscar e o Lucio, porque o Oscar fez com o Lele o lugar onde nós trabalhamos, o Minhocão, um projeto grande que foi feito mais tarde.

Eu gosto de contar uma história de quando eu fui falar para o Lucio que eu não estava aguentando ser o diretor de Urbanismo e dar aula lá na universidade. Aí o Dr. Lucio disse assim para mim: “bom, quando vierem procurar você na universidade, você estará na prefeitura.” Não adianta, né, Dr. Lucio!? Só que foram sábias palavras, como forma [de] me prender na prefeitura; o Exército foi lá, porque naquele momento eu era secretário de Planejamento, eu estava na universidade. E quando foram na universidade e prenderam nossos amigos, todos foram presos, eu estava na prefeitura. Sábias palavras do Dr. Lucio.

Foram momentos extraordinários, um momento extraordinário na vida brasileira, inesquecível. Nós todos éramos muito jovens, eu tinha 30 anos, com certeza o Geraldo tinha um pouco menos, a diferença não era muito grande para nós. O nosso campus, os concertos do Santoro, o convívio com o Oscar e com o Lucio, éramos conhecidos como o “grupo de Brasília”, ficamos marcados com isso.

Falando das superquadras, a ideia foi do Murtinho, o embaixador, era apaixonado por Brasília. Ele fez contato com a universidade e nos contratou para fazer um estudo daquelas superquadras. A minha cadeira era Urbanismo, o que não chegou a ter, mas eu fazia muita orientação na parte de urbanismo. Murtinho era uma dessas pessoas e foi do Setor de Embaixadas e da área cultural de Brasília, foi uma pessoa extraordinária.

Geraldo Nogueira, o notório saber

[...] fazendo uma correção, a Márcia não só fez o paisagismo do zoológico, ela era a arquiteta do zoológico e também fez todas as edificações. Em termos de paisagismo, que eu me lembre, ela participou junto com Stênio [de Araújo Barros], que foi o primeiro diretor de parque e jardins, ela fez um estudo de paisagismo e arborização do eixo rodoviário, pelo menos do eixo rodoviário sul.

Basicamente, os instrutores foram recrutados entre os que tinham feito atividade no movimento estudantil, eu vim através do Pessina, nós fizemos parte da mesma diretoria do nosso grêmio estudantil, do nosso diretório acadêmico. Pessina era o presidente e eu era o secretário-geral, brigávamos muito na época, brigas políticas. Nós ficamos amigos para o resto da vida. Ele se formou um ano antes, e já tinha vindo para Brasília, e eu sabia que ele estava na UnB. Quando eu e Márcia terminamos a graduação, eu conversei com Pessina sobre a possibilidade de eu vir para Brasília, ele foi muito gentil, não só me introduziu na universidade, como me trouxe literalmente. Fizemos a viagem do Rio para Brasília num fusquinha dele e chegamos aqui à noite. Foi uma coisa deslumbrante meu primeiro contato com Brasília à noite, com toda aquela iluminação no meio do Cerrado, de um deserto, foi uma coisa fantástica.

Ele me apresentou ao Graeff, que eu já conhecia de um encontro de estudantes e arquitetos em Porto Alegre, e o Graeff me aceitou como mestrando, e eu sugeri a contratação da Márcia, que era minha namorada na época. O Graeff aceitou, nos contratou e nos chamou para Brasília, e assim viemos.

Uma coisa que é interessante falar das dificuldades normais de implantar uma pós-graduação no meio do Cerrado, numa universidade que estava sendo construída com muitas dificuldades de acesso à documentação e informação. O mundo que existia em Brasília em 1963/64 não pode ser comparado com facilidades que se tem hoje de acesso à informação. Acesso a livro, por exemplo, você tinha com um ou outro livreiro que se dispunha a importar livro, livrarias praticamente não existiam [em] Brasília, e a outra dificuldade que eu acrescento a essa é que Arquitetura não tinha tradição acadêmica nem no Brasil nem no mundo. Essa tradição acadêmica na área é muito recente, e eu acho que a nossa pós-graduação sofreu todas essas limitações e percalços. Acho que a pós-graduação foi a melhor possível e muito interessante, e marcou a vida de quem participou. O Jayme foi muito enfático nisso e eu subscrevo: foi uma experiência marcante, não só para nós como também para o resto do país. Porque eu acho que apesar dos esquecimentos ou do não reconhecimento, inclusive essa uma coisa que talvez você pudesse investigar até que ponto a universidade nos reconhece como mestrandos, pois a impressão que eu tenho é que não reconhece. E a explicação que o Jaime deu de que os nossos orientadores não tinham mestrado, se fosse válido para arquitetura, não seria válido para todas as outras áreas, que já tinham mais formação, mais experiência e mais tradição acadêmica. O Jayme foi meu orientador e eu acho que minha opção pelo Urbanismo nasceu aí.

Quando eu falei que arquitetura não tinha tradição acadêmica, existia um pouco do lado do urbanismo, de uma forma divorciada da arquitetura, porque também essa junção entre arquitetura e urbanismo que existe no Brasil não é exatamente válida para todos os outros países. Na Inglaterra, você tinha uma tradição maior de estudos em planejamento urbano, e mesmo lá os professores e orientadores não tinham formação acadêmica. No caso do professor Marshall, a experiência básica dele era a experiência profissional. O programa do Darcy era esse, o Zanine, por exemplo, foi incorporado sem ter nem graduação.

Alfonso, um colombiano no Cerrado

Eu cheguei ao Brasil pelo convênio que tinha com a Colômbia, e fui destinado a Porto Alegre, onde eu conheci o professor Edgar Graeff. Quando terminei a graduação, fui a Brasília para solicitar o ingresso na pós-graduação, mas o Alcides da Rocha Miranda disse que eu não poderia, pois era estrangeiro e que eu deveria voltar a Porto Alegre e falar com Graeff, que aceitou meu pedido. Como lembrou o Geraldo, nós tínhamos as quatro superquadras como objeto de estudo e o Niemeyer me perguntou o que eu gostaria de desenvolver como tese. Respondi que gostaria de fazer arborização, mas que não tinha nenhum conhecimento. Niemeyer me respondeu que seria muito difícil me orientar nesse tema. Eu, numa audácia, disse que poderia pedir ao Roberto Burle Marx para ser meu orientador. Niemeyer respondeu que seria difícil, que o paisagista era uma pessoa muito ocupada e que não poderia trazê-lo para Brasília. O ministro Vladimir Murtinho, que escutava a conversa, se ofereceu para interceder junto ao paisagista, e também me deu a passagem e colocou um carro para me levar até o sítio de Burle Marx. Ele me recebeu e eu fiquei três dias com ele, falou-me da paisagem (na época, não existia o termo “arquitetura paisagística”), da arborização, de tudo isso. Eu gostaria de fazer a arborização de Brasília, mas com as árvores do Cerrado. Ao ver que eu era o primeiro arquiteto a tocar o tema e que ele me apoiaria, ao voltar para Brasília, ele me disse que em Brasília eu teria um orientador da parte botânica, que era o Dr. Ezechias Paulo Heringer, o especialista maior do Cerrado. Outro orientador meu foi o Lelé.

Veio o golpe militar, e eu vi que todos renunciaram. Amigos de outras áreas, não de Arquitetura, me diziam para não renunciar, pois eu era estrangeiro e que eu não tinha problemas. Respondi que se todos os meus amigos tinham renunciado, eu não teria coragem de olhar os alunos e renunciarei. Tive uma carta maravilhosa de Oscar Niemeyer, escrita à mão, dizendo que eu era muito dedicado e muito talentoso. Então eu fui para o Rio falar com o Roberto e me ofereci para trabalhar com ele. Trabalhei de sol a sol, e ele me levava para todos os lugares, inclusive representei ele em Curitiba. Nesse meio-tempo, saiu a minha bolsa para ir para a França. Ele me apoiou e disse que era importante essa experiência europeia.

Eu achava que Brasília tinha muito espaço público, mas muito pouco público no espaço. Eu dizia que as superquadras deveriam ter equipamentos para que as pessoas se

reunissesem. Olhando as cidades mineiras, gaúchas, as pessoas estão na rua. Em Brasília, as pessoas não se reúnem. Eu propunha que deveriam existir equipamentos com lugares onde os jovens pudessem fazer as coisas da juventude. Passei com distinção, por parte da minha banca composta pelo Lelé, pelo Roberto Burle Marx e pelo Heringer. Com ajuda de alguns professores amigos, fizemos toda a movimentação e eu tenho meu diploma de Mestre pela Universidade de Brasília.

O rabo de foguete

E, então, quando o resultado de uma das pesquisas trouxe à tona um conjunto razoável de documentos confidenciais, sigilosos e ultrassecretos gerados no interior da instituição militar e revelou que as Forças Armadas muito possivelmente ainda conservam seus próprios arquivos sobre o período da ditadura, jornalistas e historiadores chegaram à mesma conclusão: os fatos não coincidiram com aquilo que os militares estavam dispostos a assumir em público e existem segredos que não se querem divulgar (FIGUEIREDO, 2015, p. 8).

Em 2015, foi lançado o livro *Lugar nenhum: militares e civis na ocultação dos documentos da ditadura*, e graças ao trabalho investigativo do autor, pude perceber que os esqueletos continuavam no armário, atravessaram a ditadura, viveram seu período democrático e, infelizmente, correm o risco de voltar às sombras.

Philomena voltou à FAU-UnB depois da anistia nos anos 1990, fez palestras e uma exposição com seus trabalhos recentes, onde conheceu e manteve contato com o professor Paulo Marcos Oliveira. Seu trabalho por muito tempo foi e ainda é referência aos estudos bioclimáticos locais. Quase 30 anos depois, ela já tinha sua vida estruturada na França, e não podia se afastar por longos períodos. Foi então que decidiu trazer uma exposição do seu trabalho com os alunos, que, como contou na entrevista, “não somente foi apresentado aqui em Brasília, contou com o patrocínio da Embaixada da França e a Varig que fez viajar a exposição que circulou no Brasil todo e foi parar no Uruguai e na Argentina”. (MILLER, 2015, entrevista).

Shyam Janveja, arquiteto e mestrando indiano, foi um dos primeiros a ser preso no *campus*. Não havia nada contra ele, tinha acabado de chegar ao país. Assim como os outros, ele se demitiu, mas continuou em Brasília e hoje é um dos sócios de uma rede hoteleira.

Um documento do CNB, guardado pelo CISA e datado de 7 de abril de 1972, faz referência à prisão de Shyam Sunder Janveja, o tema geral do documento é sobre um grupo de moradores da Península Norte insatisfeito com a cobrança de taxas de serviço telefônico. Referindo-se a Shyam Sunder Janveja, o documento confirma sua prisão no *campus* da Universidade de Brasília a 11/10/1965, “por ocasião da crise”. A inexistência de qualquer outra referência, que certamente constaria num documento desta natureza (um registro de antecedentes) demonstra que a crise, em si mesma, foi o motivo da detenção (RAMOS DE AGUIAR, 2015, p. 79).

Figura 51: Foto interna do ICC na FAU-UnB



Fonte: Elaboração própria da autora (2018).

Pessina não seguiu carreira acadêmica, mas apresentou sua dissertação como porta-fólio ao ingressar no BNH (Banco Nacional de Habitação), onde trabalhou com o professor e amigo Marcílio Mendes Ferreira. No início dos anos 1990, retornou à universidade e logo assumiu a vice direção junto ao professor Frank Svensson, que o convocou por antiguidade, afinal ele estava na FAU-UnB desde 1962. Pessina segue morando em Brasília, e, recentemente, seus netos foram alunos do curso. Ele nos conta um pouco desse episódio:

Pessina: logo após eu voltei para o Rio tentando ver as condições de trabalho. Mas não tinha, eram uns 200 arquitetos desempregados. Fui a reuniões no IAB, encontrei o pessoal todo. Em Brasília, eu morava num apartamento na 305. Passei dois meses na expectativa no Rio de Janeiro. Ao retornar à Brasília, no dia seguinte eu estava trabalhando. Inclusive, gente veio me convidar para voltar à Universidade, até com ameaças, mas eu não quis. Aqui, fui ficando, nasceu um filho, outro, e fui criando raízes. Então eu fiz concurso para o BNH e passei, aqui em Brasília. Sempre pensando em voltar ao Rio, mas acabei ficando aqui (PESSINA, 2015, entrevista).

Após a demissão, Galvis foi para o Rio de Janeiro trabalhar com Burle Marx, que tinha participado ativamente da sua orientação de mestrado. Com o paisagista, participou dos projetos do Parque Central de Curitiba e dos desenhos dos Jardins de Palácio do Itamaraty. Em 1967, foi para a França e trabalhou no escritório do arquiteto e paisagista Jacques Sgard. Em Paris, conheceu Michèle Cescas de Leiva, com quem se casou e firmou parceria de vida, desenvolvendo uma série de trabalhos de arquitetura e paisagismos na Colômbia, de 1971 a 2004, incluindo a arborização e o paisagismo do plano urbano de Bogotá, no começo dos anos 1970. Concomitantemente, dedicou-se à carreira docente.

Márcia continuou em Brasília e trabalhou com Jayme Zettel na Novacap, como ele mesmo me contou na palestra que proferiu na FAU-UnB. Apesar dos seus estudos em Arquitetura Escolar, nos anos 1970 trabalhou no Departamento de Parques e Jardins de Brasília, onde participou do desenvolvimento do projeto de paisagismo do Zoológico de Brasília. Nos anos 1980, dirigiu a Superintendência de Parques e Jardins de Salvador. Lecionou na Universidade Santa Úrsula e foi coordenadora do Núcleo Rio da ABAP. Envoltas com a paisagem e o meio ambiente, fez parte da equipe que desenvolveu o dossiê da candidatura do Rio de Janeiro a Patrimônio Mundial, pela Unesco. Faleceu em 2019.

Depois da demissão, Sérgio e Mayumi Souza Lima continuaram na docência e participando ativamente da vida política. Sobre a trajetória de Sérgio pouco se sabe. Procurando muito, descobri um pouco da sua atuação docente: a dissertação de Susana Maria Moreira defendida na UNICAMP, em 1989, cujo título é *O ensino de Arquitetura e Urbanismo nos anos 70: a experiência da FAU São José dos Campos*, merece menção, pois, além de ter sido orientada por Sérgio Souza Lima, retrata um pouco da migração de alguns professores do ICA para a FAU-Santos, FAU-São José dos Campos e, posteriormente, Campinas. Talvez na tentativa de continuar a experiência adquirida em Brasília.

Entre outras informações não documentais, seu nome aparece associado ao de Sérgio Ferro e à militância política pós-golpe de 1964.

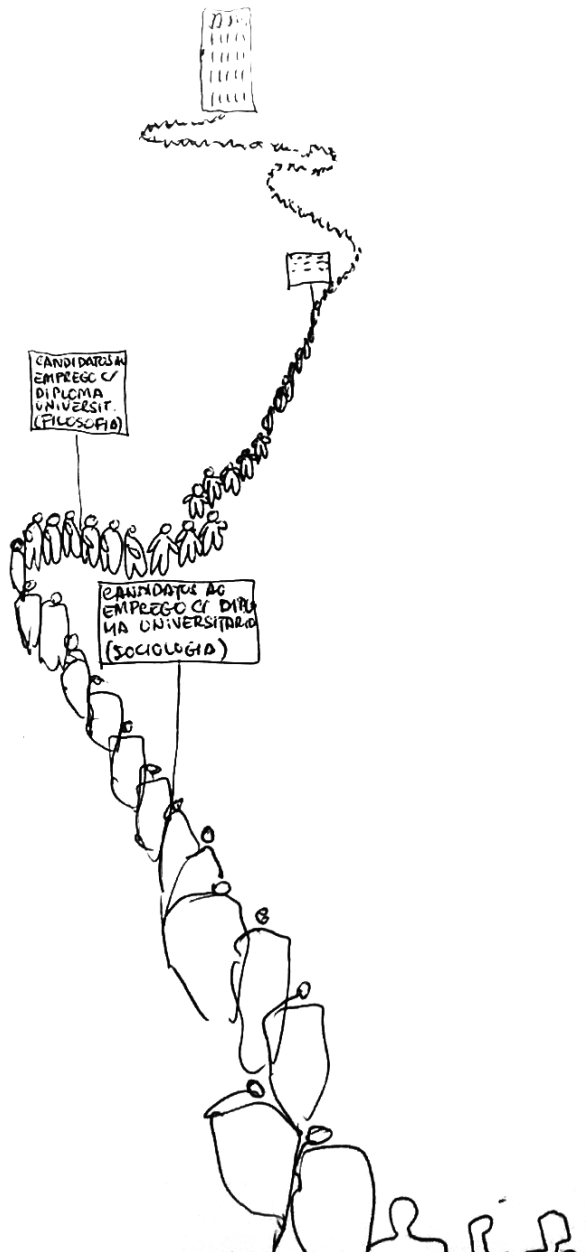
Era comum os vanguardistas de então, na arte e na política, serem conhecidos, até mesmo amigos íntimos. Houve muitos que viveram os dois papéis. Veja-se Sérgio Ferro: arquiteto da mais inovadora geração da FAU-USP depois de Niemeyer e Vilanova Artigas, também pintor dos bons, militou na Aliança de Libertação Nacional (ALN) e, graças às revistas técnicas publicadas pela Light, ajudou Sérgio Souza Lima (também arquiteto, também militante da ALN) a desenhar um mapa de todas as subestações elétricas da cidade de São Paulo, a serem tomadas e inutilizadas pelas forças guerrilheiras como ação de apoio ao assalto a um quartel militar. Nem os “milicos” acreditaram no grau de precisão daquele mapa, porque a história verdadeira tinha cara de lorota. Mesmo um certo José Eugênio Soares, filho de família abastada e então nada além de mero frequentador da boémia carioca pós-bossa nova e aspirante a artista, andou pelas franjas da ALN por um tempo. Os meios intelectuais das grandes metrópoles durante toda a década de 1960 viviam uma efervescência política comum ao tempo, à esquerda e à direita (ou para os dois lados, como Otto Maria Carpeaux), e era impossível não ter posição a respeito de temas como desenvolvimento econômico, socialismo, guerrilhas, revolução etc. (XARÔ, 2011, [s.p.]).

Mayume Watanabe prosseguiu na carreira docente passando pela FAU-Santos, FAU-São José dos Campos e pela Escola de Engenharia de São Carlos. Como professora, “colocava seus alunos em contato com as favelas no primeiro ano de estudo, buscando a politização dos estudantes. Acreditava na arquitetura aliada às mudanças sociais”, como nos contou Mayumi na entrevista concedida. Como pesquisadora, dedicou-se à Arquitetura para Educar (BONDUKI, 1996), que também é o nome do seu livro lançado postumamente por Sérgio. Sua vida política foi ainda mais intensa, mas essa é uma outra história.

Como colaboradora, ainda jovem, de Artigas, Lina Bardi, Niemeyer e João Filgueiras Lima, professora da Universidade de Brasília em sua fase histórica (1961-4) e de várias outras escolas de Arquitetura de São Paulo, Mayumi sempre se dedicou a formar homens e profissionais para uma nova sociedade. Trabalhando com a construção complexos escolares e universitários, quase sempre em órgãos públicos, nunca se deixou seduzir pelo poder. Seus textos mostram uma postura crítica e militante, dissonante frente à importância de seus cargos públicos, como, entre outros, o de superintendente (1975-9 e 1983-4) de planejamento da Conesp (Companhia de Construções Escolares do Estado de São Paulo). Mayumi critica, por exemplo, a maneira como o Estado tratou, desde os anos 50, da implantação do ensino público universal. Até então, “a criação e a construção de escolas era a garantia do status político e social das elites. O seu tamanho, imponência e arquitetura e a expansão da rede não se relacionavam diretamente com a necessidade de aumento da demanda.” Qualidade do ensino e da arquitetura escolar, embora valores incontestes, exprimiam, de fato, uma ação elitista. (BONDUKI, 1996, [s.p.]).

Além das dissertações, não há muitos registros sobre as passagens dos mestrandos dos anos 1960 pela FAU-UnB, e tampouco de outros cursos, como comentou Gilda Verri, mestranda em Biblioteconomia e esposa de Geraldo Santana. Entre memórias e histórias, é certo que ainda devemos muito reconhecimento ao passado. Por aqui, as dissertações não ficaram só esquecidas nas prateleiras, como nós também ignoramos o fato de, até hoje, reconhecimento mais importante não lhes ter sido dado: o título de Mestres em Arquitetura e Urbanismo.

Figura 52: Caricatura de Mayumi



Fonte: Fundação Perseu Abramo - Fundo MSL.

Referências

- ALIAGA FUENTES, Maribel Del Carmen. Mayume e Sérgio Souza Lima: os blocos residências da Vila São Miguel. In: X SEMINÁRIO DOCOMOMO BRASIL ARQUITETURA, 2013. Disponível em: https://www.academia.edu/44150151/MAYUME_E_S%C3%89RGIO_SOUZA_LIMA_OS_BLOCOS_RESID%C3%8ANCIAS_DA_VILA_S%C3%83O_MIGUEL. Acesso em: 29 ago. 2021.
- ALMEIDA, Jaime G. de. *UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA: a ideia, diáspora e individualização*. Brasília: Editora UnB, 2017.
- APARECIDA, Geralda Dias. UnB em dois tempos. In: CARTA: falas, reflexões, memórias: informe de distribuição restrita do senador Darcy Ribeiro. Revista *CARTA*, v. 1, n. 4, p. 37-53, 1991.
- BASTOS, Maria Alice Junqueira; ZEIN, Ruth Verde. *Brasil, arquiteturas após 1950*. São Paulo: Perspectiva, 2010. (Coleção: ARQUITETURA/ARQ).
- BOMENY, Helena. Duas paixões meteóricas: UnB e Jango, primeiras notas. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.). *João Goulart: entre a memória e a história*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2006. p. 7-191.
- BONDUKI, Nabil. Arquitetura para educar. *Folha de S.Paulo*, 8 mar. 1996. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/3/08/caderno_especial/16.html. Acesso em: 13 fev. 2022.
- BOSI, Ecléa. A pesquisa em memória social. *Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC)*, v. 4, p. 277-284, 1993.
- CAVALCANTE, Neusa. *Ceplan: 50 anos em 5 tempos*. 2015. 508 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de Brasília, Brasília, 2015.
- COSTA, Lucio. Relatório para o Plano Piloto de Brasília, 1957. In: *Plano Orientador da Universidade de Brasília*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1962a.
- COSTA, Lucio. O novo humanismo científico e tecnológico. In: XAVIER, Alberto (org.). *Lucio Costa: sobre Arquitetura*. Porto Alegre: Centro dos Estudantes Universitários de Arquitetura, 1962b. v. 1º volume.
- DORFMAN, Cesar. *Havana 63*. Porto Alegre: Movimento, 2013.
- DUARTE, Walderez Maria Duarte (org.). *Catálogo de Dissertações e Teses da Universidade de Brasília: 1964 a 1981*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1993.
- FICHER, Sylvia. *Os arquitetos da Poli: ensino e profissão em São Paulo*. São Paulo: EDUSP, 2005.
- FIGUEIREDO, Lucas. *Lugar nenhum: militares e civis na ocultação dos documentos da ditadura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

- GOIA, Mário. Modernidade de projeto na USP se perde. *Folha de S.Paulo*, 16 out. 2005. Caderno Ilustrada. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1610200519.htm>. Acesso em: 13 fev. 2022.
- GRAEFF, Edgar. Sobre o “Curso-Tronco” de Arquitetura e Urbanismo da UnB. [s.L.; s.n.e], 1963. Mimeografado.
- JORGE, Thais de Mendonça. *UnB 50 anos: história contada*. Brasília: Editora UnB, 2012.
- LEITÃO, Francisco das Chagas. *Do risco à cidade: As plantas urbanísticas de Brasília, 1957-1964*. 2003. 165 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2003.
- LIMA, Mayumi Souza. *Arquitetas invisíveis*, 2014. Disponível em: <http://www.arquitetasinvisiveis.com/mayumi-souza-lima>. Acesso em: 11 set. 2016.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *História oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2015.
- MENDES, Manuel. *O Cerrado de casaca*. Brasília: Thesaurus Editora, 1995.
- MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adélia. Darcy Ribeiro e UnB: intelectuais, projeto e missão. *Ensaio: Aval. Pol. Públ. Educ.*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 96, p. 585-608, jul./set. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v25n96/1809-4465-ensaio-S0104-40362017002500939.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2018.
- NOBRE, Ana. Luiza. Alcides Rocha Miranda, educador. *Revista Caramelo*, v. 10, p. 128-137, 1999.
- NUNES, Brasilmar Ferreira. *Brasília: a fantasia corporificada*. [s.l.]: Paralelo 15, 2004.
- PEREIRA, Margareth da Silva. O rumor das narrativas: a história da arquitetura e do urbanismo do século XX no Brasil como problema historiográfico – notas para uma avaliação. *REDOBRA*, v. 13, 2014.
- PLANO ORIENTADOR DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA-UnB. Conselho Diretor da Fundação Universidade de Brasília. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1962. Disponível em: https://unb.br/images/Noticias/2019/Documentos/PDE_UnB_Plano_Orientador_UnB_1962_LQ.pdf.
- PUHL, Liege. *Arte total, ensino total* – Alcides Rocha Miranda, a UnB e o Instituto Central de Artes. In: 11º SEMINÁRIO NACIONAL DOCOMOMO BRASIL, Brasília, 2016.
- RAMOS DE AGUIAR, Roberto Armando. *Comissão Anísio Teixeira de Memória e Verdade*. Brasília: Universidade de Brasília, 2015. Disponível em: http://www.unb.br/noticias/downloads/Relat%C3%B3rio_Comiss%C3%A3o_da_Verdade.pdf. Acesso em: 15 set. 2016.
- REVISTA ACRÓPOLE, Ano 31, n. 371, mar. 1970.
- REVISTA ACRÓPOLE. Edição especial da Universidade de Brasília, n. 369/370, 1970.

REVISTA DA COMPANHIA URBANIZADORA DA NOVA CAPITAL. Universidade de Brasília, Brasília, v. 65-81, 1962.

RIBEIRO, Darcy. *UnB: invenção e descaminho*. Rio de Janeiro: Avenir Editora, 1978.

RIDENTI, Marcelo. Cultura e política: anos 1960-1970 e sua herança. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (org.). *O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 133-166.

ROCHA MIRANDA, Alcides da. Depoimento publicado sob o título “Convivência e harmonia com o passado”. *Arquitetura Revista*, FAU-UFRJ, Rio de Janeiro, n. 4, p. 15-30, 1986. *Revista Caramelo*, v. 10, p. 149-157, 1999.

ROCHA, João Augusto de Lima. Anísio Teixeira e a ciência no país. *Jornal da Ciência*, Rio de Janeiro, jul. 2000.

ROCHA, João Augusto de Lima. As mais recentes informações sobre a morte de Anísio Teixeira. *UnBNOTÍCIAS*, 3 mar. 2016. Caderno Opinião. Disponível em: <https://noticias.unb.br/artigos-main/452-as-mais-recentes-informacoes-sobre-a-morte-de-anisio-teixeira>. Acesso em: 29 ago. 2021.

SALMERON, Roberto. *A universidade interrompida: Brasília 1964-1965*. Brasília: Editora UnB, 2007.

SCHLEE, Andrey Rosenthal. O Lelé na UnB (ou o Lelé da UnB). In: PORTO, Claudia Estrela (org.). *Olhares: visões sobre a obra de João Filgueiras Lima*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2010, v. 1. p. 149-164.

SCHLEE, Andrey Rosenthal; FICHER, Sylvia. O Programa de Pós-Graduação da FAU/UnB estuda Brasília. In: BRASÍLIA - CONFRONTO ENTRE A ILUMINAÇÃO DO PASSADO E A REFLEXÃO SOBRE UM PRESENTE EM EVOLUÇÃO CONSTANTE. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://www.anparq.org.br/dvd-enanparq/simposios/158/158-718-2-SP.pdf>. Acesso em: 16 set. 2016.

SOUZA, Daniel Emídio de Souza. *Dias de agonia*. Goiânia: Kelps, 2005.

TODOROV, Maria Silvia Ribeiro. *UnB – evolução da estrutura acadêmica: do Plano Orientador ao Estatuto de 1993*. Brasília: CEDOC-UnB, 1993.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. Hemeroteca Digital Brasileira – *Jornal Última Hora*, Ano X, n. 3.093, 27 jul. 1960.

VIEIRA VULCÃO, Maria Goretti. *A construção e o discurso de criação do “Curso-Tronco” de Arquitetura e Urbanismo na Universidade de Brasília (1962-1963)*. 2008. 183 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

WAISMAN, Marina. *O interior da história*. Tradução de Anita Di Marco. São Paulo: Perspectiva, 2013.

WOOLF, Virgínia. *Profissões para mulheres e outros artigos feministas*. Tradução de Denise Guimarães Bottmann. Porto Alegre: L&PM Editores, 2016.

XAVIER, Alberto (comp.). *Lucio Costa: sobre Arquitetura*. Porto Alegre: Centro dos Estudantes Universitários de Arquitetura, 1962. v. 1.

XARÔ, Mano. Viviam os dois papéis. *Passa Palavra*, 24 dez. 2011. Disponível em: <http://passapalavra.info/2011/12/50188>. Acesso em: 15 abr. 2017.

Documentos e Atas do Conselho Diretor

BRASIL. Câmara dos Deputados. Lei nº 3.998, de 15 de dezembro de 1961. Autoriza o Poder Executivo a instituir a Fundação Universidade de Brasília, e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, de 20 dez. 1961. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/13998.htm.

CEDOC - Centro de Documentação da UnB

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO (CEDOC) UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB) (1962).

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO (CEDOC) UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB) (1964).

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO (CEDOC) UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB) (1965).

CONSELHO DIRETOR DA FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. Resolução X, 1962.

CONSELHO DIRETOR DA FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. Resolução II, 6 jan. 1962.

CONSELHO DIRETOR DA FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. Resolução XXI, 31 maio 1962.

SECRETARIA DO CURSO-TRONCO DE ARQUITETURA E URBANISMO, 1962. Documento mimeografado.

Dissertações

BATISTA, Geraldo Nogueira. *Um estudo do comércio local de Brasília*. Brasília: Universidade de Brasília, 1965a.

BATISTA, Márcia. *Escolas Primárias*. Brasília: Universidade de Brasília, 1965b.

DUBUGRAS, Elvin Mackay. *Notas sobre a Arquitetura do século XVIII em Pilar de Goiás*. Brasília: Universidade de Brasília, 1965.

FERREIRA, Philomena Chagas. *Alguns dados sobre o clima para a edificação em Brasília*. Brasília: Universidade de Brasília, 1965.

GALVIS, Alfonso Leiva. *Paisagismo da área de vizinhança São Miguel-Brasília*. Brasília: Universidade de Brasília, 1965.

JANVEJA, Shyan Sander. *Investigação dos trabalhos de Le Corbusier, Lucio Costa e Oscar Niemeyer*. Brasília: Universidade de Brasília, 1966.

LIMA, Mayumi Watanabe Souza. *Aspectos da habitação urbana: projeto da habitação coletiva para a Unidade de Vizinhança São Miguel*. Brasília: Universidade de Brasília, 1965a.

LIMA, Sérgio. Souza. *Algumas considerações sobre um texto de Lucio Costa*. Brasília: Universidade de Brasília, 1965b.

PESSINA, Luiz Henrique Gomes. *Aspectos gerais da pré-fabricação: estudo de cronograma de obra com pré-fabricados*. Brasília: Universidade de Brasília, 1964.

PINTO, Armando de Andrade. *Valores Arquitetônicos*. Brasília: Universidade de Brasília, 1965.

SANTANA, Geraldo José. *Centro de Educação Elementar: anteprojeto das escolas de uma área de vizinhança de Brasília*. Brasília: Universidade de Brasília, 1965.

Entrevistas

BATISTA, Geraldo Nogueira. Entrevista concedida a Maribel Del Carmen Aliaga Fuentes. Junho de 2014.

CASTRO, Antônio Moraes de. Entrevista concedida a Maribel Del Carmen Aliaga Fuentes. Agosto de 2015.

KUNZE, Elza. Entrevista concedida a Maribel Del Carmen Aliaga Fuentes. Julho de 2015.

LEAL, Jayme. Entrevista concedida a Maribel Del Carmen Aliaga Fuentes. 05 de fevereiro de 2021.

MILLER, Philomena. Entrevista concedida a Maribel Del Carmen Aliaga Fuentes. Março de 2015.

MILLER, Philomena Chagas. *et al.* Aos mestres da pós-graduação na UnB 1962-1965, 2021. Disponível em: <https://youtu.be/GYuzMZbZ7AM>.

PESSINA, Luiz Henrique Gomes. Entrevista concedida a Maribel Del Carmen Aliaga Fuentes. Abril de 2015.

TODOROV, João Claudio. Entrevista concedida a Maribel Del Carmen Aliaga Fuentes. Julho de 2015.

Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.

Pesquisa, projeto e industrialização:

a participação da arquitetura na UnB de Darcy Ribeiro

Uma cidade criada na poeira vermelha do Cerrado no centro do país, a partir do traço do arquiteto, não poderia prescindir de uma universidade. Assim pensava a intelectualidade brasileira no final dos anos 1950. Essa defesa, assim como a transferência da capital, não era unanimidade, mas foi sendo elaborada, discutida e defendida. Reforçando o debate, temos a participação ativa dos arquitetos que aqui estavam construindo a cidade. Os cursos de arquitetura no Brasil eram poucos e estavam concentrados nas grandes capitais. Apesar de importantes debates sobre os cursos e o ensino, na prática não havia formação docente.

Todas essas discussões encontram, na criação da Universidade de Brasília, um ambiente propício para o desenvolvimento do conhecimento. Inserido num contexto único de ausências e experimentações, o curso consegue reunir nomes importantes da arquitetura e do urbanismo, atraindo jovens arquitetos na expectativa de uma carreira acadêmica, além de dar espaço para a criação de novidades que correspondessem aos anseios dos estudantes.

O tempo vivido foi curto, pouco mais de dois anos, interrompidos pela ditadura militar de 1964. Porém, reescrevendo e resgatando a memória por nossas personagens, podemos perceber que a intensidade dessa vivência acompanhou sempre os mestrandos da FAU-UnB de 1965.